



A GNOSIS ORIGINAL EGÍPCIA



O CORPUS HERMETICUM

COMENTADO POR

J. VAN RIJCKENBORGH

TOMO

1



A GNOSIS ORIGINAL EGÍPCIA

A GNOSIS ORIGINAL EGÍPCIA
E SEU CHAMADO NO ETERNO PRESENTE

O *CORPUS HERMETICUM* DE
HERMES TRISMEGISTO COMENTADO

POR

J. VAN RIJCKENBORGH



TOMO I
2.^a EDIÇÃO


EDITORA
Rosacruz

Copyright © 1960 Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda

Título original:
DE EGYPTISCHE OERGNOSIS

Tradução da edição alemã de 2005
DIE ÄGYPTISCHE URGNOSIS

2006
IMPRESSO NO BRASIL

LECTORIUM ROSICRUCIANUM
ESCOLA INTERNACIONAL DA ROSACRUZ ÁUREA

Sede Internacional
Bakenessergracht 11-15, Haarlem, Holanda
www.rozenkruis.nl
info@rozenkruis.nl

Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Travessa das Pedras Negras, 1, 10, Lisboa, Portugal
escola@rosacruzaurea.org
www.rosacruzlectorium.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rijckenborgh, J. van

A Gnosis original egípcia e seu chamado no eterno presente: o *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto comentado por Jan van Rijckenborgh [tradução: equipe de tradutores do Lectorium Rosicrucianum]. – 2. ed. – Jarinu, SP : Rosacruz, 2006.

Título original: *De Egyptische Oergnosis*

Título anterior: A arquignosis egípcia e seu chamado no eterno presente

Tomo I

ISBN 85-88950-35-9

1. Alquimia 2. Filosofia egípcia 3. Gnosticismo 4. Hermetismo
5. Trismegisto, Hermes I. Título.

06-3841

CDD-135.43

Índices para catálogo sistemático:

I. Gnose egípcia : Literatura esotérica :
Rosacrucianismo 135.43

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13.240-000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel. (11) 4016.1817 – FAX (11) 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO BRASILEIRA	15
1 HERMES TRISMEGISTO	17
Os três vezes três aspectos do homem hermético . . .	19
A sublimidade tríplice do novo nascimento humano na Rosacruz clássica	19
A fuga para o Egito	21
2 A <i>TABULA SMARAGDINA</i>	23
Esclarecimento	24
3 O <i>CORPUS HERMETICUM</i>	31
Introdução	31
Pimandro	31
4 PRIMEIRO LIVRO: PIMANDRO	37
<i>O texto</i>	37
5 PIMANDRO E HERMES	49
A cooperação entre cabeça e coração	49
A purificação do coração	53
6 A POSIÇÃO DA ORDEM DIALÉTICA NA SETUPLICIDADE CÓSMICA	57
Sua missão no Universo	58
A Gnosis egípcia e a Gnosis de Mani	59
O drama da união do espírito com a matéria	62
A missão do homem	64
7 SALVAÇÃO E REMISSÃO DE CULPA	67
A promessa da filiação: a semente áurea da imortalidade	68

	Salvação: o retorno à pátria original	69
	O milagre do grande plano divino de reconciliação	71
8	A DUPLA NATUREZA DO HOMEM	73
	O homem natural: uma figura ilusória	75
	Separação dos sexos	75
	A causa das anormalidades sexuais	77
	A purificação sétupla do coração	79
9	IMPELI A ALMA IMORTAL AO NASCIMENTO!	81
	O reino de Deus está em vós	82
	O Pai e eu somos um	82
	O ingresso no reino oculto	83
	O homem da natureza deve diminuir, e o	
	Outro deve crescer	84
	O grande erro	84
10	O BOM FIM	89
	O caminho de retorno à vida original	90
	O anel-não-mais-além	91
	O bom fim	92
	A característica do homem nascido como alma	93
	Colheita	96
11	O BENEFÍCIO DE PIMANDRO	99
	Inalação e exalação	100
	O sono do aluno gnóstico	100
	Cântico de louvor de Hermes	101
12	A ESTRUTURA DO RITUAL GNÓSTICO	103
	O cântico de louvor de Hermes e o número nove	103
13	A ESFERA ASTRAL DIALÉTICA	107
	A dramática vida na esfera astral	109
	Perigos para o aluno	110
	Os perigos da vida de sonhos	111
	Uma pergunta urgente	112
14	A SAÍDA DO APRISIONAMENTO ASTRAL	113
	Ausência de desejos	114

	A força com cabeça de leão	116
	A chave da senda gnóstica	117
	A necessidade de um discipulado positivo	118
	O verdadeiro desejo de salvação	119
15	O CAMINHO QUE LEVA À CONDIÇÃO DE ESTRANGEIRO	121
	O novo nascimento sideral	124
	A senda rosacruz	124
	A nova diretriz	125
	Nenhum lugar mais para descansar a cabeça	126
	A condição de estrangeiro	128
16	O DESPERTAR DA ALMA – I	129
	O corpo astral gnóstico	130
	A transfiguração da alma	131
	O novo elixir de vida	132
	O benefício de Pimandro	134
17	O DESPERTAR DA ALMA – II	139
	O surgimento dos éons	140
	O décimo terceiro éon	142
	A necessidade de auto-santificação	142
	A coroa imarcescível da magnificência	145
18	A REALIDADE DA LIBERTAÇÃO	147
	Cor e vibração do novo campo astral	147
	Dois modos de morrer na esfera de vida dialética	149
	O afastamento da barreira	150
	A imitação do auxílio gnóstico	151
	Os guardiães das fronteiras	151
	Exalação e inalação	153
	Passar as fronteiras da morte	153
19	A EDUCAÇÃO PRÁTICA DO PENSAMENTO	155
	O centro da memória	155
	A lípica	155
	O pensamento humano não é livre	156

	Cinco minutos de pensar irrefletido podem	
	anular um trabalho de cinco anos	157
	Deveis vigiar vossos pensamentos	157
	Uma pergunta vital	159
	Como a Gnosis irrompe no sistema humano	160
	A chave da senda nas próprias mãos	160
	Sonhos	162
20	O SINAL DO FILHO DO HOMEM	165
	Pão e vinho: o Santo Graal	165
	A dupla ligação com o novo campo astral	166
	O surgimento da veste áurea nupcial	167
	O terceiro olho: a prodigiosa flor áurea	168
	Um guardião diante dos teus pensamentos	168
	A intuição gnóstica	169
	O capacete da salvação	169
	O auxílio do banho de luz astral gnóstico	171
21	O BANHO DE LUZ E O <i>CONSOLAMENTUM</i>	173
	A natureza do banho de luz	173
	As almas que dormem, dos que já perderam o	
	corpo material	174
	O <i>consolamentum</i>	175
22	VIVEI DO NOVO PRINCÍPIO ANÍMICO	177
	Consciência, vida e alma	177
	Os três estados astrais	179
	O deslocamento do arranjo magnético	180
	A inversão dos pólos	182
	O florescer da nova consciência anímica	182
	A ligação com o Espírito	182
23	O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
	NO NOVO CAMPO ASTRAL	183
	O estado extraordinário do Corpo Vivo da	
	jovem Gnosis	183
	O objetivo do discipulado	185

	Dois exemplos	186
	O auxílio a um aluno falecido	188
	O alinhar das almas adormecidas	189
	A colheita e os ceifeiros	190
	O franco-maçom ativo por si mesmo e autocriador	190
24	O SALÃO NUPCIAL: A CABEÇA ÁUREA	191
	A pesagem dos candidatos	194
	O reino dos céus	194
	O Pai e eu somos um	194
	Quem nunca poderá encontrar a força do Paracleto	195
25	SEGUNDO LIVRO: PIMANDRO A HERMES	197
	<i>O texto</i>	197
26	O CONHECIMENTO VIVO DE DEUS	209
	A arrogância da teologia	210
	O aparecimento do materialismo histórico	211
	A verdade é imutável e indestrutível	212
	A essência de Deus apenas pode ser compreendida espiritualmente	213
	Sem ligação restabelecida com o espírito é impossível conhecer verdadeiramente a Deus	213
27	O AMOR UNIVERSAL DE DEUS	215
	O amor de Deus é onipresente	216
	O amor da vida dialética	216
	A Terra Santa	217
	Um tempo de Deus e um tempo do homem	218
	Duas espécies de dialética	219
	A morte de Cristo é vida para nós	220
28	O MISTÉRIO DE NOSSA ORIGEM	221
	O que é vida?	221
	Deus e o homem	222
	Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade	223
	Livrar-se da carga cármica	224
	Plano divino de emergência	226

	Deus manifestado na carne	227
29	TORNEMO-NOS SILENCIOSOS!	229
	O átomo-centelha-do-espírito	230
	O homem-Mercúrio	230
	A unidade entre o coração e a cabeça	230
	A laringe	231
	O homem nônio	232
	Os três templos humanos	232
	O Santo dos Santos	233
	Silenciemos perante o Senhor!	233
30	QUE É SABEDORIA?	235
	A unidade de grupo na Gnosis	236
	A realidade divina do sétimo raio	236
	O grande amor	237
	A senda da direita e a senda da esquerda	237
	Luz e fogo	238
	A lei universal do amor	239
	Tudo está em Deus	240
	BIOGRAFIA DO AUTOR	243
	GLOSSÁRIO	247



O FILHO DAS SERPENTES

“Ele transformou a si mesmo, em vida, num túmulo.” Desse túmulo da natureza se eleva o Filho das Serpentes, trajando a veste áurea nupcial da nova alma. É o novo Mercúrio, Hermes, o três vezes grande. Sua cabeça está adornada pela maravilhosa flor áurea da nova faculdade do pensamento, suas mãos seguram as duas serpentes ígneas do fluido espinal renovado, os aspectos positivo e negativo. Os cinco pontos de contato entre a nova alma e a personalidade transfigurada resplandecem como rosas. Ele encontrou o seu Pimandro.

Assim se eleva, de magnificência em magnificência, conciliado com o espírito, e abandona os esqueletos, as muitas tentativas malogradas no deserto do passado dialético.

PREFÁCIO

Agora que o mundo e a humanidade atingiram novamente um momento decisivo periódico dos grandes tempos cósmicos, é motivo de particular alegria e gratidão apresentar, à plena luz da publicidade, a antiga mensagem da Gnosis egípcia.

Essa mensagem, fundamento de toda atividade redentora no período ariano da humanidade, seja qual for seu nome, quando e onde se realiza, dirige-se a todos os que vêem o trágico caminho da humanidade e, com profunda inquietude de coração, ainda buscam uma real saída para a fatal marcha circular da morte que, implacavelmente, leva a humanidade ao declínio na escuridão insondável da Noite Cósmica que se aproxima.

Este livro, pela natureza do tema, dirige-se diretamente aos que, como alunos da Escola Espiritual gnóstica, tentam trilhar a senda do verdadeiro destino da humanidade. Todos os pesquisadores sérios da verdade libertadora estão, assim, em condição de compreender, tanto quanto possível, o espírito do discipulado gnóstico e, com essa orientação, avaliar se também são chamados para essa senda.

J. VAN RIJCKENBORGH, 1960

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO BRASILEIRA

Em abril de 1956, o autor J. van Rijckenborgh, fundador do Lectorium Rosicrucianum, iniciou uma série de alocações para seus alunos no centro de conferências “Renova”, em Bilthoven, Holanda, cujo tema era: *A Gnosis original egípcia de Hermes Trismegisto*. Iniciando em 1960, essas alocações foram publicadas na forma de livro (em quatro tomos).

Nos anos que se seguiram uma nova onda de desenvolvimento no trabalho da Escola Internacional da Rosacruz Áurea resultou na formação e no desenvolvimento de um campo de trabalho gnóstico mundial, o que teve como resultado a tradução desses livros para nove idiomas.

Esta segunda edição brasileira teve o seu texto totalmente revisado e comparado com a edição original.

OS EDITORES

HERMES TRISMEGISTO

Uma reflexão profunda sobre a Gnosis^{*1} original, a Gnosis de Hermes Trismegisto, é de máxima importância para todos os que procuram a luz da verdade libertadora. Por isso apresentamos esses ensinamentos transmitidos aos alunos da Escola Espiritual* também aos demais que, em virtude de seu estado interior e de seu preparo, são chamados para a colheita deste período.

Quem foi, ou melhor, quem é Hermes Trismegisto? Em resposta a essa pergunta pode-se naturalmente pensar numa personalidade, na figura de um sublime enviado divino. Pode-se fazê-lo contanto que não se pense apenas num vulto histórico, mas numa falange de tais enviados, pois, segundo o costume dos antigos, essas forças e manifestações eram simbolicamente indicadas por deuses em figuras humanas.

Eis por que devemos dizer: Hermes é. Ele é o verdadeiro homem celeste que passou pelas portas da Cabeça Áurea. Por isso Hermes é também chamado “Trismegisto”, “o três vezes grande”, ou “o três vezes sublime”. Sim, o homem celeste é sublime em sentido tríplice: em sentido religioso, científico e artístico. Religião, ciência e arte formam nele um triângulo equilátero.

Quando aqui falamos de religião, queremos dizer que o homem celeste experimenta e anuncia sua religião na única forma

¹Palavras seguidas por um asterisco no texto aparecem no Glossário, que se inicia na pág. 247.

verdadeira, isto é, em absoluta ligação com o ser original da Divindade. Um aluno na senda, aluno que está se esforçando para se aproximar dessa *religiosidade*, demonstra isso também por meio de grande pureza, amor, veracidade e elevada seriedade. Tal aluno prova que foi tocado em todo o seu ser pelo grande amor que é Deus, e que deseja viver desse amor, que anela e suspira por ele e se esforça pela perfeição. Nesse amor, já nesse único aspecto, podemos encontrar um majestoso triângulo equilátero; pois quem quer receber esse amor, o amor de Deus, e, portanto, deseja tornar-se um verdadeiro gnóstico, tem de, em primeiro lugar, despojar-se das inclinações do eu e dos esforços e ações mundanos; em segundo lugar, receberá, em concordância com esse esvaziamento segundo a natureza, as radiações de luz do amor divino e será preenchido por elas; e, em terceiro lugar, poderá irradiar esse amor de Deus, amor que recebeu em consequência desse esvaziamento. Assim, o aluno demonstra estar na senda mediante ação libertadora clara, obviamente positiva. Esse é o primeiro aspecto hermético da sublimidade.

O segundo aspecto decorre do primeiro. Quando um aluno recebe a luz do amor da Gnosis, o que acontece à medida que ele vence o egoísmo e prossegue no auto-esvaziamento, ocorre uma grande mudança nos cinco fluidos do estado anímico natural. Para isso, o auto-esvaziamento é exigência absoluta. A endura* é a fórmula básica, caso contrário o Filho do Homem, a luz da Gnosis, não encontrará morada no sistema* humano. Quando, porém, o coração do homem está aberto e a luz da Gnosis pode nele entrar e habitar, ela aí circulará diariamente.

Uma das primeiras consequências dessa circulação é a iluminação, como os antigos a denominavam. É uma mudança da consciência que desperta novas possibilidades. Elas já estavam potencialmente presentes no sistema, mas até esse momento nunca puderam manifestar-se. Todavia, assim que as possibilidades da nova consciência começam a se manifestar, a intelectualidade

retrocede para um segundo plano, e a sabedoria nasce. A ciência que desperta dessa sabedoria é o segundo aspecto hermético da sublimidade. Esse segundo aspecto é, com razão, denominado o aspecto da Rosacruz, porque o verdadeiro rosacruz é um sábio pela graça de Deus, um sábio nascido em sentido novo. É o “homem do Gólgota” que, morrendo diariamente, ata* à cruz a verdadeira rosa e assim declina com e em Jesus, o Senhor.

Também neste segundo aspecto hermético da sublimidade vemos resplandecer o mesmo triângulo equilátero. A sabedoria precisa primeiro nascer do coração, da rosa* do coração, de Belém. Ela atinge o seu pleno desenvolvimento no santuário da cabeça e, como acontece com o amor, é irradiada junto com todo o ser.

E, assim, talvez possamos ver muito claramente diante de nós o terceiro aspecto hermético. A arte em questão é a arte real. Em primeiro lugar, a arte de viver realmente como homem liberto; em segundo lugar, a arte de ser verdadeiramente inviolável como homem celeste e liberto e, em terceiro lugar, a arte de, mediante essa vida e esse estado de ser, servir a Deus, ao mundo e à humanidade, num trabalho libertador.

Assim, eleva-se diante de nós o mago pela graça de Deus, o irmão ou irmã do Santo Graal, o homem servidor, iluminado pela sabedoria da Rosacruz e pela força de amor da Gnosis. Quem desse modo se tornou perfeito com base nesses três vezes três aspectos é um Hermes Trismegisto, um homem celeste. Quem começa a viver desses nove aspectos e se orienta de acordo com eles em completa auto-rendição,* trilhando a senda hermética, tornou-se um filho de Hermes; ele se aproxima do estado de vir-a-ser do homem celeste. Portanto, essa condição resulta de uma sublimidade tríplice que também está assegurada na Rosacruz* clássica: em primeiro lugar, após o candidato ter purificado o santuário do coração pelo esvaziamento do eu, ele é atingido pelo amor divino mediante a porta* de Belém, e assim é inflamado pelo espírito

de Deus; em segundo lugar, é-lhe concedida a sabedoria por essa luz de amor, não como um saber intelectual transmitido, mas pela circulação do fogo dentro dele, de Belém ao Gólgota, pelo seu perfeito declínio em Jesus, o Senhor, e, em terceiro lugar, ele dará provas dessa sublimidade mediante um sacerdócio diário, verdadeiro e mágico. *Esse é o renascimento pelo Espírito Santo.*

O renascimento no sentido do Evangelho evidentemente encerra em si um sacrifício total, e isso deve ser levado em conta quando se espera pela elevação, pelo toque da Gnosis e pelos resultados do caminhar na senda. O segredo do sucesso reside, antes de tudo, no sacrifício absoluto. Então, quando falamos de Hermes Trismegisto, sabereis que não queremos chamar a atenção para o passado primitivo da humanidade, para os tempos pré-históricos, ocasião em que um professor proferiu para a humanidade coisas muito sábias, mas que tratamos de um presente vivo, o presente vivo da Gnosis de todos os tempos.

No presente vivo de nossos dias quem fala muito claramente é a dialética,* o estado natural comum, e esse estado, com suas forças, quer tolher-vos, quer absorver-vos totalmente a fim de pensardes que nada mais existe. É possível que tenhais procurado pela luz durante toda a vida e por isso dizemos: no presente vivo existem enigmas, mistérios dos quais precisais aproximar-vos depois de uma transformação total em vossa atitude de vida caso desejeis de fato que eles se revelem e se aclarem para vós.

O presente da natureza dialética é, às vezes, indicado na Bíblia com a palavra “Herodes”. Mas o mistério que deve revelar-se, que está presente desde a aurora dos tempos e que também se encontra aqui, que penetrou e mergulhou na dialética, é indicado na Linguagem Sagrada como “Egito”. Quando, nos primeiros passos do discipulado da santa Gnosis, se é tocado pela luz do que está velado, para que nessa luz o mistério possa desvendar-se, então, antes que esse desvendar se concretize, as forças naturais

de “Herodes” empenhar-se-ão para matar esse elemento estranho a esta natureza.

Por isso é aconselhado a todo aluno sério que fuja para o Egito, tal como aconteceu com o menino Jesus. Isso quer dizer: penetrar profundamente os mistérios da verdadeira vida, que também se demonstra no hoje, desde que sejamos capazes de divisá-la, de penetrá-la, pois dizemo-vos: o Santo Graal vive!

Por fim, certamente também compreenderéis por que se diz que muitos dos grandes guias da humanidade, como Pitágoras e Platão, receberam o seu conhecimento de Hermes Trismegisto e por que a sabedoria hermética é idêntica à doutrina sagrada do Oriente. Só há *uma* sabedoria que foi permanentemente preservada, da qual se tem haurido e da qual sempre se haurirá em todos os tempos e em diferentes lugares do mundo.

Também podemos compreender por que se fala de inúmeros livros que teriam sido escritos por Hermes. Um autor fala de cem mil pergaminhos que conteriam a sabedoria de Hermes. No entanto, todos os livros do mundo não conseguiriam abranger toda a sabedoria hermética, pois essa sabedoria é livre de todo o saber tradicional. Na realidade, ela não se encontra num livro. Ela é integralmente concedida àquele que ata a “rosa” à “cruz”.

Entretanto, quando nesta obra chamamos a atenção para um livro chamado *Corpus Hermeticum*, após introduzir o aluno à *Tabula Smaragdina*, o fundamento e a síntese dessa sabedoria original, certamente não diremos: “Aqui tendes a sabedoria”, mas vos apresentamos um testemunho do passado de uma sabedoria que também deve pertencer a vós no presente vivo.

Por isso não nos atemos a pergaminhos amarelados ou santuários desmoronados. Tratamo-los com respeito, obviamente, e somos gratos a Deus pelas fraternidades precedentes, que tanto suportaram e sofreram por nós e cuja força de amor permite que nos aproximemos agora da Gnosis. No entanto, não devemos esquecer que estamos no presente vivo como jovem Fraternidade

gnóstica para fazer agora o que outrora fizeram os antigos. Prova-
mos seu testemunho em nossa experiência. Como tocados, como
jovens rebentos do antiqüíssimo tronco, “fugimos” juntos para
o “Egito”. Como filhos de Deus, mergulhamos no mistério para
podermos cumprir nossa tarefa no presente.

A TABULA SMARAGDINA

É verdade! É certo! É a verdade toda!

*O que está embaixo é como o que está em cima,
o que está em cima é como o que está embaixo,
para que os milagres do Uno se realizem.*

*E assim como todas as coisas se fizeram do Uno
através de uma mediação,
todas elas nasceram desse Uno por transmissão.*

*O seu pai é o sol,
a sua mãe é a lua,
o ar as teve em seu regaço,
e a sua ama foi a terra.*

O pai de todos os talismãs é onipresente no mundo inteiro.

Sua força permanece imaculada quando é usada na terra.

*Separa, com grande amor e profunda visão interna e sabedoria,
a terra do fogo, o que é delicado do que é duro, denso e solidificado.*

*Da terra sobe ao céu, e de lá desce novamente à terra, adquirindo,
assim, para si a força do que está em cima e do que está embaixo.*

*Assim possuirás a glória do mundo todo,
e por isso toda a treva fugirá de ti.*

*Essa é a força mais poderosa de todas as forças,
porque vencerá tudo o que é mole
e penetrará tudo o que é duro.*

*Assim o mundo foi criado. E dele se originarão, do mesmo modo,
criações maravilhosas. Por isso fui chamado Hermes,
o três vezes grande, porque possuo os três aspectos da
doutrina de sabedoria do mundo inteiro.*

Completo está o que eu disse com referência à preparação do ouro.

Vamos defrontar-vos com um testemunho dos antigos, conhecido pelo nome *Tabula Smaragdina*, a Tábua Esmeraldina. A respeito dela existem lendas que talvez vos sejam conhecidas. A tábua neste caso significa uma lápide coberta de inscrições que abrangem a revelação da sabedoria tradicional dos antigos. Portanto, essa sublime sabedoria primordial clássica foi gravada em uma lápide. Debaxo dela foi encontrado o corpo intato de Hermes Trismegisto.

Esse fato nos lembra imediatamente o templo-sepulcro de Cristiano Rosacruz. A placa de latão, também com fórmulas da sabedoria universal, cobria sua sepultura, onde, exatamente como no relato sobre a *Tabula Smaragdina*, foi encontrado o corpo intato de nosso pai-irmão C.R.C. com a veste sacerdotal completa. Portanto, Valentim Andreae e os seus certamente não foram originais na elaboração de sua *Fama Fraternitatis Rosæ Crucis*. E realmente não poderiam ter sido originais, porque o chamado da Fraternidade tem sido sempre o mesmo em todos os tempos, deve ser o mesmo, e sempre consistirá numa repetição da sabedoria da Gnosis original.

O que nos impressiona no testemunho dos antigos do qual trataremos agora é o fato de que o relato se refere a uma tábua de esmeralda. Esta é uma pedra preciosa de cor verde bem particular. Tal como os metais, as pedras preciosas têm a propriedade de absorver, reter e refletir vibrações e radiações.

Nem todas as pedras e nem todos os metais têm polaridade com a mesma vibração. Cada metal, cada pedra, possui uma característica e uma qualidade específicas. Essa é a razão pela qual na ciência oculta, por exemplo, o conhecimento sobre os metais, pedras e cores era e ainda é muito aplicado para acentuar os efeitos de certas radiações e atenuar os efeitos de outras. A Bíblia também fala com frequência de pedras preciosas. Citemos, por exemplo, a cidade que é chamada “Nova Jerusalém” no Apocalipse. Ali é mencionado que as suas doze portas eram adornadas, de modo muito especial, com pedras preciosas, a fim de tornar bem claro que todas as radiações que iluminam, auxiliam e revigoram entram por essas doze portas, de modo que em consequência disso a cidade já não necessita da luz do sol e da lua dialéticos.

A cor, a força e a radiação que se pode chamar de esmeralda indicam uma base, um princípio absoluto, um alicerce sem o qual nada pode ser iniciado. E assim a *Tabula Smaragdina* significa também o início da filosofia hermética. Sem essa chave a antiga sabedoria da Gnosis não pode ser compreendida. Foi o que os sábios herméticos de outrora expressaram com o nome *Tabula Smaragdina*.

A *Tabula Smaragdina*, a Tábua Esmeraldina, a lápide sob a qual estava sepultado o nobre corpo de Hermes Trismegisto, como sabemos, principia com as palavras: *É verdade! É certo! É a verdade plena!*, portanto, com uma assertiva tríplice das fórmulas da sabedoria mencionada na pedra sagrada.

Consideradas de maneira superficial, essas palavras iniciais parecem supérfluas e até contrárias à objetividade. Não bastaria

que o autor dissesse: “O conteúdo está de inteiro acordo com a verdade”? Não, não bastaria! Porque essa tríplice afirmação se relaciona com uma fórmula mágica de significado muito profundo. Na primeira estrofe é mencionado que a verdade de que a *Tabula Smaragdina* testifica é inteiramente confirmada pela experiência na própria personalidade e no próprio sistema microcósmico. Portanto, quando o homem hermético diz: *É verdade!*, expressa algo inteiramente diferente do que diria um homem dialético. O homem hermético somente fala e testifica da verdade quando trilha o caminho e experimenta pessoalmente os valores em questão. E nós, ao ouvirmos esse testemunho do homem mágico, podemos crer e confiar perfeitamente na sua exatidão, compreendendo que, um dia, quando tivermos também trilhado o caminho da experiência, poderemos dizer alegremente com a mesma certeza: *É verdade!*

A verdade só tem valor e é real para vós quando é sentida e vivida de primeira mão. De que serviria uma verdade que não seguis, não vivenciais?

A verdade por si mesma não pode simplesmente libertar quem quer que seja, mas pode constituir-se em juiz; isso significa que alguém pode entrar em conflito com a verdade quando tenta seguir o seu próprio caminho. Contudo, tão logo o homem procura aproximar-se da verdade, torná-la um fator vivo de sua existência e comprová-la em seu modo de vida pessoal, está livre do julgamento. Eis por que o homem do Velho Testamento sempre tem motivos para temer a verdade e reear o seu julgamento, ao passo que o do Novo Testamento, que cumpre a verdade, ama-a extremosamente.

A segunda estrofe — *É certo!* — significa que a verdade não pode proporcionar mais do que a experiência própria, não pode oferecer mais do que isso, e que qualquer elemento filosófico e especulativo vos afasta da verdade. Sabeis que toda a filosofia dialética é quase inteiramente especulativa, como já tem afirmado,

com freqüência, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Eis por que existem tantos sistemas filosóficos contraditórios. Muitas vezes, eles manifestam pensamentos de elevado nível, de um ilimitado anseio pela verdade, mas realmente estão distantes, muito distantes dela!

A verdade de que o homem hermético testifica é, em primeiro lugar, o resultado de sua própria experiência; em segundo, ela é livre de qualquer elemento especulativo; em terceiro, tem de ser a verdade na íntegra. Só quando a verdade for completa é que ela poderá ser libertadora.

O homem dialético freqüentemente diz: “O que é verdade para você não será necessariamente verdade para mim”. Com isso se admite que muitas das assim chamadas verdades antagônicas querem se impor umas às outras. Dá-se a entender que o homem* natural, lutando na sua solidão, freqüentemente segue um caminho que é necessário e verdadeiro para ele, mas que pode ser inteiramente inútil e prejudicial para outra pessoa. No entanto, a verdade na íntegra, no sentido hermético, é universal, relaciona-se a todos, é destinada ao mundo e à humanidade.

Conseqüentemente, a *Tabula Smaragdina* declara, já no início: não falamos de uma verdade que, em certo momento, teve grande significado para determinada pessoa, talvez como descrição romântica de certa trajetória na vida; mas falamos de uma verdade que precisa ser experimentada, que não inclui especulação alguma e é de um alcance total; isto é, destinada à raça humana inteira. Essa é a verdade tríplice, perfeita, inatacável, contida na *Tabula Smaragdina*. Ela segue dizendo:

O que está embaixo é como o que está em cima, o que está em cima é como o que está embaixo, para que os milagres do Uno se realizem.

E assim como todas as coisas se fizeram do Uno através de uma mediação, todas elas nasceram desse Uno por transmissão.

Reconhecereis nessas palavras o conhecido axioma hermético: *O que está em cima é como o que está embaixo*. E vale a pena nos deter um pouco nesse axioma, porque, considerado de modo geral, há certa inconsistência nessa proposição tão absoluta. É impossível admitir que o verdadeiro reino da luz, com sua glória e divindade, se projete no mundo da dialética, no sentido de que este seja uma prova desse reino. Existe, ao contrário, intenso conflito entre o “que está em cima” da Gnosis e o “que está embaixo” da natureza da morte.

Em vista disso, é preciso encarar o axioma hermético de um ponto de vista inteiramente diferente daquele do homem dialético. O ocultista peca pelas interpretações falsas. Ele emprega a filosofia hermética na tentativa de justificar seus anseios egocêntricos. Na sua orientação voltada para o domínio do eu, o ocultista afirma que segue os caminhos de Deus a fim de fazer que o “que está embaixo” se equipare com o “que está em cima”, o que, evidentemente, é uma impossibilidade. Partindo da certeza absoluta de que encontramos a sabedoria perfeita na *Tabula Smaragdina*, podemos verificar instantaneamente, por meio desse mesmo axioma hermético, que na onimanifestação reina um grande conflito. O “que está embaixo” não é como o “que está em cima”!

Essa é a força da *Tabula Smaragdina*, que nos defronta com esse grande conflito da onirevelação não somente para evidenciá-lo, porém para mostrar que ele pode cessar no homem e no mundo, que deve cessar. Esse axioma hermético revela a grande missão da *Tabula Smaragdina*.

Tudo na onimanifestação um dia proveio da força de Deus. Por isso, em seu estado corrompido, tudo pode, pela força de Deus, desintegrar-se ou ser novamente elevado a seu estado original, e assim, por essa mesma força, também pode ser transfigurado. O axioma hermético traz em si e nos oferece o grande mistério da salvação, como uma fórmula científica, como uma tese inatacável:

quando o homem se une à maravilhosa força do espírito do Amor, com Pimandro, que significa “pastor” ou “guia do homem”, então o que é inferior torna-se igual ao que é superior. Eis por que a *Tabula Smaragdina* continua:

*O seu pai é o sol,
a sua mãe é a lua,
o ar as teve em seu regaço,
e a sua ama foi a terra.
O pai de todos os talismãs está presente no mundo inteiro.
Sua força permanece imaculada quando é usada na terra.*

Essa fórmula resumida é uma maravilha em sua significação. O autor diz: Prestai atenção, há *dois* pais! O pai do reino da natureza e o pai do campo do Espírito. E o reino da natureza deve nascer e ser sustentado pelo campo do Espírito.

Entretanto, pode ser que um homem comece a viver inteiramente do reino da natureza — visto que o reino da natureza é, por si mesmo, um campo de criação perfeitamente equipado — e submerja inteiramente nesse reino, esquecendo-se e abandonando o Pai do campo do Espírito, como é o caso da humanidade dialética. Dessa maneira se desencadeia o conflito. A partir desse exato momento, o “que está embaixo” já não é igual ao “que está em cima”! É então que ocorre o enrijecimento do corpo racial e outras cristalizações que acompanham o homem natural que caiu do campo do Espírito. Conseqüentemente deve haver uma solução, uma libertação. Existe essa possibilidade de salvação, porque:

*O pai de todos os talismãs é onipresente no mundo inteiro.
Sua força permanece imaculada quando é usada na terra.*

Se quiserdes aplicar esse poder, é preciso ouvir o preceito que a *Tabula Smaragdina* dá:

*Separa, com grande amor e profunda visão interna e sabedoria,
a terra do fogo, o que é delicado do que é duro, denso e solidificado.*

*Da terra sobe ao céu, e de lá desce novamente à terra, adquirindo,
assim, para si a força do que está em cima e do que está embaixo.*

*Assim possuirás a glória do mundo todo,
e por isso toda a treva fugirá de ti.*

Na força da Gnosis, na força do alento do amor de Deus, atacaí todo o vosso ser desta natureza, que está separado do Pai do Todo, o Espírito. Segui a senda da endura, a senda da grande transformação que foi proclamada e vem sendo ensinada pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea há tantos anos. E com certeza haveis de vencer, pois quem se submete realmente à mais poderosa de todas as forças um dia experimentará a graça.

Então será consumado em vós o que a Gnosis proclamou sobre a preparação do ouro, a ação do Sol espiritual.

O *CORPUS HERMETICUM*

Após termos nos aprofundado nas fórmulas fundamentais de sabedoria da *Tabula Smaragdina* vamos dedicar-nos ao *Corpus Hermeticum* e comparar esta chave dos antigos com a da atual jovem Gnosis. Se investigarmos até onde a doutrina, a vida e as diretrizes dos antigos concordam com as dos mais recentes, saberemos com clareza se o direito da jovem Gnosis de assumir a iniciativa e a direção no grande desenvolvimento da obra mundial é proveniente de valores reais ou de ilusão.

O *Corpus Hermeticum*, que examinaremos nesta publicação, consiste em dezoito capítulos denominados livros. O primeiro livro é chamado *Pimandro*. Trata-se de um diálogo entre Hermes e um ser misterioso, que dá a si mesmo o nome de Pimandro.

Nesse livro, Hermes é o homem nascido desta natureza que entrou na senda da libertação, passou pela gruta da Natividade de Belém e está, pois, participando do estado de alma renascida. Ele está empenhado em tecer a veste áurea nupcial, fundamentado nesse estado de alma renascida. Enquanto isso, o novo estado de consciência, a consciência mercuriana ou hermética, principia a manifestar-se. No momento em que essa consciência está presente, Pimandro se apresenta.

O homem hermético entra em contato com Pimandro em virtude da manifestação de seu novo ser. Pimandro é a onipresente sabedoria de Deus, pois Pimandro é Deus! É o Verbo que era

no princípio, não, porém, o Verbo em toda a sua universalidade, como, por exemplo, no prólogo do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo”, ou como em várias outras passagens da Bíblia em que o nome de Deus é mencionado em sua universalidade.

Não, Pimandro *é* a sabedoria, o Verbo, o Deus que se dirige muito distintamente, muito pessoalmente, a Hermes. Quando lemos, em vários trechos da Linguagem Sagrada, que Deus fala, que Deus se dirige a um hierofante* ou a outro obreiro, em muitos casos isso não significa o Verbo divino em um sentido geral, mas o Logos* dirigindo-se, à maneira de Pimandro, àquele obreiro, àquele servo, àquele homem hermético.

A sabedoria onipresente é uma radiação, uma vibração, uma força de luz universal, uma força eletromagnética de natureza muito especial. É a mais alta radiação da manifestação do Universo, a radiação do próprio Espírito. Quando a consciência hermética está começando a surgir num homem, essa radiação se torna instantaneamente conhecida, experimentada e provada por essa consciência. Então, um foco, um ponto de contato luminoso e ofuscante, se estabelece entre o campo universal do Espírito e o homem hermético; é o ponto, o foco onde o espírito e a consciência se defrontam. O espírito desse foco é Pimandro, é a consciência de Hermes.

Da referida ação do foco resulta o caminhar com Deus, o diálogo, o contato vivo entre Deus e o homem. Conseqüentemente, assim que, estando no caminho, o aluno principia a desenvolver e experimentar algo do novo estado de consciência, ele entra, ao mesmo tempo, em comunicação pessoal com a Divindade; estabelece-se uma relação diária com Deus.

Compreendereis, assim esperamos, que isso nada tem a ver com as práticas spiritistas de entidades que perderam o corpo material e estão na esfera* refletora, tentando imitar, de modo repugnante, a comunicação entre o espírito e o homem. Deve-se reconhecer que tudo o que se dirige à consciência nascida desta

natureza, à consciência-eu, é invariavelmente uma imitação, uma ilusão, uma mistificação.

Quando a consciência hermética se dirige ao espírito e desse modo o espírito ígneo é inflamado no foco do encontro, forma-se uma estrutura luminosa de linhas de força.² O homem hermético encontra Pimandro. E dessa estrutura de linhas de força que assim se formou flui uma vibração para o interior do homem hermético. Essa vibração tem um som e uma cor que estão em perfeita harmonia com o propósito do homem hermético de elevar-se ao campo espiritual. E, assim, essa manifestação, esse encontro, adquire um caráter muito especial.

Só desse modo é que Deus “fala” ao homem. É o encontrar e ouvir o Nome Inefável. Talvez já tenhais lido ou ouvido falar a esse respeito. Também tereis notado que inúmeras pessoas, através dos tempos, têm procurado o Nome Inefável, têm desejado ouvir o Nome Inefável. A antiga sabedoria de todos os tempos conta, com razão, que encontrar e ouvir o Nome Inefável é o ápice da evolução na magia gnóstica. Como já foi mencionado, muitos procuraram e procuram de um modo negativo, com base em seu próprio ser-eu, por este Horebe, esse monte da realização. É óbvio que todas essas tentativas serão infrutíferas e estéreis enquanto o eu estiver na base desses esforços.

No entanto, a chave dessa elevação mágica está no coração de cada homem. Quando abre o seu coração à Gnosis, ele entra no caminho que o levará ao encontro com Deus e que resultará no convívio diário com a Divindade. Como é pobre, como é paupérrimo, absolutamente ignorante, o teólogo que tenta entender a palavra de Deus como um livro e fica diligentemente escavando e revolvendo a crosta terrestre para encontrar a palavra de Deus

²Pensai, por exemplo, na estrutura de linhas de força que podemos perceber em qualquer chama.

e pensa que basta alguém simplesmente ler e comentar um pequeno capítulo desse livro todos os dias para ouvir a voz de Deus. Nenhum sacerdote, nenhum recurso sacerdotal pode ligar o homem com Deus. Para celebrar o encontro com Deus é necessário que *vós mesmos* caminheis ao encontro de vosso Pimandro!

Analisando a questão sob essa luz, provavelmente será compreendido o perigo da meditação errônea. O homem hermético pode, em meditação, elevar-se ao campo espiritual. O homem hermético que dispõe da nova consciência pode elevar-se até o campo espiritual e encontrar a flama do espírito nas asas dessa consciência. Mas assim que homens não-herméticos, seja qual for o motivo e por melhor que seja a intenção, tentam procurar Deus por meio da meditação, de modo a unir-se a ele, ocorrem sempre efeitos negativos que causam, na maior parte dos casos, ligações com poderes dialéticos, com a esfera refletora. Evidentemente, estabelecer essa ligação é, portanto, o intuito dos que sempre convidam e estimulam atividades de meditação, fazendo uso de determinadas invocações.

Esse é um dos aspectos da Grande* Farsa. Essa é a razão pela qual nos opomos expressamente a tal vida meditativa. Se quiserdes estar sempre em segurança, buscai Deus, então, não pela meditação, mas pelo vosso modo de vida. Não deveis usar palavras vãs, mas apresentar obras! Permiti que a nova atitude de vida fale de vós por meio da ação, por meio da realidade de vida demonstrada. Trilha a senda!

Quando nos reunimos em nossos templos, nossas invocações, rituais e orações não são meios para despertar uma atmosfera de meditação e misticismo, mas são sempre uma sintonização com a chave vibratória do Corpo Vivo da jovem Gnosis, que está na senda, chave essa consentida e possível de ser alcançada. Com isso queremos dizer que toda invocação deve sempre corresponder ao estado de ser, à qualidade da pessoa que invoca, à sua experiência real no caminho. Caso não possais determinar a qualidade de

vosso estado no caminho, sempre encontrareis uma base segura no Pai Nosso. Eis por que nele está: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Aí cada aluno sempre encontrará segurança. O pão espiritual de cada dia a que tem direito, sem dúvida, ele o receberá se a sua prece vier de uma alma anelante.

Conforme já dissemos, o encontro pessoal do homem hermético com o campo espiritual, às vezes chamado de ouvir a voz, a voz suave, é freqüentemente mencionado na Bíblia. Assim se diz de Elias, quando ele se achava na entrada da caverna do Monte Horebe: “Eis que veio a ele uma voz”. E quando Apolônio de Tiana desejou ouvir a voz suave, fez como Elias: envolveu-se “no seu manto”. Essa é uma indicação de como se elevar a Deus nos valores adquiridos da veste áurea nupcial.

Acreditamos que agora o caminho já foi aplainado o suficiente para o primeiro livro do *Corpus Hermeticum*, que é o livro de *Pimandro*. Foi intencional a introdução a esse tema de modo tão pormenorizado para que possais, sobretudo, compreender profundamente que ao aproximar-vos do *Corpus Hermeticum* estais pisando terra santa.

PRIMEIRO LIVRO: PIMANDRO

1. *Um dia, refletindo sobre as coisas essenciais e tendo o meu Noús* se elevado, aconteceu que os meus sentidos corporais adormeceram completamente, tal como ocorre com alguém que se vê vencido por profundo sono após lauta refeição ou por motivo de grande cansaço físico.*
2. *E me pareceu como se visse um ser impressionante, de contornos indeterminados, que, chamando-me pelo nome, me disse:*
3. *“O que queres ouvir e ver, e o que queres aprender e conhecer em teu Noús?”*
4. *Perguntei: “Quem és?”*
5. *E recebi como resposta: “Sou Pimandro, o Noús, o ser que é de si mesmo. Sei o que desejas e estou contigo por toda parte”.*
6. *E eu disse: “Desejo ser instruído a respeito das coisas essenciais, compreender sua natureza e conhecer Deus. Oh, quanto eu desejo entender!”*
7. *E ele respondeu: “Fixa em tua consciência o que queres aprender e eu te instruirei”.*

8. *Com essas palavras, o seu aspecto mudou e logo a seguir tudo se tornou imediatamente claro para mim; tive uma visão prodigiosa; tudo se transformou numa serena e deleitosa luz, e eu me alegrava sobremaneira com a sua visão.*
9. *Pouco depois, numa parte da luz, surgiu horrível e sombria escuridão que se movia para baixo, girando em espirais tortuosas como uma serpente, segundo me pareceu. Então, essa escuridão transformou-se numa natureza úmida e indizivelmente confusa da qual se elevou uma fumaça como que de fogo, enquanto produzia um som como o de um indescritível gemido.*
10. *Então, da natureza úmida ressoou um grito, um chamado sem palavra, que comparei à voz do fogo, enquanto um Verbo sagrado se propagou da luz para a natureza e um fogo puro, sutil, impetuoso e poderoso ergueu-se fulgurando da natureza úmida.*
11. *O ar, pela sua leveza, seguiu o alento ígneo: elevou-se da terra e da água até o fogo, de modo que parecia pender dele.*
12. *A terra e a água permaneceram onde estavam, intimamente misturadas, de modo que não podiam ser observadas em separado; e eram continuamente movimentadas pelo alento do Verbo que pairava sobre elas.*
13. *E falou Pimandro: “Compreendeste o significado dessa visão?”*
14. *Respondi: “Agora vou sabê-lo”.*
15. *Então ele disse: “A luz sou eu, o Noûs, teu Deus, que era antes que a natureza úmida surgisse das trevas. O Verbo luminoso, que parte do Noûs, é o Filho de Deus”.*

16. *“Que quer dizer isso?”*, perguntei.
17. *“Compreende-o assim: o que em ti olha e ouve é o Verbo do Senhor, e o teu Noûs é Deus, o Pai. Eles não estão separados um do outro, pois a sua unidade é a vida.”*
18. *“Agradeço-te”, respondi.*
19. *“Dirige agora o teu coração para a luz e conhece-a.”*
20. *Com essas palavras, ele olhou-me fixamente no rosto por algum tempo, de modo tão penetrante, que estremeci sob o seu olhar.*
21. *E quando ele ergueu de novo a cabeça, vi em meu Noûs como a luz, composta de inumeráveis forças, tornara-se um mundo realmente ilimitado, enquanto o fogo era cercado e contido por uma força muito poderosa e, assim, posto em equilíbrio.*
22. *Tudo isso distingui na visão pela palavra de Pimandro. E estando eu completamente fora de mim mesmo, falou-me ele novamente:*
23. *“Viste em teu Noûs a pura forma humana original, o arquétipo, o princípio primordial do começo sem fim.” Assim me falou Pimandro.*
24. *“De onde se originaram os elementos da natureza?”*, perguntei.
25. *Ele respondeu: “Da vontade de Deus, que, ao ter recebido em si o Verbo e ao ter contemplado o arquétipo virginal do mundo, formou, segundo esse modelo e com base nos elementos de seu próprio ser e das almas nascidas dele mesmo, um mundo como um mundo ordenado.*

26. *Deus, o espírito, que em si mesmo é masculino e feminino e é a fonte da vida e da luz, criou, mediante um verbo, um segundo espírito, o Demiurgo,* que, como Deus do fogo e do alento, formou sete regentes que envolvem o mundo sensorial com seus círculos e o governam por meio do que é denominado destino.*
27. *O Verbo de Deus retirou-se imediatamente dos elementos que estão operantes embaixo no puro domínio da natureza recém-criada e uniu-se com o Demiurgo, ao qual é idêntico em sua essência.*
28. *E assim os elementos inferiores da natureza foram deixados a si mesmos, destituídos de razão, de modo que nada mais eram do que pura matéria.*
29. *Contudo, enquanto envolvia os círculos e lhes imprimia um movimento giratório muito rápido, o Demiurgo, unido ao Verbo, deu início ao ciclo de suas criaturas desde um início indeterminado até um fim sem fim, já que o fim e o começo coincidem.*
30. *Essa revolução dos círculos produziu animais irracionais com base nos elementos submersos e segundo a vontade do Espírito, pois o Verbo já não se encontrava no seio dos elementos; o ar produziu animais alados, e a água, animais nadadores.*
31. *A terra e a água foram separadas pela vontade do Espírito, e a terra fez de seu próprio seio os animais que ela continha em si mesma; quadrúpedes, animais rastejantes, animais selvagens e domésticos.*
32. *O Espírito, o Pai de todos os seres, que é vida e luz, produziu um homem semelhante a ele, Pai, por quem se inflamou de amor, como se fosse o seu próprio filho, pois o homem, como imagem de*

seu Pai, era muito belo; Deus amou assim, em verdade, a sua própria imagem e entregou-lhe todas as suas obras.

33. *Todavia, quando o homem viu a criação que o Demiurgo formara no fogo, também quis produzir uma obra, e o Pai lhe permitiu. Quando ele, depois disso, chegou ao campo de criação do Demiurgo, onde devia ter liberdade de ação, notou as obras de seu irmão; os regentes ardiam de amor por ele, e cada um, em sua própria categoria, deixou-o participar da hierarquia das esferas.*
34. *Quando, depois disso, ele conheceu sua essência e participou de sua natureza, quis romper os limites dos círculos e conhecer o poder daquele que tem domínio sobre o fogo.*
35. *Então o homem, que tinha todo o poder sobre o mundo dos seres mortais e dos animais irracionais, inclinou-se para frente por meio da força que interliga as esferas, cujo envoltório ele tinha rompido, e mostrou-se à natureza de baixo na bela figura de Deus.*
36. *Vendo aquele que possuía em si mesmo a inesgotável beleza e todas as energias dos sete regentes, reunidas na figura de Deus, a natureza sorriu de amor, pois ela havia visto as linhas dessa forma maravilhosamente bela do homem refletidas na água e notou a sua sombra sobre a terra.*
37. *E quanto a ele mesmo: ao ver essa forma que se lhe assemelhava tanto refletida na água, na natureza, dela se enamorou e quis morar ali. O que ele quis, fê-lo imediatamente, e assim começou a residir na forma irracional. E tendo a natureza acolhido o seu amado, envolveu-o totalmente e tornaram-se um, pois o ardor de seu desejo era grande.*

38. *É por isso que, dentre todas as criaturas da natureza, só o homem é dual, isto é, mortal segundo o corpo e imortal segundo o homem verdadeiro.*
39. *Apesar de ser imortal e ter poder sobre todas as coisas, ele está submetido à sorte dos mortais, sujeito que está ao destino. Assim, não obstante seu lar se situar acima da força que interliga as esferas, tornou-se escravo dessa força. Apesar de ser masculino-feminino, porque nasceu de um pai que é, ele próprio, masculino-feminino e, mesmo sendo livre do sono, porque proveio de um ser que é, ele próprio, livre do sono, ele foi vencido pelos apetites dos sentidos e pelo sono.”*
40. *Então eu disse: “Ó espírito em mim, também eu amo o Verbo!”*
41. *E Pimandro continuou: “O que vou dizer é o mistério que permaneceu oculto até este dia. Ao tornar-se una com o homem, a natureza produziu uma admirável maravilha. O homem tinha em si a natureza de todos os sete regentes, composta, como já te disse, de fogo e de alento; a natureza produziu sem demora sete homens, em concordância com o gênero dos sete regentes, ao mesmo tempo masculino e feminino e de figura ereta”.*
42. *Então exclamei: “Ó Pimandro, brotou em mim agora um desejo singular e estou ansioso por ouvir. Peço-te, prossigue!”*
43. *Respondeu Pimandro: “Cala-te, porquanto ainda não terminei a minha primeira exposição!”*
44. *“Calo-me”, respondi.*
45. *“Pois bem: a criação desses primeiros sete homens, como eu disse, foi assim: a terra foi a matriz; a água o elemento gerador; o fogo*

levou o processo de formação à maturidade; a natureza recebeu do éter o alento de vida e produziu os corpos segundo a forma do homem.

46. *E o homem, feito de vida e de luz, tornou-se alma e Noûs; a vida tornou-se alma, e a luz, Noûs. E todos os seres do mundo sensorial permaneceram nesse estado até o fim do ciclo e até o começo das espécies.*
47. *Agora, presta atenção ao que tanto desejas ouvir. Completado esse ciclo, o vínculo que tudo unia foi rompido pela vontade de Deus. Todos os animais, até esse momento macho e fêmea ao mesmo tempo, foram separados, assim como o homem, nesses dois aspectos, e assim alguns animais se tornaram machos, e outros, fêmeas. Então Deus pronunciou a palavra sagrada: ‘Crescei e aumentai, multiplicai-vos abundantemente, todos vós que fostes criados. E os que possuem o Noûs reconheçam-se como seres imortais e saibam que a causa da morte é o amor ao corpo e a tudo o que é terreno.’*
48. *Tendo Deus assim falado, a providência, mediante o destino e a força que interliga as esferas, estabeleceu as uniões e instituiu a geração; e todos os seres se multiplicaram segundo a sua espécie; e quem a si mesmo se reconheceu como ser imortal é eleito dentre todos, ao passo que quem amou o corpo nascido da ilusão dos desejos permanece errando nas trevas e deve sofrer a experiência da morte.”*
49. *“Que terrível erro”, exclamei, “cometeram então os que estão na ignorância, para terem sido despojados da imortalidade?”*
50. *“Parece-me que não refletiste sobre o que ouviste. Não te pedi, sobretudo, atenção?”*

51. *“Estou refletindo”, disse, “e agora me lembro e te agradeço!”*
52. *“Se refletiste, dize-me então, por que os que estão na morte merecem morrer?”*
53. *“Porque a fonte de onde provém seu corpo é a escuridão sombria que criou a natureza úmida; esta produziu, no mundo sensorial, o corpo no qual a morte sacia a sua sede.”*
54. *“Compreendeste bem. Mas por que razão quem conheceu a si mesmo vai a Deus, como diz o Verbo de Deus?”*
55. *“Porque”, assim respondi, “o Pai de todas as coisas, de quem nasceu o homem, é luz e vida”.*
56. *“Porque luz e vida é Deus, o Pai, de quem nasceu o homem! Portanto, se sabes que nasceste da vida e da luz e que és composto desses elementos, então retornarás à vida”. Isso foi o que Pimandro me disse.*
57. *“Mas dize-me ainda, ó meu Noûs, como poderei ingressar na vida?” perguntei. “Porquanto Deus disse: ‘Que o homem que possui o Noûs conheça a si mesmo’. Não são todos os homens que possuem o Noûs?”*
58. *“Presta atenção ao que dizes! Porque eu, Pimandro, o Noûs, venho para os homens que são santos e bons, puros e misericordiosos, os que temem a Deus; minha presença torna-se para eles um auxílio, de modo que imediatamente tudo conhecem; e pelo seu amor se fazem agradáveis ao Pai, louvando-o em filial afeição, com as glorificações e cânticos que lhe devem. E antes de entregarem o corpo à morte, à qual ele pertence, desprezam os sentidos por conhecerem muito bem os seus efeitos.*

59. *Sim, eu, o Noûs, de nenhum modo permitirei que as reações do corpo que o afetam exerçam influência sobre ele, pois, como guardião dos portais, impedirei ações más e vergonhosas e farei cessar idéias ímpias.*
60. *Mas distante estou dos insensatos, dos maus, dos corruptos, dos invejosos, dos cobiçosos, dos assassinos e dos ímpios; abandono-os ao demônio* vingativo que trata tais pessoas com o flagelo do fogo que atua em seus sentidos, incitando-os ainda mais a ações ímpias, para que lhes seja imposto castigo ainda maior. A concupiscência desses homens procura constantemente por satisfação cada vez maior, deixando-os enfurecidos nas trevas, sem que fiquem saciados; nisso consiste o seu tormento, e assim a paixão que os queima arde cada vez mais.”*
61. *“Tens-me instruído, ó Noûs, sobre todas essas coisas, assim como o desejei. Faze-me saber, ainda, como se desenvolve o caminho ascendente.”*
62. *Respondeu-me Pimandro: “No processo de dissolução do corpo material, primeiro esse corpo é entregue à transformação, e a forma que possuístes não é mais vista. Entregas ao demônio o teu eu comum, que daí em diante está fora de atividade; os sentidos corporais retornam à sua origem, da qual voltam a fazer parte, identificando-se novamente com a atividade dessa origem, enquanto as forças dos instintos e desejos regressam à natureza irracional.*
63. *E o homem prossegue ascendendo por meio da força que interliga as esferas; ao primeiro círculo cede a força para crescer e para diminuir; ao segundo círculo entrega a tendência para a malícia e a astúcia, que se tornou impotente; ao terceiro círculo abandona a ilusão dos desejos doravante impotentes; ao quarto*

círculo abandona a prepotência da obsessão pelo poder, que já não pode ser satisfeita; ao quinto círculo, a audácia ímpia e a temeridade brutal; ao sexto círculo abandona o apego à riqueza, doravante sem efeito; e ao sétimo círculo abandona a mentira sempre arditosa.

64. *E quando se livrou de tudo o que proveio da força que interliga as esferas, ingressa na oitava natureza de posse apenas de sua própria força e canta, com todos que lá estão, hinos de louvor ao Pai; e todos se regozijam com ele pela sua presença.*
65. *Quando tornou-se semelhante a eles, ouve hinos de louvor a Deus, cantados por certas forças que se encontram acima da oitava natureza. Depois eles sobem para o Pai em ordem correta, rendem-se às forças e, por seu turno, convertidos em forças, entram em Deus. Eis aqui o bom fim para os que possuem a Gnosis: tornam-se Deus.*
66. *Mas... por que hesitas, então? Tu, que tudo recebeste de mim, não vais aos que são dignos disso, para servir-lhes de guia, a fim de que, graças à tua intervenção, o gênero humano possa ser salvo por Deus?"*
67. *Tendo dito isso, Pimandro misturou-se com as forças diante dos meus olhos. E eu, agora revestido de força e instruído quanto à natureza do Universo e da sublime visão, agradei e enalteci o Pai de todas as coisas. Então comecei a pregar aos homens a beleza da vida dirigida a Deus e à Gnosis:*
68. *"Ó povos, ó homens que nascestes da terra, que vos entregastes à embriaguez, ao sono e à ignorância sobre Deus, tornai-vos sóbrios e cessai de revolver-vos na depravação, fascinados que estais num sono animal!"*

69. *Ao ouvirem isso, unânimes vieram a mim. E continuei: “Ó terrestres, por que vos entregastes à morte, se tendes o poder de participar da imortalidade? Vinde e conscientizai-vos, vós que andais na ilusão e tomastes a ignorância como vosso guia! Libertai-vos da luz tenebrosa e tornai-vos partícipes da imortalidade, afastando-vos definitivamente da corrupção”.*
70. *Alguns deles zombaram de mim e se foram, pois estavam no caminho da morte. Outros, porém, que se puseram de joelhos diante de mim, rogaram para que eu os instruisse. Levantei-os e tornei-me guia do gênero humano, ensinando-lhes a maneira pela qual poderiam salvar-se. Semeei neles a palavra da sabedoria e os dessedentei com a água da imortalidade.*
71. *Vindo o anoitecer, e tendo quase desaparecido a luz do sol, exortei-os a render graças a Deus. Tendo-o feito, todos retornaram aos seus lares.*
72. *Eu, no entanto, registrei em mim o benefício de Pimandro; e quando estava preenchido dele por completo, desceu sobre mim a mais profunda alegria, pois o sono do corpo tornou-se a lucidez da alma; o cerrar dos olhos tornou-se verdadeiro ver; o silêncio tornou-se-me a gestação do bem, e a anunciação do Verbo transformou-se em fecundos atos de salvação. E tudo isso veio a mim porque recebi de Pimandro, meu Noûs, o ser que é de si mesmo, o Verbo do princípio. E, assim, encontro-me preenchido do alento divino da verdade. E por isso dirijo a Deus, o Pai, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, este Cântico de Louvor:*
73. *“Santo é Deus, o Pai de todas as coisas.
Santo é Deus, cuja vontade se realiza
pelas suas próprias potências.*

Santo é Deus, que quer ser reconhecido e é reconhecido pelos que lhe pertencem.

*Santo és tu, que, pelo Verbo, criaste todas as coisas.
Santo és tu, de quem é imagem a natureza.
Santo és tu, pois não foste formado por ela.
Santo és tu, que és mais poderoso do que todos os poderes.
Santo és tu, que és mais excelente do que tudo o que existe.
Santo és tu, que és superior a todo louvor.*

Aceita os sacrifícios puros despertados pelo Verbo em minha alma e em meu coração, que se dirigem a ti, ó Impronunciável, ó Inefável, cujo nome só o silêncio pode expressar.

Presta o teu ouvido a mim, para que eu jamais possa ser separado da Gnosis, o verdadeiro conhecimento que é a essência do meu ser.

Inclina-te para mim e preenche-me com tua força: com essa graça, levarei a luz a todos os da minha linhagem que vivem na ignorância, meus irmãos, teus filhos. Sim, creio e testemunho com o meu sangue: vou para a vida e para a luz.

Louzado sejas, ó Pai, o teu homem deseja ser santificado contigo, pois lhe deste todo o poder”.

PIMANDRO E HERMES

A fim de apresentar a sabedoria do *Corpus Hermeticum* de maneira mais adequada, não seguiremos o texto versículo a versículo.

O homem hermético, segundo o seu estado de ser interno e mediante a mudança transfigurística de vida, entra em contato com o campo espiritual universal. No foco dessa ligação se evidencia uma estrutura de linhas de força: Pimandro se manifesta. Formado do espírito, surge Pimandro. Mas Pimandro não é uma entidade separada que vive no campo espiritual, porém uma forma ígnea dele, uma realidade vivente, parte inseparável do campo espiritual. Assim, esse fogo flamejante é o Pimandro de Hermes. Essa manifestação é inteiramente proporcional ao estado de ser e à força qualitativa de Hermes.

Está escrito que, quando Hermes refletiu sobre as coisas essenciais e seu coração se elevou, apareceu Pimandro. Aquele que é, e no entanto não é. Quando o homem hermético, por um momento, deixa de concentrar-se no campo espiritual, a figura de Pimandro desaparece e se dissolve na luz onipresente. As flamas do fogo se esvaem. Pimandro é, no entanto ele não é, pois é absolutamente uno com a luz.

O que nos chama a atenção no início do texto é que Hermes *refletiu sobre as coisas essenciais* e que *seu Noûs se elevou*. Deve-se atentar para isso porque, para o homem hermético, esse processo é imprescindível. Ele comprova a cooperação ideal entre a cabeça e o coração, que é tão necessária. O coração e a cabeça, em sua

cooperação, determinam a vida. Pode-se pensar nisso como um axioma. “Eles não podem ser separados”, assim diz Pimandro. Conseqüentemente, é preciso conhecer o mistério do coração.

Como sabeis, o homem possui quatro veículos: o corpo físico, o seu duplo etérico, o corpo de desejos e o corpo mental. O corpo etérico constrói e mantém o corpo físico; o corpo de desejos determina as tendências, o tipo, o caráter, a disposição íntima do ser humano, em suma, toda a sua natureza. Agora prestemos especial atenção ao corpo de desejos ou forma sideral, como o denomina Paracelso. A forma sideral cerca-nos e penetra-nos por todos os lados e os fluidos siderais afluem para o interior de nosso sistema material por meio do fígado. Há uma circulação contínua dessas forças entrando e saindo do fígado.

O corpo de desejos tem, pois, o fígado especialmente como seu foco. A qualidade e a natureza do santuário do coração e do santuário da cabeça estarão de conformidade com o estado e a natureza do corpo de desejos, tal como foi recebido ao nascer e como ele continuou nos anos seguintes.

No homem desta natureza, o coração e a cabeça são escravos da natureza de desejos. Todo o processo funcional de seu coração e da faculdade mental é governado pela natureza de desejos. As sensações, o coração e o modo de pensar do homem desta natureza são governados pelo santuário da pelve. Desse modo, ele vive por meio do santuário da pelve, do sistema fígado-baço, atado à matéria, de acordo com o estado de ser desta natureza, centralizado na matéria, cobiçando e pensando em tudo que pertence à natureza comum. E todas as radiações siderais penetram no fígado, de acordo com a atividade da natureza de desejos.

Quando, porém, um ser humano, depois de intermináveis peregrinações pelo triste caminho da experiência, chega a um beco sem saída, pode suceder que venha a desejar uma renovação, que anseie por uma saída libertadora. Algo como que um desejo de salvação desperta nesse homem, um anseio por agarrar-se a um

meio de salvação e realizá-lo dentro de si mesmo, de modo que possa subir e sair do poço da mortificação em que caiu. Esse estado de busca por uma renovação, essa procura ansiosa pela salvação, enquanto a consciência gradualmente desperta, é a mais elevada forma de desejo de que o homem nascido desta natureza é capaz. Ninguém pode ir além. Isso que se está agitando e fervendo no coração, como criatura natural, é puramente desejo! O mais elevado desejo é o anseio por salvação, que constitui a fronteira das radiações astrais dialéticas. Nessa fronteira, a Gnosis nos toca, não no fígado, evidentemente, porém no coração.

O primeiro toque, o toque fundamental da Gnosis, realiza-se por meio do santuário do coração, porém somente como resposta ao anseio do homem por salvação. É evidente, pois, que se alguém visita o templo de uma escola espiritual gnóstica com propósito exclusivamente experimental ou por mera curiosidade, isso não trará para ele proveito algum. Só podemos mover-nos com proveito num foco da Gnosis quando o coração começa a se abrir para ela como consequência desse anseio de salvação.

O coração é chamado, na Gnosis, “o santuário do amor”. No entanto, o coração do homem nascido desta natureza está muito longe de ser um santuário do amor, tanto em virtude de toda a sorte de influências cármicas como às influências dos antepassados, ativas desde o seu nascimento; e tudo isto, durante os anos de sua existência terrena, inexoravelmente determina o caminho que seguirá na vida. Não há em seu coração o menor vestígio do verdadeiro amor. O coração do homem deste mundo é um covil de assassinos, um antro de pestilência.

Quando se diz que o coração é desde o princípio o “santuário do amor”, faz-se referência ao coração que foi preparado para uma força vital, uma vida integral, uma possibilidade de vida que pode corretamente ser denominada “amor”. Qualquer coisa que esteja fora desse elevado padrão de amor nada mais é do que um

estado de desejo egocêntrico. Isso porque, inicialmente, o anseio de salvação é também um desejo do ego. O eu está em apuros, e, então, “eu procuro uma solução”. “Eu” procuro a “minha” salvação. Visto que nessa situação somos imensamente miseráveis, a Gnosis, em seu amor infinito, toca-nos empenhada em nos auxiliar.

Qualquer coisa que se manifeste na natureza dialética, fora desse amor, é outro estado de desejo e nada mais. O amor de que falamos, o amor que merece esse nome, não existe no ser de natureza dialética. Esse amor é de ordem mais elevada, pertence à verdadeira vida, à nova vida. Ele é espírito, é Deus. Por isso, diz Pimandro no versículo 17: *O teu Noûs é Deus, o Pai*. E no versículo 19: *Dirige agora o teu coração para a luz e conhece-a. Com essas palavras, continua Hermes, ele olhou-me fixamente no rosto por algum tempo, de modo tão penetrante, que tremi sob o seu olhar*.

É este o teste: doravante o que haverá em nosso coração: desejo ou amor? *Dirige agora o teu coração para a luz e conhece-a*. Para que a luz possa habitar no coração, o corpo de desejos precisa desaparecer. Os impulsos egocêntricos precisam ser completamente extinguidos.

Precisais compreender, pois, que o santuário do coração é a grande base para o espírito, que é aí que o espírito deve habitar. Conseqüentemente, o santuário do coração, em todos os seus aspectos, terá de ser preparado para atingir essa condição tão elevada. *Onde estiver o coração, diz Pimandro, aí estará a vida*.

Logo, quando o coração houver sido inteiramente preparado para seu serviço, veremos nesse coração assim exaltado a bela forma humana original, o arquétipo de nossa humanidade, o princípio primordial anterior ao princípio sem fim.

O homem dialético fez de seu santuário do coração um antro de desejos; é preciso compreender isso clara e nitidamente! Dentro dele arde o fogo das paixões do eu, ao passo que o coração é chamado a tornar-se a morada do Espírito, do Deus-em-vós, que

está potencialmente presente no átomo-centelha-do-espírito.* Devemos refletir sobre isso e compreender como estamos doentes! A que profundidade caímos! O santuário do coração, o templo do Deus-em-vós, degenerou num covil de assassinos!

Quem, pois, conseguiu dedicar novamente o seu coração a seu serviço, poderá também, subsequente, abrir o santuário da cabeça à tarefa sacerdotal de servir à humanidade. Esse homem será capaz, também, de refletir sobre as “coisas essenciais”, porque a consciência mercuriana nasceu do coração renovado.

A Gnosis nos considera pessoas doentes, pacientes, devido às condições psíquicas do nosso santuário do coração. É em virtude disso que sois tolerados. É em virtude disso que tanta coisa é suportada de vós, pois somente do coração renovado pode provir a consciência de Mercúrio, a nova faculdade tríplice do pensar, querer e agir. Pode ser que, refletindo sobre as coisas essenciais, sejamos elevados para o interior dos campos onipresentes do espírito com o coração purificado. O desenvolvimento hermético e a vida hermética estão baseados na absoluta unificação e cooperação da cabeça e do coração, não do eu e da cabeça, mas do coração e da cabeça purificados.

Quanto a essa necessidade, o mundo está fracassando. Muitos reconhecem o caos e a degeneração que nos cercam, muitos vêem como o mundo está naufragando, mas o eu continua a perguntar-se: “Como isto irá acabar?” E se faz toda sorte de experimentos, e uma soma imensa de energia e dinamismo é empregada. Porém tudo é inútil, porque o homem esquece de purificar o santuário do coração e de consagrar-se a seu serviço. Somente quando o santuário do coração é purificado e consagrado à luz, aberto a ela, surge uma mentalidade muito diferente. Somente então pode-se colocar o dedo nas feridas deste mundo, desta sociedade.

Quando somos chamados pela Gnosis devemos reconhecer e cumprir a tarefa: purificar o coração. O coração deve ser esvaziado

dos desejos e do egocentrismo e abrir-se ao grande amor. Para isso é preciso exercitar o coração, em verdadeira preparação. Porque assim é o começo. Então a cabeça seguirá, deverá seguir. E então encontrareis o vosso Pimandro.

Pimandro nasce do amor divino e não dos impulsos da vontade, não dos ímpetos volitivos de um ser humano que chegou a um beco sem saída. Hermes Trismegisto nos diz que a chave para a Gnosis, para a única verdadeira vida, é a purificação e a completa entrega do coração.

E quando o homem estiver trilhando esse caminho e fazendo esse trabalho também ouvirá a voz suave dizendo: *O que queres ouvir e ver, e o que queres aprender e conhecer em teu Noús?*

Que mais queremos aprender, saber e conhecer senão as coisas essenciais? E qual será, de início, a coisa mais essencial que, sem dúvida alguma, devemos saber? É a verdade, a realidade em relação a vós próprios. Porque se não conhecerdes a vós mesmos, como podereis sondar os outros?

Eis por que o homem hermético, ao empenhar-se pela primeira vez em sondar, vê uma luz poderosa, serena, que alegra o coração. E nessa luz também vê, movendo-se para baixo em espiral, um pântano de trevas, horror e miséria, extremamente triste, sempre em movimento, numa confusão inenarrável. Chamas vermelho-escuras sobem de todos os lados.

Então, dessa caverna de confusão, dessa treva negra, vem uma voz, um chamado sem palavras que corresponde à luz que se propaga ao redor. E, partindo dessa luz, expressa-se o Verbo sagrado. E aquilo que em tais trevas é puro e verdadeiro eleva-se da escura caverna do nascimento, dessa natureza negra, e começa a tomar a forma de uma atmosfera. E assim vemos primeiro a luz que surgiu da natureza decaída e, em seguida, a atmosfera sintonizar-se com a luz original; e abaixo vemos esta úmida escuridão de terra e água: o estado de ser dialético do candidato, mas um candidato que limpou o santuário do coração ou, pelo menos, está purificando

o seu coração; essa úmida escuridão de terra e água movida pela voz do Verbo que é da Luz, o Verbo que voltou para a Luz.

Compreendeste o significado dessa visão?, pergunta-nos o Pimandro do Corpo Vivo da jovem Gnosis. E ele mesmo dá a resposta: “Essa luz sou eu, e ela agora passou a residir no coração do verdadeiro candidato”. É Deus manifestado na carne, Osíris que voltou, Cristo que voltou.

O campo espiritual luminoso é, em primeiro lugar, Pimandro, a estrutura de linhas de força da onimanifestação. Mas, ó maravilha gloriosa, essa luz, essa poderosa luz, essa divina chama de fogo, elege o coração para moradia. Desse modo a divindade torna-se um filho. Porque o que durante éons* esteve adormecido no coração está assim sendo despertado: o filho da Divindade manifesta-se dentro de nós.

O filho da Divindade possui um grande poder. Pimandro o chama de “o Verbo” ou “a Voz”. Portanto, quando Pimandro começa a falar no candidato, ele fala e testifica no coração, porque o coração é a morada de Deus, na qual o filho da Divindade falará quando o tempo for chegado. Deus e o filho, o campo de luz e a luz que desceu, já não podem se separar, pois da união desses dois procede a vida, a nova vida.

Quando, mediante o desapego do eu estiverdes enobrecidos para isso, *dirigi o coração para a luz e reconhecei-a*. Quando a reconhecerdes, vereis os imensos e gloriosos poderes do Verbo vivente em vós. Vereis e experimentareis no coração uma luz de poderes incontáveis, um mundo verdadeiramente incomensurável, a Cabeça Áurea. E vereis como o fogo devorador da ordem inferior é cercado e dominado com grande força pela condução direta da própria luz e pela luz do Verbo que fala em vós. E assim vereis e experimentareis como, por intermédio do poder luminoso da Gnosis que nasceu em vós, a natureza inferior é dissolvida pelo que denominamos transfiguração ou renascimento.

Essa é a Gnosis original, a Gnosis hermética, a verdade que é anunciada à humanidade desde o princípio. Esse é o Verbo de Pimandro.

Verifiquemos agora se esse Verbo está de acordo com o que também a jovem Gnosis tem afirmado durante tantos anos. O testemunho referente ao arquétipo humano, a forma humana original anterior ao começo sem fim, a forma humana que era e que é até o presente momento.

À POSIÇÃO DA ORDEM DIALÉTICA
NA SETUPLICIDADE CÓSMICA

O *Corpus Hermeticum* prossegue com a descrição da manifestação cósmica original e com a formação do mundo atual e da humanidade. Pimandro mostra a Hermes, que se elevou ao campo espiritual, ao domínio onipresente do amor divino, a eterna ordem mundial e original dos verdadeiros homens celestes, ordem à qual nos esforçamos por regressar, ordem mundial que o homem hermético tem a capacidade de ver, e a anteporta onde ele pode ficar ao chegar à Cabeça Áurea.

Vi em meu Noûs, como a luz, que consistia em inumeráveis forças, tornara-se um mundo realmente ilimitado, enquanto o fogo era cercado e contido por uma força muito poderosa e, assim, posto em equilíbrio.

Consideramos esse aspecto de baixo, do ponto de vista do candidato que se aproxima. Queremos afirmar enfaticamente que essa ordem mundial original foi desde o princípio e é a ordem da humanidade celeste que se reabre para vós quando participais novamente da sexta região cósmica.

E do coração de Hermes se elevam questões que traduziremos segundo a nossa própria terminologia: “Como se encaixa a natureza dialética no contexto dessa grandiosa manifestação que

posso ver por teu intermédio, Pimandro? Que devo pensar a respeito do Universo dialético? Como caiu o homem celeste na prisão da natureza dialética, degenerando no que agora é? A natureza dialética proveio da essência original? Por que esta ordem de natureza se tornou tão má?”

A todas essas perguntas Pimandro dá uma resposta. Ele diz: A natureza dialética foi feita em conformidade com o puro arquétipo do mundo, mediante progressão no incomensurável processo da criação. Uma grande oficina foi formada, um imenso laboratório alquímico onde o homem deveria atuar no trabalho concernente aos grandiosos projetos da manifestação do Universo, pois a divindade criadora oferece às suas criaturas, aos seus filhos, todos os poderes divinos que ela mesma possui. Deus não somente faz que suas criaturas venham à manifestação, ele não somente as coloca numa ordem mundial, mas também lhes dá uma incumbência — a de trabalhar no desenvolvimento da onimanifestação — e para isso lhes dá um gigantesco laboratório alquímico, o sétimo Universo.

Como a filosofia gnóstica da jovem Gnosis já de há muito tem esclarecido, toda a natureza dialética deve ser vista como esse campo de trabalho. Vemos atuar na manifestação da dialética uma e mesma lei: a lei da trituração, a lei do despedaçamento, a lei do desabrochar, florescer e submergir, a lei da circulação contínua. As coisas vêm e vão e sempre retornam ao seu ponto de partida. No Universo dialético tem lugar uma contínua transformação de elementos, de matéria.

É uma *ordem natural cuja atividade denomina-se fatum ou destino*, diz Pimandro, mostrando, com isso, a lei fundamental, a essência do inevitável movimento circular.

Todavia, na essência da dialética, a sétima região cósmica, podemos ver uma ordem superior, um plano grandioso em perfeita ligação com as seis outras regiões cósmicas. Este modo de ver

torna-se imediatamente compreensível ao considerarmos que, segundo exposto há pouco, a dialética original foi concebida como imensa e grandiosa oficina cósmica, e ainda o é.

A Gnosis egípcia, a Gnosis hermética, vê a natureza fenomênica *desse* ponto de vista, ao passo que, por exemplo, a Gnosis de Mani considera a dialética em sua atual malignidade, em seu satanismo evidente, tal como o fizemos durante muitos anos.

A Gnosis de Mani vê a dialética em sua malignidade visível; a Gnosis de Hermes, estando acima do estado submerso de nossa ordem de natureza, focaliza o propósito divino original. A Gnosis de Mani quer expor à humanidade que a terra procura prender o homem batalhador e sofredor e que, em vista disso, os maniqueus,* como realistas que eram, anatematizavam este mundo mau. Não é possível que esta natureza maligna e corrompida tenha sido criada por Deus, porém por Lúcifer,* assim explicavam.

Diante de todas as nossas experiências na natureza da morte, também aceitamos o ponto de vista de Mani. Contudo, consideramos esse ponto de vista em conexão com o de Hermes. No decorrer de suas exposições, Hermes também se aproxima, em seus escritos mais tardios, dos irmãos maniqueus. Já no primeiro livro, *Pimandro*, nos versículos 68–70, Hermes, em seu estado de iluminação, ao se dirigir à humanidade, fala numa linguagem muito maniqueísta:

Ó povos, ó homens, que nascestes da terra, que vos entregastes à embriaguez, ao sono e à ignorância sobre Deus, tornai-vos sóbrios e cessai de revolver-vos na depravação, fascinados que estais num sono animal!

Ao ouvirem isso, unânimes vieram a mim. E continuei: Ó terrestres, porque vos entregastes à morte, se tendes o poder de participar da imortalidade? Vinde e conscientizai-vos, vós que andais na ilusão e tomastes a ignorância como vosso guia! Libertai-vos da luz

tenebrosa e tornai-vos partícipes da imortalidade, afastando-vos definitivamente da corrupção.

Alguns deles zombaram de mim e foram-se, pois estavam no caminho da morte. Outros, porém, que se puseram de joelhos diante de mim, rogaram para que os instruisse. Levantei-os e tornei-me guia do gênero humano, ensinando-lhes a maneira pela qual poderiam salvar-se. Semeei neles a palavra da sabedoria e os dessedentei com a água da imortalidade.

Infere-se dessas palavras que, em essência, não existiu diferença entre os irmãos maniqueus e os de Hermes Trismegisto. De vez em quando, sim, amiúde, é necessário apontar para a malignidade da natureza presente, a fim de que a luminosa pátria da humanidade possa situar-se mais claramente frente à nossa consciência. Porém, do mesmo modo, é muito necessário de vez em quando lembrar, como temos feito freqüentemente na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, que a sétima região cósmica é o grande campo de trabalho da humanidade celeste. A Gnosis de Hermes e a de Mani seguem de mãos dadas. Eles foram irmãos da mesma linhagem.

Sentimo-nos no dever de indicar isso porque houve épocas em que, em círculos de pesquisadores, discutia-se se houve e até onde teria havido uma contradição entre maniqueísmo e hermetismo. Na França, por exemplo, de tempos em tempos, fazem-se perguntas semelhantes. Em essência, não há antagonismo nem é possível que haja.

O hermetismo representa a clareza filosófica. O maniqueísmo convoca para uma grande realidade revolucionária, para uma despedida positiva e consciente da natureza inferior. Mediante essa orientação, o maniqueísmo teve, em sua época, por esse motivo, grande poder sobre a humanidade. E por isso ele foi tão temido e odiado pelos adversários e ainda mais mortalmente perseguido

do que foi o catarismo. Os inimigos dos cátaros* liquidaram-nos mediante fogueiras e morte por inanição, e os irmãos e irmãs maniqueus foram cruel e inconcebivelmente torturados, mutilados e martirizados até a morte.

Sabemos que o catarismo, não obstante ter-se fundamentado mais em base hermética quanto à filosofia, esteve, porém, animado pelo mesmo objetivo que o dos maniqueus. E, pelo fato de o objetivo ter sido o mesmo, os cátaros foram acusados de ser maniqueus, com a preconcebida intenção de, por esse motivo, poder persegui-los e exterminá-los. Também a jovem Gnosis tem muitíssimo que agradecer a essas duas fraternidades.

Continuemos, porém, com as nossas considerações a respeito do livro *Pimandro*.

Vemos na sétima região cósmica, isto é, no Universo dialético, como os sistemas maiores revelam-se em sistemas cada vez menores, de modo que o sistema da Via-láctea se expressa em sistemas zodiacais, os sistemas zodiacais em sistemas solares, e estes, por sua vez, em sistemas planetários.

Em nosso sistema solar, assim como em miríades de sistemas semelhantes, vemos um sistema de sete forças que cooperam e se determinam de modo recíproco. Para mencionar essas forças, o *Pimandro* fala de sete regentes ou sete reitores que abrangem, em seus círculos, o mundo sensorial. Imaginemo-nos situados num ponto de vista geocêntrico e consideremos, desse modo, o movimento das estrelas, as suas atividades no sistema solar. O sol, a lua e os planetas descrevem então as suas trajetórias ao vosso redor. Eles enviam sua luz e suas forças. Eles se influenciam reciprocamente e também a vós. Tudo o que está na terra fica, assim, sob a direção dos sete reitores, que determinam a sorte, o destino dos homens nascidos da natureza.

Quem, no passado, se ocupou com a astrologia, sabe que sempre teve de contar com aspectos bons e maus. O *fatum* ou destino determina o inteiro caminho do homem na natureza dialética.

Assim, estais presos na teia do destino. Tudo o que está na terra, tudo o que é da natureza, está sob o governo dos sete reitores.

A intenção inicial foi que todos os elementos submersos, todas as manifestações da natureza dialética, devessem permanecer destituídos de razão e que só existisse a matéria, pois, a partir do momento que um elemento, uma matéria, se alia ao espírito, nasce um estado quase impossível. Aparece, então, assim o diz *Pimandro*, uma atividade espiritual na matéria, que, estando sujeita a contínua transformação, ingressa com seu prisioneiro na natureza da morte.

Isso quer dizer: quando a luminosa centelha, o espírito, une-se à matéria de maneira imprópria e incorreta, a matéria e o espírito interpenetram-se. O espírito é eterno e imutável, ao passo que a matéria está em contínua transformação, em contínua mutação. Quando ambos se unificam, a matéria arrasta consigo o espírito, a centelha luminosa. Dessa união, antinatural, nasce uma cristalização. A matéria opõe-se, e o espírito procura manter-se. Da ação que parte do espírito, da luz, com o objetivo de afirmar-se, de permanecer, aparece uma condensação da matéria, uma cristalização, porque tudo agora se opõe à mutação. Desse modo, a eternidade está aprisionada numa sucessão de dores.

Na qualidade de homens modernos, que lêem e ouvem a respeito das investigações da ciência natural moderna, sabeis que na matéria há vida. Em cada átomo material existe vida e força, porém não uma força no sentido da humanidade vivente, não o espírito. Por isso, pensai aqui no mandamento do Paraíso: a humanidade celeste deveria utilizar a matéria como material alquímico, impelindo-a ao seu próprio objetivo, mas não deveria unir-se a ela. A humanidade celeste deveria utilizar a matéria de maneira que da vida e da força da matéria aparecesse, em tempo oportuno, o que da matéria poderia surgir. Com relação a isso, lembrai a conhecida história do aprendiz de feiticeiro que, por curiosidade, se liga a forças que ele não é capaz de governar com

perfeição; essas forças, então, desencadeiam-se e governam-no, levando-o para longe, no mar da vida.

Assim, vemos que quando a vida consciente, quando o espírito, liga-se e unifica-se com a matéria da sétima região cósmica, a conseqüência é sempre dor e morte. E, quando o espírito procura manter-se na matéria, isso se revela pelo que todos nós conhecemos por cristalização.

Todos os elementos da natureza, com suas ações, forças e possibilidades, foram entregues por Deus às suas sublimes criaturas da humanidade celeste, uma humanidade verdadeiramente divina que atuava no campo de trabalho divino. O homem celeste lá entrou como que num jardim maravilhoso, como que num paraíso. Ele procurou cooperar com os sete reitores e esquadrinhou tudo o que da natureza nascia para uma vida natural. E como o campo de trabalho era maravilhosamente belo e respirava em tão nobre racionalidade, o homem celeste esquecia, de vez em quando, o seu verdadeiro lar e ficava em atividade no jardim das maravilhas. E viu a si mesmo como ponto de convergência de todas as coisas. E como viu a sua própria figura na água, amou-a e quis conviver com ela. Nesse momento, a vontade havia formado uma imagem muito insensata. E assim desenvolveu-se o estado em que a natureza, a matéria, envolve o seu amado ligando-se totalmente a ele. E o homem celeste, que recebeu o Jardim dos Deuses como palácio, foi aprisionado.

Por isso, de todas as criaturas da terra, somente o homem é dual, isto é, mortal segundo o corpo, segundo a matéria, e imortal segundo o princípio celeste, segundo o homem real. E assim o imortal sofre insuportáveis dores em virtude de seu aprisionamento na matéria sujeita à transitoriedade. Não obstante o princípio celeste superior que está submerso no homem dialético ser mais nobre e precioso que o seu invólucro, ele tornou-se um servo do seu invólucro. Os resultados fatais, como aqueles a que hoje estamos submetidos, ainda não haviam aparecido no

começo da união do homem celeste com a natureza da ordem dialética. O *Pimandro* refere-se a uma série de bilhões e bilhões de anos. O desenvolvimento dessas conseqüências realizou-se bem gradativamente. Entre as fases iniciais da união e a transformação e cristalização total e definitiva nas últimas profundidades da matéria se encontra a história da decadência total do homem; uma história universal que tem início com o desenvolvimento das chamadas sete raças.

O homem celeste era masculino e feminino em si mesmo e podia, portanto, reproduzir-se por si mesmo. E, assim, o grupo de homens celestes fez aparecer de si mesmo sete subtipos, em perfeita harmonia com os sete reitores, com os sete aspectos do sistema solar. E essas sete raças-raízes, assim como são designadas na Doutrina* Universal, povoaram não somente a terra, mas também, e em grande glória, o Universo inteiro, todo o sistema solar. Assim, a humanidade celeste foi, passo a passo, prendendo-se à sua própria criação e à sua criatura. E mais tarde ainda, nos homens que se reduziram a esse estado, atrofiou-se uma das polaridades, e apareceu, mediante a separação dos sexos, a condição humana que agora conhecemos.

Assim *Pimandro* mostra a Hermes a gigantesca história da humanidade. E Hermes aprende e ouve, não como nós o fazemos neste instante, tendo em mãos o que conhecemos como *Pimandro*, mas Hermes lê com a sua consciência mercuriana na memória da natureza e vê os quadros passar à sua frente de maneira panorâmica.

Fica assim patente, como a seqüência de idéias aqui exposta mostra, que a cosmologia de *Pimandro*, a filosofia hermética, está na totalidade da Doutrina Universal e nas diversas escrituras sagradas.

Consideremos por exemplo como Paulo, com sua forte tendência hermética, se refere a criaturas de Deus aprisionadas na matéria e a seus anseios por libertação e salvação. Pensemos em

seu grito de alegria quando reconhece que toda a criação espera ansiosamente pela manifestação dos filhos de Deus. E, segundo o plano de salvação gnóstico, essa manifestação se realizará de acordo com um plano de salvação tão grandioso e gigantesco que palavras não são capazes de expressá-lo. Pensai na humanidade celeste original, que deu origem às sete raças-raízes, e como dessas sete raças-raízes se originaram inúmeras sub-raças. Pensai em todas essas entidades, nessas miríades de entidades de todas essas sub-raças. Em todas elas se encontra o princípio da luz.

A centelha luminosa, que antes era apenas luz, está também submersa em nós, como uma única centelhazinha luminosa, como uma “semente-Jesus*”, portanto também todos nós podemos participar do poderoso plano de salvação. E, se quisermos, o processo de salvação pode ser executado de modo rápido, caso nos consagrarmos totalmente à nossa vocação com a verdadeira despedida da dialética, separando por completo a luz das trevas, o espírito da matéria, o que é eterno do que é *fatum* e perecível. Mas, *antes* de começardes com esse processo, *antes* de sulcardes as águas, de modo que assim apareçam a direita e a esquerda, é preciso purificar o santuário do coração e deixar o espírito, Pimandro, entrar nesse santuário, para que o princípio luminoso em vós se vivifique. Portanto, deveis consagrar-vos totalmente a essa vocação.

SALVAÇÃO E REMISSÃO DE CULPA

Antes de prosseguirmos na exposição relativa ao *Pimandro*, de Hermes Trismegisto, consideramos desejável dar pormenores relativos às conseqüências decorrentes do que foi exposto anteriormente, conseqüências que se apresentam a todos os que verdadeiramente desejam trilhar a senda da libertação. Como introdução à nossa intenção, consideremos João 15:9–17:

“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo. O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já vos não chamei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer. Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai ele vo-lo conceda. Isto vos mando: Que vos ameis uns aos outros.”

Olhando uma vez mais para o quadro que resulta da parte já considerada do *Pimandro*, vemos em primeiro lugar o homem

celeste em toda sua glória. Em segundo lugar vemos como o homem celeste se misturou com a natureza dialética; e em terceiro lugar, como da humanidade celeste originaram-se sete raças que povoaram o Universo dialético. E, por fim, podemos verificar como todos os habitantes do planeta, em suas várias figuras e estados de ser, foram formados das sub-raças, dessas sete raças primordiais.

Em outras palavras: o princípio celeste primordial dividiu-se cada vez mais em todas essas miríades de entidades. Essa divisão, porém, só pôde continuar até determinado ponto, até que, em inumeráveis entidades, não houvesse mais que *uma* única semente da magnificência primordial dos filhos de Deus. Todos nós somos uma parte dessa legião incontável, legião portadora de nada mais do que *uma* semente dessa primordialidade. A impossibilidade de uma decadência mais profunda na natureza dialética e, conseqüentemente, a impossibilidade de uma diferenciação ainda maior da semente da luz, resulta dos seguintes fatos: é impossível que o espírito possa diferenciar-se e irradiar quando o portador do espírito não é consciente dessa posse.

Inúmeros são os que levam em si a semente-Jesus, o átomo original, e não são conscientes disso. A semente oculta neles está latente e de modo algum é capaz de continuar a dividir-se.

Além disso, todos os microcosmos* que se diferenciaram das sete raças-raízes primordiais, para poderem manter-se conforme a sua natureza, devem concordar com a fórmula da natureza dialética original da qual surgiram. Esse fato ainda acontece com os bilhões de entidades nas quais a semente está latente e acontecerá enquanto essas entidades se conciliarem com o ponto mais baixo da lei da natureza dialética. Em outras palavras: a semente permanece no centro matemático do microcosmo enquanto o microcosmo aprisionado na natureza se submete à lei da natureza, à lei da matéria. Se as normas de vida de uma entidade descem abaixo da lei da matéria, o microcosmo é desligado, desnaturado

e se decompõe em seus elementos materiais em consequência dos processos de trituração do *fatum*.

Então não morre apenas a personalidade, que em determinado momento está cercada por um microcosmo, mas também o próprio microcosmo, pois ele se tornou incapaz de acometer a matéria e de libertar-se dela. A semente da luz primordial, que esteve aprisionada em semelhante microcosmo, já não tem onde habitar e, assim, volta não manifestada às suas origens.

Vamos explicar outra vez: o microcosmo pode decair até o nadir, até o ponto mais baixo do estado submerso da dialética. Se desse nadir não resulta uma ascensão, esse microcosmo pode permanecer, durante um tempo incompreensível e inimaginavelmente longo, submetido à leis transitórias da matéria, em reiteradas vivificações da personalidade. Pode-se denominar essa condição de estado neutro. Se o microcosmo decai abaixo da lei da matéria, ele é dissolvido: a matéria retorna à matéria, e o princípio de luz retorna à luz; é o estado de aniquilamento. E, como terceira possibilidade, há a salvação, o começo da viagem de retorno das profundidades do nadir à pátria original.

A essa viagem de retorno sois convidados pela Escola Espiritual, a Escola da Rosacruz Áurea. É possível que, como microcosmo, tenhais permanecido durante éons no estado neutro por não estardes conscientes do fato de serdes possuidores do princípio de luz. Pelo toque e pela atração da Escola, esse princípio pode despertar e tornar-se ativo em vossa vida; então, é aconselhável pôr esse princípio de luz acima de tudo na vida e fazer recuar a natureza dialética para segundo plano.

A condição para isso é a purificação do coração. O santuário do coração precisa ser totalmente retirado da garra do desejo, da imensa degeneração à qual esteve submetido durante inúmeras vidas.

Dedicando-vos a essa purificação do coração, o princípio de luz em vós torna-se vivo e leva ao encontro com Pimandro. Se

esse princípio despertou e for possível proporcionar-lhe novamente um santuário puro, ele também estará a serviço de vosso semelhante. Se o princípio de luz estiver latente, se estiver adormecido, então é possível até dedicar-vos ao próximo, em sentido humanitário e dialético; é possível esforçar-vos, de uma ou outra maneira, como aquele de quem se diz “que cumpre a sua tarefa no mundo”. Porém, somente podereis avançar como filhos de Deus quando o princípio de luz estiver desperto, quando ele tiver ganhado espaço em vós e for capaz de irradiar.

Considerai os que, entrementes, impeliram esse princípio de luz à ação e vivem, em sentido gnóstico, na pureza do coração. Quando, nas famílias dessas pessoas nascem crianças, acontece que, como resultado da pureza do coração dos pais, também o princípio de luz é inflamado no coração dos filhos. Tenhamos em vista o fato de que também vós, já pela vossa vida, preparastes lugar nas fileiras da Gnosis para os vossos filhos, antes mesmo de eles nascerem, pois quando a luz despertou em alguém, ele é capaz de ser ativo a serviço de todos.

O terceiro estado, o de salvação, é, portanto, de natureza bem excepcional; é o começo do retorno à pátria original. Esse retorno conduzirá, por fim, à total libertação, ao completo desligamento de toda a matéria; conduzirá para a substancialidade incorpórea e levará para os campos do espírito, assim como acontece com o homem pimândrico. Mas, antes que esse ponto final seja atingido, a personalidade deve ainda, em inúmeros estados de ser, trabalhar com a substância. E o princípio de luz, revestido de veículos materiais cada vez mais sutis, deverá trilhar o caminho de volta através da matéria.

Quando falamos da “veste áurea nupcial” e exortamos a tecê-la, referimo-nos a um veículo infinitamente mais sutil do que a nossa veste ou personalidade momentânea. Assim deverá ser palmilhado o caminho de volta; as entidades seguirão esse caminho através da matéria, revestidas de veículos materiais de sutileza

crescente, caminho de volta através das sub-raças e das raças-raízes primordiais, na posse de glória crescente. E que milagre se consumará no final! Procuremos imaginá-lo. A culpa original em consequência de falta e da queda de certo número de seres celestes será anulada pelo fato de que uma multidão incontável aumentará as fileiras celestes, pois quando num ser humano ainda está presente somente uma centelha de luz, uma semente de luz primordial, essa semente pode tornar-se uma divindade segundo as leis do espírito. E, assim, ó maravilha divina, pela queda e pela falta cometida por um número de seres celestes, originalmente limitado, as fileiras do povo de Deus crescerão, tornando-se multidão incontável constituída de homens celestes elevados das profundidades da morte, homens divinos originados das inumeráveis sementes da luz, acidentalmente semeadas na pré-história sobre os campos de cultura da matéria e, assim, ligadas a ela. Desse modo, culpa torna-se em arrependimento, arrependimento em bênção, bênção em crescimento, e crescimento em colheita. E assim, mesmo das profundidades do Inferno, resultará a vitória do amor. Quem puder compreendê-lo, que compreenda.

Pesquisador sincero, quem quer que sejais, conscientizai-vos de que possuíis a semente da primordialidade!

A DUPLA NATUREZA DO HOMEM

Dentre todas as criaturas da natureza, só o homem é dual, assim conclui Pimandro. Por um lado encontra-se no sistema humano a semente de imortalidade, a centelha do espírito, também denominada rosa do coração; por outro, encontra-se a natureza humana mortal, a forma natural. Não se encontra outro ser que possua semelhante natureza dupla.

E assim surgiu, pela queda dos filhos primordiais de Deus, este estado muito notável, o fato de que, em miríades de entidades mortais, encontra-se diferenciada a semente do espírito; e que todas essas miríades de entidades, nas quais se encontra a semente de Deus, reunidas como povo dos filhos de Deus, podem multiplicar-se, tornando-se uma multidão que ninguém pode contar. Assim pode acontecer, e acontecerá, que tudo o que a princípio era pecado e culpa, e mais as suas correspondentes conseqüências, transformar-se-á finalmente numa maravilha ainda maior e mais poderosa do que antes fora possível, numa inesperada bênção.

Mas, para que essa bênção se manifeste realmente, uma vigorosa intervenção torna-se essencial. Então muito deve acontecer! Portanto, só aqui se encontra a grande possibilidade, encontra-se oculto o mistério de que por efeito de uma queda, por efeito de pecado e culpa, pode resultar semelhante bênção, para provar que o espírito, o amor, é sempre o vitorioso.

Quem alcança o discernimento sobre a índole de seu ser nascido da natureza é capaz de se libertar de sua dualidade e de retornar à sua divindade original. Reconhecei isso, se pelo menos

já estiverdes conscientes neste momento de que possuíis uma centelha do espírito. Reconhecei agora se estais conscientes de vossa dualidade, por um lado o ser natural, por outro lado a rosa do coração, o verdadeiro homem original, e vede a possibilidade de salvação, se estiverdes conscientes de possuir uma centelha do espírito. Então, não sois culpados pessoalmente, como ser natural, da essência do pecado, como os nossos antepassados reformadores ortodoxos sugeriram; pois, como entidade nascida da natureza, sois completamente unos com a essência da dialética. O caminhar das coisas na sétima região cósmica foi e é inevitável para toda entidade ligada a esta natureza. Não, como possuidor da rosa, o homem só pode tornar-se consciente da incoerência existencial, da absurda existência do aprisionamento. Essa é a consciência do pecado, que a Doutrina Universal considera desde o princípio: que o homem verdadeiro, o homem-espírito, torne-se consciente de seu calabouço, de seu presente estado de ser.

A consciência do pecado é, segundo o versículo 39, estar consciente de sua absoluta imortalidade e do seu poder sobre todas as coisas e, apesar disso, sofrer o destino dos mortais, em razão de estar submetido ao *fatum*; de ser mais nobre do que tudo o que há na dialética e, no entanto, ter de ser seu servo; saber que “o Pai está em mim, aquele que não dorme, que me governa e, apesar disso, estou sob o poder do aprisionamento inconsciente”. Isso é consciência do pecado. E as palavras de Hermes provam que ele reconheceu esse estado.

O homem hermético compreende essa situação; mas para a maioria dos homens isso tudo é um grande prodígio; o prodígio da mescla da natureza com a humanidade. E o aspecto dramático disso é a queda evidente que se manifesta dessa mescla e a culpa que disso resulta; e não obstante o espírito anseie por vencer e deva vencer, ele chega, por esse acontecimento dramático, a uma fragmentação da ordem de milhões e assim concede a todos esses milhões o poder de novamente tornar-se filho de Deus.

Por isso o versículo 41 diz que pela mescla da natureza com a humanidade é produzido um prodígio admirável. Em seguida, Pimandro descreve o vir-a-ser desse prodígio no versículo 45:

A terra foi a matriz; a água o elemento gerador; o fogo levou o processo de formação à maturidade, a natureza recebeu do éter o alento de vida e produziu os corpos segundo a forma do homem.

Quando Pimandro se refere ao “homem”, ele está se referindo ao homem original, ao homem divino, à entidade espiritual. Quanto ao mais, ele simplesmente se refere ao corpo, à figura natural. O corpo recebeu uma forma humana ilusória. Em seguida, é mostrado como a forma natural foi produzida das radiações astrais e etéricas da natureza da morte. Essa forma natural é simplesmente denominada “o corpo”, e este é o que o mundo dialético considera geralmente como o “homem”. Que engano! É que a forma natural, em razão de sua natureza, possui uma vida própria, uma consciência pessoal; em suma, a forma natural é um ser vivente.

No homem estão presentes duas vidas: a vida original e a vida da forma natural. E Pimandro destaca esse fato ao dizer: o homem verdadeiro provém da vida e da luz. Saindo da única vida divina, o homem verdadeiro tornou-se um ser anímico; e, saindo da luz universal, tornou-se um Noûs. Com isso pensa-se num sentimento de natureza anímica excepcional, ser esse ligado ao espírito. O verdadeiro homem possui um coração puro, ele é o coração. Ele mora como um deus no coração da forma natural.

O verdadeiro homem também é, como descobrimos em seguida, hermafrodita em si mesmo, não obstante ser masculino ou feminino exteriormente. As formas naturais, pelo contrário, foram separadas sexualmente. Para compreender todas essas coisas de modo correto é preciso ter em vista o seguinte: a figura natural está dividida sexualmente, ela é ou masculina ou feminina. O homem-alma, pelo contrário, é tanto masculino como

feminino apesar de ser masculino ou feminino exteriormente. Existem, portanto, entidades anímicas masculinas e entidades anímicas femininas, não obstante não estarem divididas quanto à polaridade sexual. Mas, a forma natural sempre aparece dentro da divisão sexual, tal como a conhecemos, para que, mediante um sem-número de experiências e um sem-número de nascimentos, o plano de salvação possa ser levado a efeito. Sempre existe uma possibilidade concreta de novamente participar da vida original por meio da contínua animação do microcosmo, mediante contínua trituração na natureza da morte.

Sem dúvida, sabeis por meio de jornais, revistas ou publicações outras, que, na atualidade, se investiga ativamente com o intuito de conseguir o prolongamento da vida. Admite-se que se esteja em condição de, dentro de certo tempo, por exemplo, dentro de cem anos, prolongar a vida dos homens até aproximadamente oitocentos anos. De que modo se pretende concretizar semelhante fato?

Sabe-se também que o átomo contém formidáveis energias. O elemento vital, o elixir vital da figura humana encontra-se no átomo. E o fato de termos poucos anos de vida resulta da circunstância de o homem não saber utilizar-se suficientemente do elemento vital dos átomos. O que se quer é liberar o elemento vital que se procurou e já se descobriu. Quer-se produzi-lo e ministrá-lo aos homens mediante injeções, e assim prolongar a vida. Mas, considerando a pavorosa confusão que o homem faz da vida, vivendo uma média de setenta a oitenta anos, é evidente que se atingíssemos duzentos, trezentos ou até oitocentos anos, no decorrer desse tempo a ordem social viria definitivamente abaixo.

Daí não haver dúvida de que o tencionado prolongamento da vida significaria, ao mesmo tempo, o fim de toda a humanidade. Significativa também é a lei que vale para todo verdadeiro rosacruz (lembremos nesta oportunidade, por exemplo, o *Diploma*

de Backstrom), “que ele não deve desejar viver mais do que Deus lhe determinou”, porque o homem dialético, impelido por sua condição de ser natural, sempre corre o perigo de cair abaixo do nível da ordem dialética.

A divisão sexual tem por incumbência cuidar de que continuamente nasçam novos seres naturais e a vida mesma cuida de que eles, a seu tempo, sejam novamente triturados. Desse modo, por meio da dura escola da experiência profunda, é executado o plano de salvação. E assim pode ser trilhado o caminho que leva ao autoconhecimento. A separação dos sexos das formas naturais é, para isso, condição necessária, porque assim a roda* do nascimento e da morte gira ininterruptamente; e a caminhada pela vida é a indispensável escola da experiência, diz Pimandro. E quem, nessa escola da vida, é impelido para frente e possui o Noûs, isto é, um santuário do coração capaz de vibrar em harmonia com a rosa, e está aberto à luz gnóstica, um dia se reconhecerá em sua verdadeira natureza e sentirá profundamente a sua qualidade. Esse homem saberá, então, que o amor à forma natural, o desejo da prisão da carne, é a causa da morte com todas as suas conseqüências.

Assim foi implantada a união e instituída a reprodução, a reprodução das espécies pela divisão sexual, tal como se processa nos reinos animal e vegetal. Nesse caminho, quem consegue o autoconhecimento é conduzido à senda da humanidade-alma; e quem continua a prender-se à forma natural extravia-se nas trevas e experimenta, de modo doloroso, o que é da morte.

Talvez seja desejável chamar aqui a atenção para aquelas anormalidades que se têm manifestado através dos tempos e relativas à separação sexual e suas conseqüências. De tempos a tempos surge, para um grande número de pessoas, uma forma natural que não é nem homem nem mulher. Semelhante tipo humano desenvolve-se por um lado pela rejeição ao plano divino que impele os

homens através da matéria em culpa e expiação, e por outro lado pela negação da divisão sexual e respectivas conseqüências. Não se quer reconhecer o plano de Deus, plano que faz novamente os homens elevarem-se à forma anímica original, e, além disso, recua-se diante das inexoráveis conseqüências dessa negação: justamente a de se dever viver o estado de vida dialético.

E assim desenvolve-se, por exemplo, o tipo humano conhecido como homossexual, que é o produto da vida isolada da forma natural, sem que a senda da libertação, a senda do verdadeiro auto-conhecimento seja percorrida. A solução desse problema consiste em dirigir-se em perfeita auto-rendição à senda e segui-la decididamente. O homem, como ser nascido da natureza, somente pode recusar e rejeitar a forma natural mediante anelo consciente e esforços ativos para ser absorvido novamente pela forma anímica. Porém, quando não se procura o caminho ascendente ou não se quer segui-lo, se os impulsos hormonais permanecem como eram e a forma natural continua nesse fogo hormonal, é inevitável que se manifeste um desenvolvimento antinatural. Muitos dos que, no decorrer dos séculos, por assim dizer, se retiraram da vida e foram para os conventos desnaturaram-se.

Em relação ao versículo 48 do livro *Pimandro*, há ainda um aspecto a que devemos aludir. Sempre se tem compreendido mal o que é citado nesse versículo, e na referida sentença da filosofia hermética quis-se ver uma espécie de advertência. Lá está escrito:

Quem amou o corpo nascido da ilusão dos desejos permanece errando nas trevas.

Essa passagem tem sido freqüentemente considerada como uma advertência de Hermes visando o casamento terrestre e tudo o que se compreende como relacionado a esse casamento. Porém não se trata disso. Pelo contrário, a Gnosis original mostra como a separação sexual e suas conseqüências são uma necessidade para

manter girando a roda do nascimento e da morte. Com relação a *amar o corpo, corpo nascido da ilusão dos desejos*, é indicado o amor à natureza dialética, do qual falam os versículos 37, 38 e 39, cuja conseqüência foi o nascimento da forma natural mortal. E não faz nenhuma diferença estar diante disso na condição de casado ou solteiro, com aversão pela natureza ou não, em solidão ou em companhia. Quem quer ultrapassar a forma natural precisa, em concordância com o plano divino de salvação, abandonar o mundo dialético e tudo o que a ele é inerente, para palmilhar a senda da alma, o caminho de retorno para o alto.

Conseqüentemente, se a humanidade futura fosse impedida de seguir o caminho de sua natureza e nisso houvesse êxito, tal como se procura fazê-lo mediante o prolongamento da vida, isso significaria o fim irrevogável; pois logo toda a ordem de socorro, com sua humanidade, afundaria abaixo do nível das leis da natureza.

O amor à própria forma natural, o completo abrir-se nela, colocá-la como centro, considerá-la como o homem, esse é o erro acusado por Hermes no versículo 48.

Se compreendestes tudo isso e perguntardes como alcançar a pureza, essa purificação da vida, que é condição para se erguer à realização da liberdade, é preciso que saibais que a pureza pela qual um homem em sua forma natural deve esforçar-se é sempre a pureza do coração, a purificação sétupla do santuário do coração, pois o coração é, em certo sentido, a morada da rosa. O santuário do coração é o espelho da luz universal. O santuário do coração é Deus.

Pimandro fala ao candidato no coração. E, por isso, todo aluno sincero da Gnosis esforça-se por uma verdadeira purificação sétupla do coração. E quando um homem torna-se puro segundo o santuário do coração, quando o candidato sincero assiduamente esforça-se por tal purificação e, em conseqüência, a luz pode residir nele, com a vida de sentimentos também se transforma por

completo a vida de pensamentos; e a vida de ações se harmonizará perfeitamente com essa purificação sétupla do coração. Assim o homem é puro em tudo o que faz ou deixa de fazer.

Apenas então também se modificam as funções hormonais no sistema humano, e o candidato ingressa na *esfera do bem*, como o denomina Pimandro: no estado do verdadeiro crescimento da alma.

IMPELI A ALMA IMORTAL AO NASCIMENTO!

A Gnosis hermética esclarece-vos perfeitamente que da vossa forma natural não deveis esperar salvação libertadora. Viveis numa natureza mortal e enquanto nascidos dela formais com ela uma unidade. Qualquer forma natural está, por isso, sujeita à morte. Sois, como fenômeno natural, provenientes de uma triste escuridão que precedeu tudo o que é dialético. Para os alunos da jovem Gnosis isso não constitui novidade. Eles estão profundamente convictos disso, após tudo o que a Escola Espiritual ensina e esclarece a esse respeito.

Contudo, é de grande significado que a Gnosis primordial corrobore tudo isso. Depois, também é significativo que Pimandro considere novamente em sua exposição a dualidade do homem. Nunca é demais dizer e nunca é demais compenetrar-se de que o homem do qual falam e testemunham a Doutrina Universal e a Bíblia é completamente diferente da forma do corpo que é erroneamente tomada como homem.

Sois seres duais. Em vós o verdadeiro homem anseia pela libertação, o verdadeiro homem, aquele que está aprisionado em vossa forma natural. Conservando isso diariamente diante dos olhos, prestais um grande serviço a vós mesmos.

O *Pimandro* ainda faz alusão a mais um possível erro na concepção predominante. O Pai de todas as coisas não consiste em vida e luz, mas ele *é* vida e luz. Quando algo é formado de vida e luz, trata-se de um estado de ser demarcado, de uma limitação; e, conseqüentemente, sempre existe a possibilidade de que,

por uma desordem funcional, nada reste absolutamente ou reste algo muito danificado. Mas, quando se diz que o Pai de toda as coisas é vida e luz, está-se aludindo à absoluta imutabilidade, à indestrutibilidade, à onipresença.

Assim também o verdadeiro homem, aprisionado na forma natural, não é formado de vida e de luz, mas ele é vida e luz. Ele é Deus. Por isso, Jesus, o Senhor, pode dizer com razão: “O Pai e eu somos um”. E para a forma natural, para o homem nascido da natureza, portanto, para nós, a Bíblia diz: “O reino de Deus, o homem divino, está em vós!”

Muitos alunos que ouvem falar da senda e do novo estado de vida libertador mostram uma fisionomia em que aparece a admiração e também a descrença; ou em outras palavras, total falta de fé em si mesmos, expressando-se isso no pensamento fatal: “Jamais alcançarei isso!” Esses alunos efetivamente entraram muito cedo para o discipulado, pois sua admiração ou sua descrença provam que, por falta de experiências na vida, ainda não descobriram que em si mesmos está oculto o reino de Deus. E por isso ainda não podem manejar a chave para a vida libertadora.

Quem desse modo ainda se encontra limitado e ainda não pode crer em si mesmo na base de um profundo saber nascido de experiência geralmente perde também a confiança na Escola Espiritual. Nesse estado, semelhante aluno torna-se logo inimigo da Escola, o que pode ser facilmente comprovado na história de nossa Escola e também na história do gênero humano. Basta considerar a Bíblia. Quando Jesus, o Senhor, como homem de consciência hermética, testemunhou: “O Pai e eu somos um”, os teólogos daquele tempo consideraram que Jesus blasfemava contra Deus e era louco, e o acusaram de ser um tolo. E quando os perfeitos,* entre os cátaros, descobriram o reino oculto e o demonstraram mediante o seu estado de vida, foi o clero daquele tempo — que, comparado com o sacerdócio dos cátaros reduz-se a nada — que deliberou, raivoso, sobre sua morte.

Em Hermes surge um problema que, sem dúvida, também é nosso. *Dize-me*, diz Hermes a Pimandro, *como poderei ingressar na vida?* E Pimandro responde: *Que o homem que possui o Noûs conheça a si mesmo*, com o propósito de dar a entender que quem possui o Noûs tem, em conseqüência disso, o autoconhecimento.

Mas, assim reage Hermes, *não são todos os homens que possuem o Noûs?* A resposta: *Presta atenção ao que dizes! Porque eu, Pimandro, o Noûs, venho para os homens que são santos e bons, puros e misericordiosos, os que temem a Deus; minha presença torna-se para eles um auxílio, de modo que imediatamente tudo conhecem.* Suponde, prezado leitor, que tenhais consciência do reino oculto em vós e das imensas possibilidades nele presentes, e isso por efeito de um saber nascido da experiência por meio do duro caminhar na vida; que, na dramática via do microcosmo, através da natureza da morte, em muitos estados de existência, sob muitas tribulações da vida e das múltiplas conseqüências da separação dos sexos, a consciência tenha chegado a essa certeza e a posse do reino oculto já seja perfeitamente admitida.

Nesse estado apresenta-se o problema que é o motivo pelo qual milhões suspiram e pelo qual muitos milhões têm sido desencaminhados até o presente momento. É a pergunta: como libertar o reino interno, como revivificar o verdadeiro homem, como se pode ingressar no reino oculto? Milhões, durante a vida, chegaram a descobrir o reino oculto. Justamente por isso, inúmeros deles foram e são enganados, porque admitem, com base nessa descoberta, que já estão vivendo desse reino e nele já ingressaram.

Suponhamos que possuais uma rosa do coração que se manifesta de forma vigorosa. Suponhamos que, no santuário do coração, essa vida oculta pulse e palpite e que, como conseqüência, a Gnosis vos toque continuamente no sangue e em cada fibra do ser, mediante o santuário do coração, de maneira que saibais, do íntimo, que “o que a Escola da Rosacruz Áurea proclama é verdade” e que então penseis já haver ingressado no reino.

Isso seria o maior erro! Porque, quando, como homem natural, vos tornais conscientes do reino oculto, justamente então é que começa o processo.

O erro em que recaís é bem explicável, porém ao mesmo tempo sumamente fatal. Porque, o que fazeis então? Cuidais e fomentais esse reino com o ser-eu nascido da natureza, com a consciência da figura natural; meditais e fantasiais; ronronais como um gato satisfeito consigo mesmo; tinis como um despertador, de tanta tensão mística. E falais horas a fio com os amigos a respeito desse reino. Fizestes grande descoberta em vossa vida e dizeis disparates acerca disso, porquanto o que fazeis nessa situação não é nem conversa normal.

Mas, verdadeiramente, ainda nada de novo nasceu em vós. Verdadeiramente ainda nada aconteceu. Apenas estais fixados em vós mesmos segundo a imagem do reino oculto, de cuja existência vos tornastes conscientes. E por isso falais e fantasiais...

Dura realidade é essa que estamos expondo, mas é preciso que tenhais a coragem de encará-la. Por isso falamos sobre *Pimandro*, de Hermes. Sentir o reino interior ainda não significa possuí-lo. E quem chega a descobrir que ainda não o possui inclina-se facilmente a estender os braços do eu natural e levar assim, com sua forma natural, o verdadeiro homem a um aprisionamento ainda maior, pois o que acontece é que o eu natural vive, brilha e ri em virtude da comédia que representais, ou seja, a de já terdes chegado e vencido completamente. Mas o homem nascido da natureza nada tem a vencer no que diz respeito a isso. Ele deve diminuir, e o outro, o celeste, deve crescer.

Quando o homem continua nesse equívoco, ele é empurrado para a via do ocultismo ou para a via do misticismo natural. Esse é, pois, o grande erro de todos, o erro de pensar que, logo ao descobrir o reino oculto, já o possuem.

Qual é, pois, o segredo do sucesso? É preciso perceber que, após obterdes essa maravilhosa experiência, deveis antes de tudo passar

à realização, isto é, passar à construção, ao renascimento da alma; passar ao Noûs, como Hermes o denomina. Quando descobris o reino dentro de vós, é preciso construir uma habitação para ele. É disso que se trata! Se na Escola falamos disso, colocamos de lado o aspecto filosófico e dizemos “edificai a alma”, o aluno não deve pensar que queremos fazer alguma pregação. Essa exigência da senda é essencial, é absolutamente necessária. E o *Pimandro* revela isso. Após obter o conhecimento pela experiência, deveis passar à realização, à construção e ao nascimento da alma. Porém não se possui uma alma gratuitamente, no sentido da Gnosis. Esse é o grande erro de inúmeros.

Por isso, quando nos encontramos em nossos lugares de serviço como seres naturais, e havendo em nós compreensão pura e verdadeira, a primeira tarefa para a qual devemos nos dirigir deverá ser a de impelir a alma ao nascimento, pois o homem que possui a alma pode existir e viver da luz e da vida, pode libertar o deus em si, *Pimandro*.

No sistema nascido da natureza, temos certo número de fluidos em atividade, fluidos que animam essa forma natural, tornam-na vivente e conservam-na como tal, mas essas forças provêm da natureza da morte. Porém, a alma imortal e a sua consciência pimândrica, esse novo estado de vida, a vida glorificada, somente surgem aos santificados, aos bons, aos puros e misericordiosos, aos que levam uma vida temente a Deus. Elas não surgem sem mais nem menos, mas é preciso conquistá-las enfrentando as oposições da natureza. Por isso a jovem Gnosis jamais deixa de mostrar essa necessidade e de explicar a seus alunos o modo pelo qual todo o ser do homem deve ser purificado e santificado mediante o desprendimento do eu, a fim de que a alma nasça e seja impelida para o crescimento.

O crescimento da alma termina em *Pimandro*, na formação desse foco entre o espírito e a alma. E desse momento em diante, *Pimandro* torna-se um auxílio para o candidato. É preciso ver a

grandiosidade disso. Quando, mediante a mudança fundamental, o candidato desperta a alma para o nascimento, a consciência pimândrica torna-se imediatamente um grande auxílio, de modo que ele imediatamente reconhece e sabe tudo e ora ao Pai em ações de amor. E com essas ações de amor dirige-se o candidato a todos os que ainda se encontram aprisionados no nascimento natural. E antes que entregue o seu corpo pela morte, ele despreza todos os sentidos da forma natural dialética, *porque*, diz Pimandro, *suas atividades lhe são bem conhecidas*.

Nascida a alma, ela se torna a força anímica dirigente na subjugação de toda ligação à terra, sua atividade e conseqüências. Em virtude de nosso falso modo de ver, invertemos as coisas! Quando, em certo momento, sois estorvados por um aspecto do caráter, lutais contra ele e assim vivificais a lei da dialética: surgir, florescer, submergir. Hoje credes tê-lo vencido, amanhã, outra vez, nada tendes.

Por isso, para ter real êxito na purificação da vida, é preciso primeiro que construais a alma, e a força da alma então vos conduzirá através de todas as dificuldades. A força da alma é dirigente na vitória sobre todas as ligações terrenas, suas atividades e conseqüências. Mediante a qualidade da alma tudo é transformado na vida. E então descobrireis que tudo o que vos preocupava anteriormente, e com o que tanto vos afadigáveis, desaparece de maneira gradual. Por isso, em *Pimandro*, versículo 59, é mencionado muito claramente:

Sim, eu, o Noús, de nenhum modo permitirei que as reações do corpo que o afetam exerçam influência sobre ele, pois, como guardião dos portais, impedirei ações más e vergonhosas e farei cessar idéias ímpias.

“as ações más e vergonhosas” não se relacionam certamente em primeiro lugar com a vida animalésca comum, ainda que a perversidade deva ser certamente contada como mal. Mas, diante do aluno sincero, aluno dedicado à senda, isso se refere às desastrosas conseqüências no campo* de respiração que surgem por ciúme, paixão, ódio, difamação, crítica, conflito e coisas semelhantes.

Em seguida, no versículo 60, é claramente mencionado em que tipos de homens a alma nunca poderá nascer, e aos quais também Pimandro nunca poderá falar:

Mas distante estou dos insensatos, dos maus, dos corruptos, dos invejosos, dos cobiçosos, dos assassinos e dos ímpios; abandono-os ao demônio vingativo que trata tais homens com o flagelo do fogo que atua em seus sentidos, incitando-os ainda mais a ações ímpias, para que lhes seja imposto castigo ainda maior. A concupiscência desses homens procura constantemente por satisfação cada vez maior, deixando-os enfurecidos nas trevas, sem que fiquem saciados; nisso consiste o seu tormento, e assim a paixão que os queima arde cada vez mais.

O BOM FIM

No versículo 6o Pimandro indica as entidades das quais permanece afastado. E esclarece quais as conseqüências que resultam quando, num campo de vida como o nosso, entidades que se prendem à forma natural, portanto a humanidade dialética comum, e nascidas como almas se encontram no mesmo espaço.

O mundo está povoado por milhões de pessoas, e entre elas desenvolve-se um grupo de seres de natureza gnóstica, grupo que se torna cada vez mais forte e no qual, em certo momento, a luz da alma manifesta-se claramente. Esse fogo anímico e o fogo terrestre rubro-escuro não se toleram. E quando o fogo anímico não pode ser acrisolador, não pode agir para a libertação, ele atua, como diz Pimandro, sempre em sentido punitivo. É por isso que:

Abandono-os ao demônio vingativo que trata tais homens com o flagelo do fogo que atua em seus sentidos, incitando-os ainda mais a ações ímpias, para que lhes seja imposto castigo ainda maior. A concupiscência desses homens procura constantemente por satisfação cada vez maior, deixando-os enfurecidos nas trevas, sem que fiquem saciados; nisso consiste o seu tormento, e assim a paixão que os queima arde cada vez mais.

Esse é o caminho da amarga experiência. E talvez já o tenhais experimentado na vida: quem ainda não consegue aprender da amargura deve passar por amarguras cada vez maiores até... sim, até não poder mais suportar; e o homem, por fim, desse modo

abrandado, amadurece para a grande lição. Porquanto, todo esse longo caminho da experiência, esse profundo caminhar nas trevas, não tem outro objetivo senão o de, por fim, fazer triunfar o espírito.

Quem compreendeu isso e sabe que o nascimento da alma é o primeiro passo para a salvação pode perguntar-se em que consiste, a seguir, o retorno ao reino da luz do princípio, o caminho ascendente para a vida original. Os versículos 62 a 65 do livro *Pimandro* respondem a essa pergunta:

No processo de dissolução do corpo material, primeiro esse corpo é entregue à transformação, e a forma que possuístes não é mais vista. Entregas ao demônio o teu eu comum, que daí em diante está fora de atividade; os sentidos corporais retornam à sua origem, da qual voltam a fazer parte, identificando-se novamente com a atividade dessa origem, enquanto as forças dos instintos e desejos regressam à natureza irracional.

E o homem prossegue ascendendo através da força que interliga as esferas; ao primeiro círculo cede a força para crescer e para diminuir; ao segundo entrega a tendência para a malícia e a astúcia, que se tornou impotente; ao terceiro abandona a ilusão dos desejos doravante impotentes; ao quarto abandona a prepotência da obsessão pelo poder, que já não pode ser satisfeita; ao quinto, a audácia ímpia e a temeridade brutal; ao sexto abandona o apego à riqueza, doravante sem efeito; e ao sétimo círculo abandona a mentira sempre ardilosa.

E quando se livrou de tudo o que proveio da força que interliga as esferas, ingressa na oitava natureza de posse apenas de sua própria força e canta, com todos que lá estão, hinos de louvor ao Pai; e todos se regozijam com ele pela sua presença.

90 | *E, tornando-se semelhante a eles, ouve também hinos de louvor a Deus cantados por certas forças que se encontram acima da oitava*

natureza. Depois sobem para o Pai em ordem correta, rendem-se às forças e, por seu turno, tornam-se forças e entram em Deus, pois eis aqui o bom fim para os que possuem a Gnosis, o conhecimento que é de Deus: tornam-se Deus.

Tendo nascido a alma e desenvolvido a figura anímica, o corpo anímico, a antiga forma natural desaparece. Ela se dissolve, por assim dizer. Mas, exatamente como acontece com a morte comum do corpo material, também nesse processo a forma natural não desaparece de repente. Quando a alma nasceu e é tecida a veste áurea nupcial, o antigo corpo, nascido da natureza da morte, diminui em força e, em certo momento, desaparece do campo visual; a esse duplo processo denominamos transfiguração. No entanto, repetimos, apesar de a forma natural ter desaparecido, as suas forças permanecem por um tempo. E também elas, que inicialmente causaram a formação, o nascimento e a conservação da forma natural, precisam desaparecer, precisam ser neutralizadas, dissolvidas e remetidas para sua origem.

Já falamos antes acerca do “anel-não-mais-além”, como o denomina a Doutrina Universal. Essa circunferência limite refere-se ao microcosmo. No ser* aural, que é o sistema magnético do microcosmo, descobrimos sete círculos, sete esferas magnéticas que estão em correspondência com os sete domínios intercósmicos. Cada uma dessas sete esferas magnéticas subdivide-se, por sua vez, em sete aspectos. E assim podemos verificar no ser aural quarenta e nove aspectos magnéticos, quarenta e nove diferenciações magnéticas.

Quando, pois, o homem-alma nasce e cresce e os estados magnéticos do sexto domínio cósmico são vivificados e, por conseguinte, o respectivo firmamento magnético começa a resplandecer, a sétima esfera magnética é neutralizada; ela, no exato sentido da palavra, é extinta, é posta fora de uso. Isso não é descrito unicamente no *Pimandro*, de Hermes, mas também no evangelho

Pistis Sophia,* onde é descrita a viagem do homem-alma através dos sete aspectos da sétima região cósmica, a sétima esfera magnética. Nessa sétima esfera ele abandona todas as forças do antigo estado de vida, estado esse dissolvido e tornado invisível.

E assim, finalmente, livre do passado, ele atinge a chamada oitava esfera, isto é, a primeira esfera da sexta região cósmica, esfera freqüentemente denominada pelos antigos como a oitava e, na terminologia da jovem Gnosis, “Cabeça Áurea”. Nesse domínio da vida liberta ele ascende perfeitamente em sua nova força própria. Por isso diz o versículo 65:

E, tornando-se semelhante a eles, ouve também hinos de louvor a Deus cantados por certas forças que se encontram acima da oitava natureza.

Essa percepção, esse novo ouvir, nada tem a ver com clariaudiência. É o ouvir ao qual também a antiga filosofia chinesa faz menção. Quando a luz da Gnosis toca um homem, penetra e começa a circular nele, ela não influencia apenas a visão, mas também a audição; é o ver e o ouvir do recém-nascido homem-alma.

E assim como esse homem em certo momento vê Pimandro, também em certo momento começa a ouvi-lo. É evidente que o irmão ou a irmã que alcança a Cabeça Áurea está equipado, segundo a alma, com novos sentidos. Por conseguinte, o homem-alma ouve também as forças que estão acima da oitava natureza cantar hinos de louvor a Deus. Assim, ele prossegue, elevando-se em direção a todas as forças do novo estado de vida. E finalmente ele entra em Deus.

Este é o *bom fim para os que possuem a Gnosis*, o verdadeiro conhecimento de Deus: *eles se tornam deuses*. Esse ponto da realização é sempre indicado na Gnosis como “o bom fim”. Quando os antigos cátaros se congregavam em seus serviços, então um desejava ao outro: “Queira Deus te conduzir ao bom fim!” E quando

num ritual gnóstico se diz “esperamos e oramos que tudo possamos levar a um bom fim”, podemos, doravante, compreendê-lo perfeitamente. O bom fim no novo estado de vida é, ao mesmo tempo, um novo e glorioso começo. Desse modo, o homem hermético é instruído no grande processo de retorno, do qual ele mesmo participa, no qual ele diligencia, passo a passo, para tudo conduzir a um bom fim.

Suponhamos, uma vez mais, caro leitor, que tenhais ingressado nesse processo; que destes o primeiro passo para a realização do renascimento da alma. Então, a palavra de Pimandro se dirige também a vós, assim como a Hermes, no versículo 66:

Mas... por que hesitas, então? Tu, que tudo recebeste de mim, não vais aos que são dignos disso, para servir-lhes de guia, a fim de que, graças à tua intervenção, o gênero humano possa ser salvo por Deus?

E mais adiante no versículo 67:

E eu, agora revestido de força e instruído quanto à natureza do Universo e da sublime visão, agradei e enalteci o Pai de todas as coisas. Então comecei a pregar aos homens a beleza da vida dirigida a Deus e à Gnosis.

Portanto, esta é a característica a que se deve prestar atenção: quem se tornou um homem nascido como alma, um homem hermético, já não pode estar inativo na universalidade dos fatos. É totalmente impossível que semelhante homem possa assistir, passivamente, durante anos, como os outros são ativos. Quando alguém, de mãos ociosas e apenas com olhares de crítica, assiste como outros realizam o trabalho a serviço da Gnosis, pode-se estar absolutamente certo de que esse alguém não é um homem nascido como alma. Isso é impossível. Ele pode, talvez, possuir uma idéia do reino interior; é possível que experimente a presença

desse reino, mas ele ficou no imobilismo. Tal homem chegou a um beco sem saída no engodo ocultista ou místico e deleita-se na própria ilusão. Ele é fervoroso em manter preso pelo eu a sua descoberta interior. Na literatura mundial encontramos a descrição de uma série de homens semelhantes; homens que, no verdadeiro sentido da palavra, podem ser considerados “jovens ricos”. Eles estão carregados de tesouros, mas nada mais fazem do que se deleitarem nesses tesouros com o seu pensamento egocêntrico.

Às vezes escrevem grossos livros acerca desses tesouros. O conteúdo, nos casos mais favoráveis, consta de um trabalho mais ou menos expressivo, com uma centelhazinha da Gnosis primordial brilhando aqui ou ali. E afora isso, o resto é puramente contemplativo, invencionice egocêntrica, muitas vezes combinada muito inteligentemente e imaginada de modo muito sutil. Mas, que utilidade tem isso do ponto de vista da libertação da humanidade? E é justamente disto que se trata: para podermos salvar almas humanas, precisamos pôr mãos à obra e de mangas arregaçadas caminhar para a ação e, se necessário for, estar preparados para caminhar através da lama.

O homem-alma, o homem que é guiado por Pimandro, sabe que a quantidade de ceifeiros é muito pequena e que neste campo sempre há falta de mão-de-obra. Ele também sabe dos grandes perigos que ameaçam a humanidade, os perigos da desmaterialização negativa, os perigos do declínio, do caminho das profundas experiências dolorosas que conduzem a amarguras ainda maiores.

A Gnosis trabalha *sempre* para a salvação da humanidade, seja para uma ressurreição, isto é, para uma salvação imediata, seja para uma queda, isto é, uma salvação num futuro distante. Contudo, por isso mesmo nenhum irmão ou irmã gnóstico desejará para alguém essa queda, dizendo: “Declina sossegadamente, então, e aprende por meio de amargas experiências!” No entanto, o coração amoroso não pode desistir de esperar, desde o imo de seu ser, que possa ser de outro modo!

Por isso, um homem nascido como alma não fica impassível, contemplando como as coisas se desenvolvem e como outro, talvez, tire as castanhas do fogo, porém ele se dirige decididamente para o trabalho e participa da santa obra. Por isso a característica de um homem nascido como alma é sempre e inexoravelmente uma vida ativa a serviço da Gnosis, seja de que maneira for, sem pausa e com todas as forças.

Eis por que também no fim do primeiro livro do *Corpus Hermeticum* essa conseqüência, que vale para todas as entidades anímicas, é esclarecida com pormenores nos versículos 68 a 71. Neles descobrimos os conhecidos aspectos no trabalho da vinha. Por isso Hermes precisa falar aos povos (versículo 69):

Libertai-vos da luz tenebrosa e tornai-vos partícipes da imortalidade, afastando-vos definitivamente da corrupção.

Isso, porém, os homens não desejam e nem tampouco compreendem, porque pensam que a luz tenebrosa seja a verdadeira luz. Quando alguém chega a descobrir que é possuidor de um reino interior e possui uma vida fortemente egocêntrica, como há pouco descrevemos, e como um “jovem rico” cultiva os seus tesouros negativamente, torna-se muito zangado quando vamos a ele e lhe dizemos: “Vossa atitude de vida é inútil, estais entregues a uma ilusão”. Aludimos a isso, como já fizemos muitas vezes, porque isso vos força a um auto-exame e porque desejamos conduzir-vos a uma vida de autodescoberta.

Libertai-vos da luz tenebrosa e tornai-vos partícipes da imortalidade, afastando-vos definitivamente da corrupção.

Essas palavras do amor libertador, palavras da sempre dinâmica Gnosis, não são aceitas e talvez nem sequer compreendidas, porque se pensa que a luz tenebrosa seja a verdadeira luz. O homem

dialético é um ser principesco na oninatureza, dotado de imensa força. Todas as possibilidades da natureza dialética podem ser liberadas nele e mediante ele. E essa figura principesca não se deixa destronar facilmente. Pensa-se também freqüentemente, ou quase sempre, que a forma natural seja o verdadeiro homem. E assim, o obreiro hermético encontra em muitos a descrença, o escárnio e a oposição. E justamente por isso e sem o querer, o homem hermético impele-os, muitas vezes, pelo caminho da morte, pelo infundável caminho das experiências, o caminho do castigo, diante e por meio de amarguras cada vez mais acerbas.

Mas, graças a Deus, existem também os que ouvem e compreendem. Esses constituem, juntos, a colheita. E essa colheita forma um grupo que começa a trilhar a senda de baixo para cima. Esse grupo forma uma fraternidade, uma Gnosis e um campo de trabalho. E desse modo cresce um campo de irradiação magnético gnóstico, um Corpo Vivo, que se torna sétuplo e irrompe em direção ao espaço da plenitude divina. E mediante todo esse trabalho de muitos, por muitos e para muitos, cada obreiro-alma aprende todas as vias, todos os recursos, que podem conduzir à vitória. Finalmente, todos são mergulhados no elixir da sabedoria, na água da verdadeira vida.

Assim se patenteia que tudo isso é perfeitamente conhecido para os participantes da jovem Gnosis. Todos vós fostes acolhidos num grupo e formais, em conjunto, uma fraternidade hermética. E a Gnosis original, testemunhando há milhares de anos no *Pimandro*, de Hermes, revela-se nos dias atuais em seus mínimos detalhes, na jovem Gnosis. E também avançamos, de força em força, até o triunfo certo, na pressuposição de que o aluno segue conosco e assume as conseqüências; porque apenas assim o discipulado de uma escola gnóstica tem sentido. O discipulado com a negação das conseqüências somente gera perigos, porque o aluno, por efeito da autoconfissão negativa, seguirá, inevitavelmente, o

caminho da amargura sempre crescente: o caminho da morte, como o denomina Pimandro.

Vejamos, por fim, o versículo 71:

Vindo o anoitecer, e tendo quase desaparecido a luz do sol, exortei-os a render graças a Deus. Tendo-o feito, todos retornaram aos seus lares.

O grupo voltado para a Gnosis deve formar um todo coerente no tocante à alma, um todo que permanece intacto, onde quer que os seus componentes possam encontrar-se. Um grupo de homens nascidos como alma, ainda que esparsos pelo mundo, forma uma unidade vivente, por efeito do milagre da força da alma. Mas, após o seu encontro, como diz o versículo 71, eles sempre retornam aos seus lares.

É justamente isso que se torna o aspecto libertador, pois sempre que, após uma conferência, regressamos aos nossos lares, divulgamos novamente, por esse meio, para todos os países, a nossa fraternidade de almas. Os irmãos e irmãs da Alemanha, da França, da Suíça, da Bélgica, da Áustria, da Holanda, da Suécia, do Brasil etc., regressam outra vez para os seus lares. E muitos dizem: “É pena que não possamos ficar juntos”.

Mas o espírito pimândrico jubila: “Que bom, como é inexprimivelmente maravilhoso que possamos regressar aos nossos lares! Porque, assim, Irmãos e Irmãs, juntos estendemos por todo o mundo o campo magnético de nossa fraternidade de almas”.

E ninguém pode resistir a nós, seja para a vida, seja para a morte, mas sempre para a salvação de todos!

II

O BENEFÍCIO DE PIMANDRO

E assim aproximamo-nos do final do primeiro livro, o *Pimandro*, de Hermes Trismegisto. Vimos, mediante rápida viagem por esse impressionante escrito sagrado, qual a natureza do verdadeiro homem e como ele, em sua forma natural, encontra-se aprisionado e agrilhado como que num calabouço. Toda a história da humanidade, narrada de modo velado nesse primeiro livro, ficou esclarecida, e vimos o caminho da libertação: o vir-a-ser do homem hermético, do homem-alma, que encontrou o seu Pimandro. E, por fim, vimos também, de modo sucinto, o nascimento de uma escola gnóstica mediante a atividade de um grupo de nascidos como alma, o crescimento de um Corpo Vivo que se divulga pelo mundo inteiro.

E agora, no final do primeiro livro, reportemo-nos uma vez mais a Hermes mesmo, que, como C.R.C., Cristiano Rosacruz, é o protótipo do homem liberto que ainda dispõe de sua forma natural. Ele realizou sua vocação para o Pai de todas as coisas e para a humanidade; ele ainda o faz com zelo e luta ininterruptos. E quando, então, verifica como o reino da Gnosis, como amplo campo de colheita, se estende pelos países, ele se sente cheio de gratidão e de uma energia crescente e renovadora. *Registrei em mim mesmo*, assim diz o versículo 72, *o benefício de Pimandro*. Ele se carrega com a imutável e incomensurável força do Espírito.

Aqui se encontra oculta grande maravilha que pode ser para todos nós do mais alto valor prático. O primeiro livro, *Pimandro*,

é como se fosse a descrição de um dia, um dia que, evidentemente, finda à noite. Todo o trabalho a serviço da Gnosis realiza-se ritmicamente, como em ondas, com o seu começo, seu apogeu e seu fim. Quando uma onda termina, há uma pausa, uma inalação, após o que nova onda se levanta.

No versículo 72 encontram-se o processo e as conseqüências de tal inalação. Para todos que se encontram no campo de serviço, valiosas indicações são dadas nesse versículo. Segui-las proporciona aos respectivos obreiros resultados muito salutares.

Quem trabalha a serviço da Escola Espiritual, falando do ponto de vista gnóstico, exalou. Esse obreiro irradiou a luz que recebeu e assim pode carregar-se com o benefício de Pimandro. Essa inalação, a que se denomina descanso, é, pois, intenso trabalho. A assimilação de forças gnósticas, necessária para levar avante o trabalho, exige do obreiro, do candidato, uma disposição e um estado corporal diferentes da irradiação das forças.

Eis por que o obreiro a serviço da Gnosis não deve cair no grande erro de descuidar de seus períodos de descanso. Se o faz, observará em certo momento, do ponto de vista gnóstico, estar sem forças, e os resultados deixam de aparecer. O corpo de quem se põe a serviço da Gnosis, portanto o corpo de um verdadeiro homem joanino, deve responder tanto à assimilação de forças como à irradiação da luz.

Quando por exemplo, um obreiro da Gnosis, antes de dormir, com muita gratidão pela obra que pôde ser realizada, é preenchido com o benefício de Pimandro, portanto, com força de luz, então o sono do corpo torna-se a lucidez da alma; o cerrar dos olhos torna-se verdadeiro ver; o silêncio se lhe torna gestação do bem, e a difusão do Verbo férteis ações salvadoras.

Na verdade, um assunto maravilhoso para ser considerado mais de perto e para ser refletido! No tocante ao aspecto diurno do discipulado prático muito já é conhecido; sobre ele fala-se e escreve-se continuamente. No entanto, o que se conhece do lado

noturno do discipulado? O que fazem no decorrer da noite os alunos sérios, os que puderam impelir a alma ao nascimento? Pode-se dizer algo a respeito sem cair nas especulações da conhecida vida de sonhos?

A explicação³ que daremos a respeito disso naturalmente nada tem a ver com ocultismo. A pergunta que fazemos não é: numa personalidade dividida, o que acontece a uma metade quando a outra jaz adormecida na cama? Mas, sim, estudaremos o assunto exclusivamente segundo a natureza do estado de alma recém-nascida, portanto, conforme o versículo 72 do *Pimandro*.

Torna-se gradualmente necessário que o aluno da Escola Espiritual compreenda tudo isso para que, durante a metade noturna da vida, a obra possa obter continuidade organizada. Todos os que querem seguir a Gnosis devem saber o que veio ao encontro de Hermes, o que ele recebeu de seu Noûs, para que também eles possam dizer:

*Porque recebi de Pimandro, meu Noûs,
o ser que é de si mesmo, o Verbo do princípio.
E, assim, encontro-me preenchido do alento divino da verdade.
E por isso dirijo a Deus, o Pai, com toda a minha alma
e com todas as minhas forças, este cântico de louvor:*

*“Santo é Deus, o Pai de todas as coisas.
Santo é Deus, cuja vontade se realiza pelas suas próprias potências.
Santo é Deus, que quer ser reconhecido
e é reconhecido pelos que lhe pertencem.*

*Santo és tu, que, pelo Verbo, criaste todas as coisas.
Santo és tu, de quem é imagem a natureza.*

³Cf. Capítulo XVI, pág. 129, e seguintes.

*Santo és tu, pois não foste formado por ela.
Santo és tu, que és mais poderoso do que todos os poderes.
Santo és tu, que és mais excelente do que tudo o que existe.
Santo és tu, que és superior a todo louvor.*

*Aceita os sacrifícios puros despertados pelo Verbo
em minha alma e em meu coração, que se dirigem a ti,
ó Impronunciável, ó Inefável,
cujo nome só o silêncio pode expressar.*

*Presta o teu ouvido a mim,
para que eu jamais possa ser separado da Gnosis,
o verdadeiro conhecimento que é a essência do meu ser.*

*Inclina-te para mim e preenche-me com tua força:
com essa graça, levarei a luz a todos os da minha linhagem
que vivem na ignorância, meus irmãos, teus filhos.
Sim, creio e testemunho com o meu sangue:
vou para a vida e para a luz.*

*Louvado sejas, ó Pai,
o teu homem deseja ser santificado contigo,
pois lhe deste todo o poder”.*

A ESTRUTURA DO RITUAL GNÓSTICO

Analisando atentamente o Cântico de Louvor de Hermes, expresso no versículo 73, observa-se que a palavra “santo” figura nove vezes no princípio do Cântico. Nessa palavra estão contidas além da idéia “sanar”, muito utilizada pela Escola Espiritual, também as idéias de pureza, perfeição e ausência de pecado. O Pai de todas as coisas é santo, é perfeito. Essa perfeição vem a nós no Filho, e nos toca. E no Espírito Santo esse toque se transforma em cura.

Quem abre o coração purificado à Gnosis abre seu ser ao Perfeito. Quem recebe a força da perfeição recebe-a duplamente, para uma dupla finalidade. Por um lado, o toque visa despertar no sistema o verdadeiro homem e provê-lo do alimento indispensável e assim oferecer-lhe nova possibilidade de vida; por outro lado, o estado impeditivo do nascimento natural deve ser aniquilado na força desse toque e substituído por outro veículo. Assim, a forma natural carrega uma cruz, a do declínio, mas também carrega a cruz do renascimento, da transfiguração.

Tudo isso se exprime no inabalavelmente eterno “santo”, que soa nove vezes no Cântico de Louvor.

O número *nove* é o número da humanidade, da verdadeira humanidade que se encontra aprisionada no estado humano ilusório resultante do nascimento natural. Ele é o número do sublime homem universal que ressurgiu de sua queda para o esplendor primordial.

O número nove mostra, em seu aspecto simbólico, o círculo universal do qual parte um raio de luz que penetra na terra. Quem trilha a senda e libera em si mesmo o reino de Deus torna-se novamente uma coluna resplandecente no templo do círculo da eternidade. Por isso, haveis de compreender a razão de o número nove expressar simbolicamente o homem universal.

Conseqüentemente, vemos como esse Cântico de Louvor quer, com a palavra “santo”, como também em seu conteúdo ulterior, proporcionar a força simbólica do número nove. Após a invocação nônupla, segue-se uma rogativa e uma confissão nônuplas.

Temos nesse cântico de louvor um ritual hermético mágico de graças e agradecimento que, em sua totalidade, conflui no número nove, qual flama resplandecente do círculo da eternidade. Para analisar uma vez mais o versículo 73 e refletir sobre ele, para encontrar a formação mágica desse cântico de louvor hermético, certamente é preciso considerar que o texto original, como sói acontecer, sofreu com a tradução.

Consideramos necessário falar mais sobre o aspecto gnóstico-ci-entífico desse maravilhoso cântico de louvor, porquanto já não há necessidade de esclarecimentos a respeito do seu texto. Queremos sobretudo explicar que, na prática do homem verdadeiro, uma oração, um agradecimento, um cântico, não é apenas uma sucessão de belas e altissonantes palavras que despertam pensamentos belos e cheios de significado, mas que, na práxis da Gnosis, a utilização dos rituais gnósticos está muito acima de tudo isso.

Um cântico ritualístico gnóstico ou uma oração expressa, em primeiro lugar, um pensamento adequado e necessário para o momento. Em segundo lugar, esse ritual está sintonizado unicamente com o momento e ligado a um estado de sentimento que se explica por esse momento. Em terceiro lugar, está ativo, por trás de semelhante ritual, um poderoso impulso da vontade para expressar pela ação o que é exigido no ritual. E em quarto lugar, o

todo já é sustentado por uma vida de ações que antecede a vitória final. Porém, assim ainda não está cumprida a lei do verdadeiro ritual gnóstico. Tudo isso é somente o início, porquanto, além disso, ele deve alcançar as regiões para as quais está dirigido, sem dificuldades, segundo o som, o ritmo, a estrutura e em concordância com leis matemáticas. Lá ele deve poder desenvolver uma força e trazer de volta a resposta. O cântico de louvor de Hermes preenche todos esses requisitos imprescindíveis. Esperamos que nos seja permitido, juntos, aprofundar-nos nessas maravilhosas leis dos cânticos ritualísticos e orações gnósticas.

À ESFERA ASTRAL DIALÉTICA

Eu, no entanto, registrei em mim o benefício de Pimandro; e quando estava preenchido dele por completo, desceu sobre mim a mais profunda alegria, pois o sono do corpo tornou-se a lucidez da alma; o cerrar dos olhos tornou-se verdadeiro ver; o silêncio tornou-se-me a gestação do bem, e a anunciação do Verbo transformou-se em fecundos atos de salvação.

Esse texto do versículo 72 do *Pimandro* de Hermes dá-nos o guia para introduzir-nos na parte ainda desconhecida do discipulado sério, isto é, na parte noturna do discipulado, quando o corpo adormece. Com certeza passamos a terça parte das vinte e quatro horas do dia num estado de repouso tal que efetivamente dela não podemos participar de maneira claramente consciente. E assim pode-se afirmar que passamos a terça parte de nossa vida sem que estejamos nela inteiramente concentrados. Essa é uma idéia muito desagradável. Ninguém quer ir para o desconhecido despreparado e desarmado. Por isso, para o aluno sério é de extrema importância obter um conhecimento absoluto sobre esse ponto. Existem perigos na vida e em processos vitais, dos quais o homem se encontra efetiva e absolutamente inconsciente; a consequência disso é que muitos são diariamente vitimados. No homem também existem grandes possibilidades que, por ignorância, não são aproveitadas.

Certamente está fora de nosso propósito falar a respeito das experiências noturnas do homem em geral. Esse é um assunto

do agrado dos que estão orientados em sentido negativo ou ocultista, e também já muito se falou e se escreveu a respeito. Assim, a vida de sonhos é, com efeito, uma base favorável para um assim denominado exame psicológico, pois, com o auxílio desse exame pode-se, às vezes, identificar os motivos mais profundos e subconscientes de uma pessoa. Não, a nossa exposição encaminha-se quase inteiramente para a vida do homem-alma durante as horas em que o corpo dorme. Dirigimo-nos, pelo menos, ao estado de ser do aluno extremamente sério no qual o nascimento da alma é evidente e, por conseguinte, perceptível pela sua atitude de vida.

Para que semelhante estado de ser fique perfeitamente claro, precisamos, antes de tudo, falar de modo geral a respeito do estado de sono. O que acontece quando o homem dorme? Quando entramos no estado de sono, verifica-se uma divisão na personalidade, isto é, uma parte da personalidade separa-se dela. Mas o que geralmente escapa à atenção do pesquisador é que, simultaneamente a essa divisão da personalidade, também se manifesta uma divisão da consciência.

A consciência dialética é fruto da cooperação orgânica de todos os átomos que, em certo momento, pertencem ao nosso sistema-personalidade. Assim sendo, podemos distinguir quatro manifestações de consciência: duas delas pertencem mais ao lado material das coisas, aos corpos denso e etérico, e as duas outras pertencem mais ao lado sutil, ao outro lado das coisas, ao consciente astral e ao consciente mental.

Quando um homem entra no estado de sono e a parte mais sutil de sua personalidade se retira, a consciência também se divide. O aspecto material da consciência permanece no lado material, algumas vezes em estado de latência e de inatividade, algumas vezes em estado de semi-atividade. Este último caso verifica-se quando, por exemplo, durante o dia se excitou o corpo em demasia ou se está muito nervoso, ou quando se é afligido por grandes preocupações. O outro aspecto da consciência acompanha os corpos astral

e mental que saíram. E como o corpo mental de todos os homens é ainda muito elementar, organizado de maneira ainda muito imperfeita, a consciência de sono, no estado de sono do corpo, é governada quase inteiramente pelo consciente astral. Por isso, tendo em vista os homens atuais, pode-se dizer, tranquilamente, que a sua consciência de sono é a consciência astral.

Daí pode-se verificar, sem maiores averiguações, que a vida consciente noturna do homem nem de longe pode ser comparada com a vida consciente ordinária no lado da matéria, quando então os quatro agregados de consciência formam um conjunto concêntrico, cooperando reciprocamente e, assim, controlando-se reciprocamente. A consciência noturna do homem é exclusivamente consciência astral. E quem sabe o que isso significa, quem o sabe realmente, já não será vítima dos inúmeros erros que nesse ponto o homem sempre comete e sempre cometerá.

A esfera astral de nosso planeta tornou-se, em nosso atual período de existência, extraordinariamente suja e complicada. Ela é um domínio de vida do nosso planeta que caracteriza bem o nível de vida da humanidade atual. Aí se realiza tudo o que foi desencadeado pela excitação vigente nos movimentos religiosos naturais, ocultistas e negativos. Pode-se dizer, com certeza, que toda a vida na esfera astral é totalmente ilusória. Isso não quer dizer que na esfera astral não haja vida e movimentação; pelo contrário, a esfera astral ferve de vida. Porém, essa vida e movimentação não possuem base real, não possuem conteúdo! É uma vida vazia e deteriorada. É nada mais que uma imagem, unicamente aparência, tida como realidade pelos que ignoram. Por isso, quem se deixou seduzir pela esfera astral dialética, considerando-a muito bela e nobre, está totalmente perdido.

Façamos uma retrospectiva. Quando num período da humanidade um novo dia de manifestação inicia — e após uma limpeza de todas as esferas do mundo realmente surge um novo início — e a parte da humanidade que permaneceu na dialética é levada de

novo à manifestação, a esfera astral pura é apenas um domínio no qual determinadas idéias, ensinamentos e processos se projetam como imagens e seqüências de imagens. Podeis comparar isso a um filme extraordinariamente útil e instrutivo.

Visto que cada homem na vida consciente noturna percebe por meio do corpo astral, essa instrutiva visão astral é de suma importância para ele. Numa personalidade pura e orientada para a mais elevada meta, essa visão astral noturna tem boa influência nas atividades diárias, e assim o homem saberá do imo como deve ou não deve agir.

Suponhamos que a esfera astral estivesse perfeitamente pura e que a Corrente* gnóstica universal enchesse todo o campo astral com suas forças e seus ensinamentos. E que nós, ao dormir, pudéssemos, com o ser astral que saiu, impregnar-nos com todas essas magníficas forças, com todas essas seqüências de imagens puras, reunidas para o nosso benefício na esfera astral pela Fraternidade* Universal. Então, ao acordar, levaríamos para a consciência de vigília tudo o que foi recebido, todo esse magnífico auxílio e, assim, poderíamos extrair, do imo, o necessário ganho.

Mas, quando a esfera astral foi corrompida e, entre outros, os ocultistas dela se apoderaram, as fraternidades da esfera refletora lá construíram seus castelos de fantasia, a Igreja lá ergueu suas assim denominadas catedrais celestes e lá acumulou inúmeras injustiças, a esfera astral já não pôde servir de campo interno de instrução, constituindo perigo mortal a sua utilização, e tornou-se sumamente difícil instruir os verdadeiros pesquisadores. Naquele tempo, a Fraternidade teve de escolher caminhos totalmente diferentes para auxiliar o pesquisador sincero.

É preciso compreender bem esses perigos, pois a cada noite estamos nessa esfera astral com a consciência noturna comum. Tudo de que falamos também se relaciona inteiramente a vós! E de modo nenhum tendes possibilidade de distanciar-vos, por vós mesmos, dessa esfera astral.

Cada idéia coletiva, cada idéia de um grupo consciente, forma uma projeção na esfera astral, uma imagem refletida. Por isso, a filosofia da Rosacruz denomina a esfera astral de “esfera refletora”. É por isso que também existe, momentaneamente, uma imagem de *nossa* obra, de nosso aparelho de trabalho, na esfera astral da natureza da morte.

Essa é a grande realidade, porém ela é, ao mesmo tempo, uma realidade extremamente perigosa, pois nessa esfera astral da dialética, tão corrompida e acidentada, residem as forças ímpias que abusam de todas as projeções, visando a enganar a humanidade. Entre nós existem alguns que têm forte consciência astral e, por isso, são capazes de transferir para a consciência de vigília as suas impressões astrais. Justamente essas pessoas são freqüentemente vitimadas. Com isso elas pensam, por exemplo, que participam da Cabeça Áurea e da vida interna da Gnosis. Mas enganam a si mesmas e levam outros ao engano.

A vida de sonhos é, pois, em muitíssimos casos, perigo extremamente grande, ainda mais quando os que estão interessados em agrilhoar-vos aparecem justamente nas imagens que gostaríeis de ver. Assim como num estúdio podemos fazer um filme que pode ser exibido, a esfera astral compara-se a um teatro em que, cada noite, procuramos ver o que nos agrada. E, portanto, quando durante a consciência de vigília procuramos ser um bom aluno, mas na consciência noturna ainda não o conseguimos, permanecemos num ponto morto. Então, na condição de aluno não podemos ir além de certo limite. Quando, na consciência de vigília, mediante a atitude de vida, o aluno se declara positivamente perante a Escola e a Gnosis, acontece que, na maior parte dos casos, todas as forças de luz que durante o dia lhe são presenteadas lhe são novamente retiradas durante as horas noturnas.

Devemos, pois, considerar o destino da Pistis Sophia como o nosso próprio destino. A Pistis Sophia chega aos portais da Fraternidade, mas é mandada de volta para trilhar a sua senda.

E, quando luta e batalha para poder ir avante, ela experimenta, com profunda dor, que sua força de luz sempre é roubada por Authades* e seus asseclas. Quem estudou o evangelho gnóstico *Pistis Sophia* certamente se lembrará disso.

Todas as noites em que não conseguis distanciar-vos da esfera astral sois roubados em forças de luz, e, ao despertar, estais justamente no mesmo ponto do dia anterior. Vosso sistema somente se debilitou, a decepção tornou-se maior, e o tempo passa. Se compreenderdes bem isso, sabereis que a permanência diária automática na esfera astral sempre contém em si mesma, verdadeiramente, um perigo mortal para cada aluno.

Por isso fazemos, por fim, uma pergunta urgente: é possível distanciar-se da esfera astral, que deve ser vista como uma das mais importantes ligações com a dialética? É possível tirar proveito do descanso noturno e, não obstante, evitar esse imenso perigo quase que automático?

Sim, é possível. E esse é, pois, o motivo pelo qual precisamos falar a respeito desse grande perigo que ameaça a todos, que todos correm, e cuja conseqüência é, a cada noite, assim como acontece com a *Pistis Sophia*, sermos roubados em forças de luz, sendo preciso recomeçar sempre. Desejamos falar a respeito da maneira pela qual os alunos da jovem Gnosis poderão evitar esse perigo.

A SAÍDA DO APRISIONAMENTO ASTRAL

É possível distanciar-se da esfera astral do nosso campo de vida? Isso depende inteiramente do estado de ser do eu natural quádruplo. Esse eu quádruplo ou consciência é de determinada qualidade que se impõe uniformemente em todos os quatro aspectos da consciência e, portanto, manifesta-se em cada um deles. Quando, pois, uma pessoa considera algo que intimamente não deseja, algo que, quando lhe vem, ela de fato não quer, logo desaparece do sistema o seu interesse por esse algo.

Suponde que não conhecêsseis a Escola Espiritual e que alguém sugerisse que vos interessásseis pela Gnosis, dizendo: “Lede este livro e refleti sobre ele”. Não havendo realmente, do íntimo, interesse pela Gnosis, a orientação para o livro logo desapareceria do sistema; ele seria muito maçante, e a consciência não conservaria o que foi lido. Geralmente só refletimos sobre aquilo que ansiamos efetivamente e que realmente desejamos.

Desejar ou ansiar é o pensar do coração, é uma atividade dele. E o desejo desperta para a atividade todas as capacidades do sistema, inclusive o santuário da cabeça. Por isso, pode-se dizer sem nenhum exagero que na consciência quádrupla o consciente astral, isto é, o corpo de desejos, estreitamente ligado aos desejos, às cobiças e emoções, domina absolutamente no sistema humano. Somos dominados, guiados e animados pelo desejo e, portanto, pelo consciente astral. Quando se quer distanciar-se da esfera astral do nosso campo de vida e de todos os enganos a ela ligados, é preciso decidir-se a chegar a um estado de desejo sobre o qual

a esfera astral da natureza comum não possui influência, estado ao qual ela não tenha a possibilidade de responder. Em geral esse estado de ser é indicado como estado sem desejos. Mas, devemos compreender que não é possível forçar esse estado, o que também seria inútil. Muitos tentaram alcançá-lo, porém desistiram, porque, assim fazendo, de nenhum modo avançaram, muito pelo contrário.

Quando alguém, em sua consciência de vigília, não se mostra como realmente é, quando o seu modo de agir na vida não pode ser considerado como totalmente verdadeiro e, por exemplo, vive a sua vida como o mundo circundante lhe impõe, em total oposição à sua índole natural, mantém-se reprimido. Os hábitos de nossa civilização impõem-nos semelhante coação. Às vezes, em nós há forte irritação, sem que o demonstremos, porque em certo momento não podemos ou não desejamos demonstrá-lo. A maioria de nós está, portanto, acostumada a viver de modo muito teatral. Expressando-a da forma mais amena, a realidade é a seguinte: vós vos coagis, seguis o caminho que o vosso meio obriga e violentais continuamente vossa verdadeira natureza. Desse modo despertais uma tensão no consciente astral. E é completamente certo que no próximo descanso do corpo o consciente astral sai, de maneira habitual, para a esfera astral comum do vosso campo de vida e lá se carrega de forças e imagens astrais que estão conformes com a vossa natureza fundamental verdadeira. E, ao despertar, o consciente astral toma em suas mãos, ainda com mais força que anteriormente, a direção de vossa vida. Resta-vos tão somente uma possibilidade: ou revelar vossa verdadeira natureza ou dissimulá-la por detrás de um disfarce, como na realidade o faz a maioria dos homens.

Pensamos igualmente em certa inimizade à Escola Espiritual que pode dormir num aluno. Essa inimizade existe porque num ser dialético o momentâneo consciente astral contém uma natural

e explicável inimizade à Gnosis. Pode bem ser que o aluno não seja consciente disso, ou o seja muito vagamente, porque, por exemplo, um estado de sangue, uma influência cármica, o leve à Escola e, por conseguinte, à Gnosis. Pode ser talvez que ele seja bastante sensível à Gnosis desde o seu lar, de maneira que desde a sua mocidade procurou contato com a Escola, mas, para a tão necessária mudança do consciente astral ainda nada foi feito em si mesmo. Então o consciente astral nele está exatamente como esteve há anos, e ele ainda se encontra, por exemplo, na condição de homem das cavernas, o homem natural primitivo, o homem apaixonado e arrebatado, mas, por efeito da influência cármica ou por disposição hereditária, tornou-se, não obstante, aluno da Escola Espiritual. Então, em virtude da consciência astral, nele estão presentes simultaneamente a inimizade à Gnosis e o interesse pela Escola.

No início essa inimizade só de vez em quando se exteriorizará em forma de ressentimento, de insatisfação, de irritação, porque a Escola, em sua opinião, intervém na sua vida em demasia. Quando a Escola, em benefício do trabalho, apresenta determinado regulamento, ele manifesta irritação. Durante um tempo bastante longo ele lutará contra a inimizade em prol do seu discípulo e, em seu íntimo, com o auxílio de amigos confidentes, por ele habilmente envolvidos numa palestra, considerará essas coisas. Mas a inimizade cresce! Se o aluno tenta dominar o consciente astral, desenvolvem-se tensões tal como na esfera superior de calor, e em determinado momento rompe a tempestade. Essas tensões descarregam-se, após tempo mais ou menos longo, o que não pode deixar de acontecer.

O mesmo ocorre quando um aluno, desde o lar ou com propósito consciente, está por demais chegado à influência de um grupo ou de uma força da esfera astral. Então esse aluno, mesmo não estando bem consciente disso, é, a cada momento, aproveitado, desde que seja possível, para ir contra a Escola e os seus alunos,

para obstruir o trabalho e, quando possível, prejudicá-lo e assim neutralizar, tanto quanto possível, a colheita da Fraternidade.

Desse modo — e segundo a linguagem do evangelho *Pistis Sophia* — a “força com cabeça de leão” procura fazer valer a sua natureza entre nós. A “força com cabeça de leão”, existente na esfera astral da natureza da morte, sempre simula a Gnosis e dá, com mãos pródigas, pedras em vez de pão. Quando vosso consciente astral recebeu muito desse sucedâneo de pão, acreditais possuir a Gnosis, sentindo-vos irritados se a Escola não vos reconhecer.

Pode acontecer também que alguns, que estão abertos a essas forças, sejam utilizados para irradiar forças astrais inimigas na Escola. Se permitíssemos a tais alunos seguir o seu caminho, em primeiro lugar a Escola sofreria grandes danos e, em segundo lugar, os interessados ficariam carregados de pesada culpa. Se soubéssemos que um ou vários alunos estivessem, de seu íntimo, prejudicando a Escola e, por conseguinte, carregando-se de pesada dívida cármica, sem levar em conta as conseqüências para a Escola, seria grande falta de amor permitir tal coisa. Por isso, neste caso, pedimos a esse tipo de aluno deixar-nos tão rápido quanto possível, porque é o melhor para ele mesmo.

A dívida cármica com que uma pessoa se carrega, quando luta contra a Gnosis, é muito grande. Portanto, não se pode de modo algum querer reter ou acolher na Escola, mediante falsa compaixão ou por tolo humanitarismo, pessoas que estejam visivelmente governadas pelo consciente astral. Assim fazendo, dá-se a elas, real e intencionalmente, a oportunidade de cometer um pecado imperdoável. E é, por conseguinte, um sinal de intenso amor, um sinal de providente simpatia pelo pecador em potencial, não admiti-lo na Escola.

Nesse sentido, os obreiros, e sobretudo os colaboradores, receberam no início de seu trabalho as mais estritas instruções da direção espiritual a fim de considerar de modo terminante a imprescindível aptidão mínima para a admissão ao discipulado.

Mais que isso, reside nesse ponto uma restrita prescrição no interesse de ambas as partes, porque a esfera astral do nosso campo de vida torna-se, a cada hora, mais caótica e um fator essencial na Grande Farsa. A inimizade à Gnosis cresce à medida que ela se aproxima de seu objetivo. E talvez soe de modo duro, porém é preciso que se diga que as pessoas que se deixaram conduzir desenfreadamente pelo consciente astral, pelo animal selvagem e feroz dentro de si mesmas desde a mocidade, não podem e também não devem esperar que no momento presente, em que o fogo astral está tão terrivelmente enfurecido, sejam disso libertadas, nem mesmo com o auxílio da Escola. Essas pessoas ainda devem ir de encontro aos muros da experiência amarga; só então poderão ser auxiliadas.

A Escola Espiritual não auxilia com um “venha conosco e tudo irá bem”. Cada aluno deve começar auxiliando a si mesmo, e a Escola, para isso, mostra-lhe a senda. E somente quando o aluno trilha a senda de fato apresentam-se a força, a radiação, o auxílio da Gnosis. A chave para a senda da libertação está, por conseguinte, na possibilidade de o aluno dar outra direção à consciência astral, por meio do ser astral consciente. Nenhuma outra chave servirá para o portal da senda.

O ser astral não muda só porque o candidato foi levado para a Escola Espiritual pelo pai, ou pela mãe, ou por um amigo, ou por um conhecido, ou porque um apelo lhe foi feito, ou porque se tem pena dele. O ser astral deve ter procurado a senda, espontaneamente ou por grande necessidade, e conduzir-se em conformidade. Não temos necessidade de pesquisadores simplesmente, mas de pesquisadores tais que, tendo encontrado o caminho, procedam de acordo com ele.

A maioria das pessoas vive no sistema fígado-baço, isto é, de suas necessidades e de seus instintos naturais comuns. O ser astral está estabelecido no sistema fígado-baço, precisamente no plexo solar, e os santuários do coração e da cabeça estão inteiramente

subordinados a esse ser astral. O coração e a cabeça podem estar extraordinariamente bem cultivados; o coração, por exemplo, no que se refere ao mais fino gosto e sensibilidade, e a cabeça, no que se refere ao domínio da compreensão. Porém, enquanto o ser astral estiver aprisionado no plexo solar e, por conseguinte, o homem for uma peça em autoconservação, uma peça egocêntrica e inteiramente voltada para a terra, o disciplinado na Escola Espiritual gnóstica é inteiramente inútil. A Escola somente se apresenta a uma pessoa, somente pode estender a mão auxiliadora, quando essa pessoa dá provas de que se esforça para desprender o ser astral do plexo solar, a sede de todas as normas das leis naturais, para elevá-lo ao coração.

Quando uma pessoa se empenha nesse sentido — não basta querê-lo, mas é preciso que esteja amadurecida para tanto — estará dando provas de que, segundo a natureza, chegou a um beco sem saída e percebe a desesperança da dialética. Ela vence, então, nessa hora, seu instinto natural primário, que a torna tão feliz na natureza, com a qual é inteiramente una.

Quando o ser humano se esforça em elevar o ser astral ao coração, quando o ser astral de tal pessoa busca residência no coração, onde de fato se encontra em casa, fará imediatamente maravilhosa descoberta, pois, tendo-se colocado acima de seu nível natural e olhando o mundo não a partir do plexo solar, mas a partir do coração, ele vê confirmado o que talvez já inconscientemente presumira ou que reconhecera em parte: a absoluta desesperança da dialética, da natureza da morte.

Podereis repetir o que ouvis sobre essa realidade, repisar essa verdade, podereis ouvi-la de outrem, mas vós mesmos a descobrireis tão logo o consciente astral seja elevado ao coração. Então reconhecereis essa realidade fisicamente, identificando-a, não com base em uma ou outra razão de fé ou em conseqüência de considerações filosóficas; não, então *sabereis!* A consciência de uma pessoa, enquanto estiver ancorada no sistema fígado-baço,

pode ser iludida pela esfera astral e sua quase ilimitada capacidade de projeção. Porém, elevando-se a consciência em direção ao coração, essa ilusão estará terminada. E como o consciente astral, em virtude de sua natureza, sempre anseia, sempre deseja e sempre está dirigido a uma ou outra realização, surgirá um novo desejo, o desejo de salvação. Desejo de salvação a partir do plexo solar é um absurdo, é sempre um rótulo; na realidade é sempre um desejo de satisfação do ego às custas de outrem. No entanto, o verdadeiro desejo de salvação desperta no santuário do coração: um anseio até então desconhecido, fundamentado numa recusa, num não desejar a dialética. Só então é dada uma nova e positiva orientação à consciência astral. A esfera astral da dialética sempre pode responder, pode proporcionar satisfação a uma pessoa, enquanto os desejos não se alçarem acima do nível do eu comum central, do eu comum consciente, portanto, acima do plano natural comum. Porém, assim que a pessoa se distancia desse nível, a salvação está à vista, a Gnosis vai ao seu encontro. Mas, então, sua primeira tarefa é a purificação do coração.

Porém, como tantas vezes já dissemos: sob a direção do consciente astral, residente no plexo solar, o santuário do coração — e não menos o santuário da cabeça — desde a juventude foi tão abusado pelo animal selvagem dentro do homem que, quando o consciente astral do aluno for elevado ao coração, ingressará num santuário que está muito danificado e pavorosamente arruinado. Por conseguinte, ele deve ser escrupulosamente restaurado e purificado.

O CAMINHO QUE LEVA
À CONDIÇÃO DE ESTRANGEIRO

Quando conseguirdes vos safar de vosso estado natural inferior comum — após terdes passado por uma experiência muito longa mediante uma vida governada pelo plexo solar — elevando o ser consciente astral ao coração, verificareis, conforme já fizemos ver, que o santuário do coração se encontra sumamente danificado. Já há tanto tempo ele foi escravizado e maltratado pela natureza inferior, que a vida egocêntrica do plexo solar tolheu muito mais fortemente as possibilidades latentes do coração do que seria de se esperar, considerando tão somente a condição do nascimento. Por isso, deve-se dizer da quase totalidade dos homens que suas possibilidades eram muito maiores na juventude do que depois. Após tropeçar por muitos anos na dialética, muita coisa ficou danificada no santuário do coração. Quando, pois, despertamos na nova manhã gnóstica, a purificação do coração deverá ser feita de maneira enérgica.

É bom, nesta oportunidade, descrever o tipo médio de aluno que, neste momento, está na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Pode-se dizer que quase todos os alunos se esforçam com o objetivo de alçar o ser astral ao coração. Partindo do estado natural, esses alunos abrem verdadeiramente uma janela pela qual vêem uma nova luz brilhando qual uma aurora em ascensão. Logo que conseguem ver através dessa janela do coração, entram no conhecimento de que a verdadeira felicidade interior apenas pode ser encontrada numa espiral da vida muito diferente. Ao mesmo

tempo, a rosa do coração começa a falar por meio desse novo estado em que ingressaram. Em terceiro lugar, a luz gnóstica penetrou em seu sangue e originou atividades completamente diversas em seu sistema. Esses alunos são, na maioria, pessoas que estão diante dos portais de processos de desenvolvimento inteiramente novos, ou no dizer do evangelho gnóstico *Pistis Sophia*, eles estão diante dos portais do décimo terceiro éon.

Mas, quando o candidato está nessa condição, o antigo processo de desenvolvimento ainda não cessou. A antiga vida fixou suas profundas marcas no santuário do coração. Por isso, esse santuário precisa ser purificado, pois, enquanto o coração ainda não foi purificado segundo as diretrizes da Gnosis, a outra orientação dada ao ego da consciência astral só poderá ser parcial. Então as possibilidades latentes do coração não poderão ser liberadas; o antigo estado de vida desempenha continuamente importante papel na vida, e assim, cada noite, a consciência de sonhos retornará à esfera astral da natureza da morte, com todas as conseqüências daí decorrentes.

Em razão do seu estado de ser, o aluno é, em grande extensão, objeto dos esforços das forças da esfera refletora; isso ocorre em maior medida do que normalmente, porquanto os moradores da esfera refletora sabem que estão na iminência de perdê-lo. Por isso está claro que o caminhar fica assim mais difícil, pois, no estado em que se encontra, tanto a Gnosis como a natureza agem em sua vida. E, desse modo, o conflito interno torna-se, evidentemente, cada vez mais agudo. Pode-se acompanhar o desenrolar dos fatos no evangelho gnóstico *Pistis Sophia*. Esse evangelho está totalmente inspirado no desenvolvimento e no caminho de experiências do aluno que, no coração, desperta da vida natural inferior e assume as conseqüências disso com muita seriedade.

candidato, como a Pistis Sophia, é mandado de volta para, em várias fases, purificar o coração de muitas máculas.

Como alunos da Escola Espiritual buscais a luz pura e verdadeira. Buscais uma vida que seja sumamente libertadora. E, pelo fato de terdes elevado a vossa consciência ao coração, sabeis do vosso íntimo que a luz pura existe. Essa luz é a substância sideral original imaculada, a força astral pura, tal como se encontra na Corrente gnóstica universal. Então o aluno deve, de acordo com os padrões da Gnosis, transformar inteiramente o seu corpo sideral, isto é, seu corpo de desejos ou corpo astral. O que cada aluno deve realizar é a transfiguração do ser astral, que deve tornar-se tão puro como a luz gnóstica. Para isso, antes de tudo, sois tocados pela luz. Segundo o vosso saber interno podeis nutrir a esperança de realizar essa necessária purificação, essa primeira forma de transfiguração. Encontra-se, por exemplo, na Primeira Epístola de João, capítulo 3, versículos 2 a 3:

“Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro”.

Por isso deveis compreender que precisais atacar fundamentalmente vosso ego. Não é preciso aplicar violência, porque isso geraria ainda mais tensões. Deveis enfrentar o ego a partir dos alicerces. Então desenvolve-se o poderoso e maravilhoso processo a respeito do qual já muitas vezes falamos com detalhes. No coração purificado nasce a alma imortal! Isso quer dizer: a base para um tipo humano completamente novo. Essa base anímica compreende quatro novos princípios de consciência: o princípio fundamental da nova consciência material, da nova consciência etérica, da nova consciência astral e da nova consciência mental.

Primeiro o consciente astral deve tornar-se completo, a seguir o consciente mental, e por fim o consciente etérico e o consciente material. Assim o novo estado anímico se demonstrará no

sangue e no fluido nervoso e também nos fluidos astrais de vosso ser, do qual depende vosso novo nascimento. E por fim, o princípio renovador empenha-se em estabelecer com essa base o novo poder do pensamento, com o que se completa o novo estado de consciência. Todo esse processo é denominado novo nascimento sideral.

Esse novo nascimento sideral e todos os processos a ele ligados formam a obra com a qual nos ocupamos na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Quando tudo vai bem com um aluno, a despeito dos motivos que possa alegar, ele de fato chegou a esta Escola porque seu ser consciente astral preocupou-se em libertar-se elementarmente do sistema fígado-baço, elevando-se ao coração. Nesse fundamento ele é bem-vindo à Escola e deve ingressar na grande oficina do santuário do coração para nela realizar perfeitamente, em perseverante vida de ações, o nascimento sideral, a nova realidade de ser. Por isso testemunha um dos nossos rituais: “Consagramos hoje nossa rosa para que ela possa tornar-se uma coroa que tu, ó Gnosis, colocarás sobre nossa cabeça”. Esse ritual foi utilizado por todas as fraternidades precedentes, e os esforçados candidatos, os que batalham na Escola, também provam isso em seu decidido esforço diário.

A coroa dirige a nossa atenção para o novo estado de consciência. Consagrar a rosa do coração à grande e santa obra do processo gnóstico, na senda da Pistis Sophia, não é unicamente um ideal, uma perspectiva, mas é absoluta necessidade para quem quer confiar-se com êxito à Escola da jovem Gnosis e elevar-se, com base no intenso ardor de suas expectativas de libertação. Mas então é preciso dedicar-se ao processo com todas as forças!

Tão logo o consciente astral seja elevado ao coração, o aluno será, conseqüentemente, objeto da interferência de dois mundos. O antigo e o novo o atingem; é um estado cada vez mais difícil de suportar em razão das tensões que isso acarreta. Por isso é preciso pôr a cruz sobre os ombros, a sua rosacruz, e trilhar a senda que

conduz de Belém ao Gólgota, para que possa caminhar na nova luz, do mesmo modo como Ele está na luz.

Para tanto, é necessário, em primeiro lugar, que o consciente astral, durante as horas de descanso corporal, durante as horas da noite, já não chegue à esfera astral da natureza da morte. Essa é a primeira tarefa. Imaginai haverdes conseguido desligar-vos da esfera astral da dialética durante algumas noites. Sentiríeis então a imensa bênção que disso resulta.

Portanto, é preciso utilizar de imediato as novas possibilidades, começando a viver delas, levando-as em consideração a cada hora do dia, e enfrentar as conseqüências. Já não deveis deixar-vos levar pelas habituais maquinações dos homens, quer estando só, quer em companhia de outros, mas doravante orientar-vos completamente para a grande meta, colocando-vos em sintonia com ela. Assim como na mocidade o esforço está, via de regra, voltado para ser adulto e para progredir na sociedade, do mesmo modo, na tenra e esperançosa mocidade do discipulado gnóstico, estando diante dos portais da nova vida, deveis preparar-vos plenamente para essa vida, crescer como homem-alma e evoluir no mundo da alma.

Naturalmente ainda tendes vossas obrigações sociais a executar aqui. Todos vós tendes deveres e responsabilidades que esperam por sua execução e pesam bastante. Não descuideis de vossas obrigações! Mas, se vedes diante de vós o grande e eterno significado da alma, essa incomensurável necessidade, o homem-alma impelindo-vos para a vida, tudo se mostra diferente, tudo o que é social e dialético, por mais necessário que seja, passa de fato para segundo plano. Com isso não se quer dizer que essas obrigações já não importam, mas que o grande objetivo deve tomar a primazia em vós dia e noite. Tudo o mais se subordina a isso espontaneamente. Enquanto estais ocupados com vossos deveres diários, sejam quais forem eles, a voz da alma se faz ouvir, e podeis observar os seus gritos de júbilo. Tudo o mais passa como que

por si mesmo para segundo plano quando o ser astral em vós, que foi elevado ao coração, clama pela vasta nova vida. Esse anseio, porém, deve palpitar em vós dia e noite, tal como o contínuo tique-taque de um relógio! Então seguis de maneira direta e prática o caminho da auto-rendição, o caminho lógico da transfiguração.

Todos nós conhecemos o desejo. O que já não desejamos na vida! E, passando em revista esses múltiplos desejos, verificamos que um desejo pode ser tão forte que chegue a governar a vida de um homem. Quando vosso desejo pela vida libertadora, pela Gnosis, é tão grande e profundo, o ser astral em vós se consagra em auto-rendição por completo ao “isso”, ao Tao,* à Rosa das Rosas, à Gnosis. Então cantais o décimo terceiro canto de arrependimento, ó Pistis Sophia!

Se estais nesse estado, nesse processo, sem que haja o mínimo indício de uma vontade forçada, o ser astral já não pode crescer, nem respirar, nem viver na esfera astral da natureza da morte. Quando estais tão plenos de anseio pela salvação, vosso ser astral já não pode entrar na esfera astral da natureza da morte. Então o ser astral de vosso estado natural comum morre e a esfera astral da natureza da morte naturalmente tem de vos abandonar, pois ela já não pode atingir-vos. Por isso, no que concerne ao ser astral, morrestes segundo a natureza.

O que acontece então quando se torna realidade para vós o que se diz de Jesus, o Senhor: que ele não achou lugar na terra em que pudesse descansar a cabeça? Compreendeis o maravilhoso significado disso? O ignorante homem da religião natural sente isso como algo terrível: Jesus, o Senhor, não encontrando lugar algum para descansar a cabeça!

Na verdade, trata-se aqui de graça incompreensível. Quando, em razão de vosso ser astral, já não podeis ir para a esfera astral da natureza da morte, pois uma divisão da personalidade já não é possível, e o verdadeiro estado de sono, que é normal na vida

dialética, já não pode realizar-se, quando para o ser consciente noturno, para a vossa consciência de sono, já não há nenhum lugar na natureza da morte em que possais descansar a cabeça, o que acontece?

O Outro abre-se para vós! A jovem Gnosis possui um corpo coletivo, um novo campo de vida, uma nova e pura esfera astral que o grupo mantém em torno de si. Esse é o novo lugar de descanso que se adapta às necessidades do desenvolvimento ascensional; um lugar puro, maravilhoso, onde podereis, com toda segurança, passar vossa vida noturna: o Corpo Vivo da jovem Gnosis.

Existe outro aspecto que devemos considerar mais de perto. Até agora consideramos o nascimento sideral em conexão com o próprio caminho do desenvolvimento. Porém, o homem que segue o caminho do desenvolvimento da alma não se limita a isso, mas demonstrará as referidas qualidades do homem-alma em medida crescente; por exemplo, uma força de amor impessoal que não enfraquece, o não ter em conta os seus próprios interesses, uma espontânea e absoluta disposição para servir. Quem faz da alma e de seu desenvolvimento o centro de sua vida ajustará toda a sua vida, quer social, quer particular, a todos esses deveres e obrigações comuns e repetitivos que provêm do nascimento natural, dando-lhe uma ordem sólida e harmoniosa.

Quando começa a viver da alma, com o ser astral renovado e com o mais intenso e elevado anelo dirigido para a Escola e seus nobres esforços, não apenas se estabelece o silêncio em vós, mas esse silêncio, essa harmonia, irradia de vós também em vosso ambiente particular. Então, algo completamente novo realiza-se em vosso meio. Nele também se instala silêncio, serenidade e equilíbrio. E todas as coisas que anteriormente talvez causassem desgosto, levando a tensões, desaparecem definitivamente. Tornam-se tão insignificantes quanto o saltitar de um passarinho no telhado ou o zumbido de um inseto à janela; em suma, tudo o que

é relegado para segundo, terceiro ou último lugar, já não é prejudicial, já não causará dificuldades nem dará origem a conflitos; será abandonado, pois ingressais nessa poderosa e maravilhosa vida da alma. Vedes os outros com os olhos da alma; compreendeis o outro que está ao lado e entendeis o esforço e a luta dos que estão atormentados por esta ou aquela tensão e, por isso, cometem algum engano ou fazem algo diverso do que estais habituados. Quem vive fundamentalmente da alma contribui para o estabelecimento da verdadeira harmonia em todos os domínios da vida em que se movimenta. Serviço à humanidade impelido pela alma encerra todos os aspectos da vida.

Quem se abre para isso torna-se verdadeiramente estrangeiro na terra. Quem está transfigurado segundo o ser astral não se *sente* estrangeiro, mas *é* um estrangeiro na terra. Para o seu ser interno já não existe na terra lugar de descanso: ele é como um rejeitado. Para ele abre-se o grande Lar das Almas, a Cabeça Áurea do Corpo Vivo, o novo campo astral gnóstico.

Para ele *o sono do corpo torna-se a lucidez da alma; o cerrar dos olhos, o verdadeiro ver; o silêncio, a gestação do bem, e a anunciação do Verbo transforma-se em fecundos atos de salvação.*

O DESPERTAR DA ALMA – I

Em nossas exposições anteriores dissemos que a realização do discípulo torna o aluno, em sentido fundamental, um estrangeiro na terra. É preciso que compreendais perfeitamente o que isso significa. Certamente não pensamos, com isso, que o aluno tenha uma atitude excêntrica para com todos, fato que na Escola é denominado “dialético”. Tampouco essa condição de estrangeiro na terra deve ser compreendida como uma espécie de indiferença com tudo o que vive e existe. E certamente também não pensamos numa atitude de vida revolucionária em relação à sociedade e ao público.

Não, a condição de estrangeiro na terra é um estado fundamental, é já não poder ser outra coisa senão um estranho na terra. É um estado que se realiza por meio da transformação da personalidade. E quando essa transformação tornou-se realidade, para o referido aluno já não existe lugar de descanso na natureza da morte. Isso significa que, retirando-se a parte mais sutil da personalidade ao dormir, já não existe lugar na natureza da morte onde essa parte sutil possa entregar-se ao descanso, e assim o referido aluno sente-se como rejeitado.

A esse estado chega cada aluno que elevou a consciência astral ao coração, sustentado por um discípulo conseqüente, uma contínua purificação do coração e uma vida de serviço na qual o eu é esquecido. Então esse aluno cai nessa situação singular, felizmente às vezes por pouco tempo, em que ele, buscando o

repouso noturno, não consegue ingressar no estado de sono, pois logo que, em razão do cansaço do corpo, ele desliza para o estado de sono, a parte sutil da personalidade está como que diante de uma parede e é repelida para o corpo, visto que o aluno não encontra um campo de vida, um campo de respiração para o ser consciente astral. Isso prova, de fato, que a personalidade se transforma. Se nessa situação o aluno não souber como agir, é bem possível que apareçam dificuldades de ordem física. Por isso estamos falando desse assunto.

Muitos alunos já conhecem a condição de estrangeiro e, graças a Deus, um número crescente ingressará nessa situação particular já muitas vezes considerada. Então, é preciso que saibam como devem conduzir-se. Precisam saber que para eles existe um lar, um campo astral gnóstico, já preparado. Só então o candidato compreende o significado que a Escola tem para ele. A Escola Espiritual, enquanto Corpo Vivo, enquanto grupo gnóstico, mantém para os alunos semelhante lugar abençoado de descanso.

Assim como existe um corpo astral envolvendo o corpo material, cujas dimensões são maiores do que este corpo material, também se estende um corpo astral em torno do corpo da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. O Corpo Vivo da Escola possui um aspecto astral, o qual é alimentado com o pão da vida astral da natureza gnóstica imaculada. Esse campo astral respira na Gnosis universal, na substância sideral original. E ele é uma morada da alma para todos os que se sentem como estrangeiros na terra, em razão de seu estado de alma em crescimento.

Quisemos esclarecer que a alma possui um aspecto astral positivo muito notável, que já se evidencia no começo da sua formação. A alma envolve-se, inicialmente, numa veste de substância astral. E quando o aluno sustenta o crescimento da alma mediante uma atitude de vida bem resoluta e positiva e, a partir de certo momento, já não respira na esfera astral da natureza com seus tão grandes perigos, já não consegue viver nela, naturalmente,

não pode haver um vácuo, porém o aluno precisa ser acolhido em um novo Lar das Almas.

Além disso, é preciso observar que a velha veste astral desaparece à medida que a nova veste astral começa a se formar. Na senda gnóstica não existe uma cultura astral, uma ética de desejos que tanto se considera na vida. Na dialética sempre se procura escapar da pressão dos desejos, para o que se elabora uma espécie de ética, uma ética dos desejos, que se denomina ascese, por exemplo. No entanto, o aluno na Escola Espiritual não pratica nenhuma espécie de ascese, ética astral ou ética dos desejos, porém ele realiza nada mais e nada menos que uma transfiguração astral.

Quando alguém pratica determinada ética e dessa forma sente não estar aqui perfeitamente em casa ou, de certo modo, sente-se como estrangeiro, pode, ao abandonar a referida ética, estar como antes em seu lugar, assim como, por exemplo, quando uma pessoa se amolda durante um dia aos hábitos de determinado meio e em seguida retorna aos próprios hábitos de vida e passa, de maneira desejável, a hábitos totalmente opostos. Porém, no aluno realiza-se nada mais e nada menos do que uma transfiguração, a transfiguração de seu estado de ser astral que precede o desenvolvimento da nova faculdade de pensamento.

Mencionamos, além disso, que, quando na Escola são abordados certos assuntos, é que se fez presente o tempo da realização. Assim o acima exposto também é, para os que se dedicam ao verdadeiro discipulado, como um convite a uma vida plena de ações realizadoras. O salão superior está preparado, e a voz da jovem Fraternidade gnóstica roga a todos: “Ingressai sob as condições exigidas!”

Consideremos, por um momento, que elevastes o consciente astral ao coração e sois um aluno extremamente sério e dinâmico, que se impõe, que não se intimida frente a pesadas conseqüências nem procura concessões. Isso significa que a alma nasceu

em vosso coração. Prosseguindo energicamente com a purificação do coração, de modo que a alma recém-nascida possa expandir-se, em concordância com esse fato, desenvolve-se a nova veste astral, e as qualidades da personalidade vão-se diferenciando visivelmente das de vossos semelhantes. Logo que ouseis vos decidir pelo discipulado, estabelece-se uma transfiguração que leva a certo ponto crítico, que indicamos como “sentir-se estrangeiro na terra”. Vosso corpo, então, distinguir-se-á estrutural e notavelmente do de vossos semelhantes dialéticos. Passareis a ter, evidentemente, novas necessidades de vida astral para vossa inteira personalidade.

Há muitas provas de que o grupo de alunos da jovem Gnosis experimenta claramente essas novas necessidades de vida. Um exemplo disso é a rapidez com que cresce o número dos que freqüentam as nossas conferências. Os alunos, em virtude do impulso de seu ser, procuram, tanto quanto lhes é possível, o contato com os focos, com os templos e com os grupos. E esse contato não poderia ser melhor do que durante uma permanência de alguns dias nos centros de conferências. Essa é uma das causas mais importantes do grande aumento de freqüentadores das conferências.

Se compreendeis tudo isso, podereis concluir se já viveis das novas necessidades de vida astral, se o anseio de todo o vosso ser é por esse novo elixir de vida. Perguntai a vós mesmos: Existe em mim um impulso permanente para, na medida do possível, não faltar a nenhuma conferência?

A Escola Espiritual pôde satisfazer, recentemente, mediante serviços templários e conferências, a essa necessidade de alimento astral de natureza tão especial. Mas, à medida que a transfiguração astral se realiza nos alunos, há necessidade cada vez maior de recursos de nutrição gnóstica e sideral, de substâncias para esse crescimento, necessidade que pode ser satisfeita plenamente

no campo astral apropriado da jovem Gnosis. Por isso, o aluno não deve apenas estar conosco num templo com a consciência de vigília, mas, assim que estiver em condição, em harmonia com o desenvolvimento do trabalho, torna-se também necessário, durante o sono do corpo, estar conosco nos santos átrios consagrados da jovem Gnosis com a consciência de vigília da alma. Lendo o magnífico capítulo do Apocalipse relativo à nova Jerusalém, compreendemos que, para a alma recém-nascida, já não existe nem dia nem noite: é um existir permanente na luz!

As necessidades da vida astral da maioria de nossos alunos crescem muito rápido. Sua vida movimenta-se nitidamente na direção indicada. Assim, impõe-se a todos eles a importante questão: “Como podemos ingressar nesse novo campo astral, nesse novo corpo da Escola? Como podemos utilizar essa grande bênção?”

Para participar do campo astral da Escola Espiritual da Rosa-cruz Áurea é necessário que vos liberteis internamente da rotina dialética comum de cada dia e também vos livreis por completo das características de vida do ser humano dialético; é necessário que toda a vossa vida diária esteja sob a égide da alma. A vida diária deve ser um discipulado ativo aplicado de maneira conseqüente no sentido de uma disposição para servir, com o esquecimento do eu, e suportada pelo inconfundível amor ao próximo da verdadeira alma e em perfeita ausência de luta.

Deveis fixar profundamente na consciência que a normal e natural atitude de vida de conflitos, o estar continuamente sob o domínio de toda a espécie de paixões, de irritações, de estados de humor e semelhantes disposições, aniquila completamente o que foi construído da nova consciência astral. Por isso, uma vida sem conflitos é absolutamente necessária.

Semelhante vida diária já é, em si mesma, grande bênção, intensa possibilidade para o crescimento da alma. É profundamente instrutivo, como homem nascido da natureza, situar-se objetivamente no mundo e deixar passar as coisas que anteriormente

tanto significavam, que solicitavam todo o interesse e punham todo o temperamento em grande ebulição, percebê-las, porém não reagir a elas. E isso não por efeito de indiferença, mas por efeito do estado correspondente a um novo nascimento da alma.

Ao ver alguém praticar as coisas mais tolas e más, podeis reagir a elas com hipocrisia, com altivez ou com indiferença, ou dizerdes “que bom que não sou como ele”, ou “nada tenho a ver com isso”, ou ainda “é-me indiferente”. Mas também podeis considerar o outro objetivamente e, compadecendo-vos dele intimamente, proporcionar-lhe todo o amor de vossa alma. Então, não vos ligais com o falso estado de ser desse outro — o que, caso contrário, certamente faríeis — e, além disso, ele será amparado a cada momento com a radiação de vossa alma. Assim auxiliareis, de hora em hora, os discípulos, iluminando o seu caminho freqüentemente tão duro, até o irrompimento do estado vivente da alma.

Quem conhece as bênçãos de semelhante vida cotidiana compreende também a atitude de vida de um homem nascido segundo a alma: aparentemente nada vê, a nada reage, deixa tudo passar, e não obstante ele age, em elevada medida, de modo muito positivo. Sem dúvida, à noite, poderá proferir, de seu íntimo, as palavras de Hermes:

No entanto, registrei em mim o benefício de Pimandro; e estando preenchido dele, desceu sobre mim a mais profunda alegria.

Quando um homem vive da alma, a cada momento do dia ele está consciente do grande bem e do amor da Gnosis. Sendo nascido segundo a alma e participando da Gnosis, nada lhe pode acontecer; então nada pode causar-lhe aflição, nenhum cabelo de sua cabeça será tocado, segundo a palavra da Bíblia. Poder participar de um campo de vida onde nada existe que seja da natureza de divisão da dialética, onde não existe inimizade e onde as ígneas flamas

do ódio, da crítica, do conflito e do vício estão completamente ausentes, proporciona a experiência de imensa alegria da qual muitos homens-almas testemunharam ao longo de toda história da humanidade.

É necessário que cada homem-alma termine assim o seu dia: quando nos retiramos para o nosso quarto, após um dia pleno de trabalho, quando entregamos o corpo ao sono, não devemos ficar com os nossos pensamentos e reflexões nos muitos aspectos do mundo da dialética, porquanto ela sempre é uma tribulação. A dialética sempre manifesta tristeza e recorre ao eu nascido da natureza. Não, quando chegamos ao fim do nosso dia, registramos em nós o benefício de Pimandro. Deixamos que a intensa corrente de bênção gnóstica flua através de nós, de modo que somos tomados de pura alegria, mesmo naquelas horas em que, do ponto de vista dialético, haja razões de queixa ou preocupação com algo. E quando assim entramos em harmonia com a vivente salvação da Gnosis e nosso alento entrou no ritmo sereno da alegria interior e gratidão, dormimos como uma criança, completamente dirigidos para a verdadeira luz. O sono do corpo torna-se a lucidez da alma; isso significa que ela está perfeitamente desperta em seu próprio mundo, o campo astral gnóstico. O sono do corpo, assim dissemos, não deve começar numa disposição tipicamente dialética do eu, mesmo que ela seja de natureza inocente, mas deve começar segundo perfeita orientação da alma. Se durante o dia viveis da alma, colocando tudo o mais sob a sua orientação, isso não vos custará muito esforço e, desse modo, favorecerá a consciência da alma e o seu crescimento no campo que lhe foi determinado e preparado. É como que um axioma: se fôrdes para o estado de sono com base na alma, ela se tornará consciente, ela despertará. O extraordinário proveito e o grande significado disso será compreendido considerando tudo o que se acaba de dizer.

Trata-se sobretudo da orientação, da vibração do ser astral no momento em que o corpo adormece. Ela é determinante para

toda a nossa experiência noturna. Quem sabe disso deve ter sentido que o homem sempre desperta conforme adormeceu. Um homem preocupado, um sonhador, quando conta de suas preocupações, comenta: “Levanto-me e deito-me com as minhas preocupações”. Isso diz tudo! Ele mesmo atrai essa situação. É a sua falsa orientação que o mantém assim aprisionado. Com as mesmas vibrações do ser astral com as quais adormece, ele também acorda. E vai acordar com a orientação determinada pelo ambiente em que passou para o estado de sono.

Com alguém que é uma pessoa deprimida e sonhadora e pensa ter motivos para estar zangada com outrem, as coisas decorrem assim: após um dia cansativo e de lamentos, essa pessoa, com o corpo extenuado, vai dormir. Antes que adormeça, ela ainda permanece com seus pensamentos, presa às suas dificuldades e desgostos e àqueles que a aborreceram. Assim como adormeceu despertará na manhã seguinte. Segundo o corpo, esse homem está mais ou menos restabelecido. O corpo foi, em certa medida, novamente carregado com vitalidade e, logo ao levantar-se, ele se encontra frente à imagem do inimigo, do suposto inimigo, e a dor abrasadora que mantém viva a sua ira penetra em sua esfera emocional. E com sua nova vitalidade decide: “Hoje vou fazer isto; direi aquilo; tomarei esta ou aquela atitude com relação a ele”. Assim esse homem, já ao despertar, encontra-se pronto para a luta. A mesma contenda recomeça. Desse modo ele não se libertará da inimizade!

A mesma lei pode ser aplicada em sentido libertador. Quem adormece orientado segundo a alma envia-a ao Lar das Almas, lar que, para ele, tornou-se realidade na Escola. Semelhante atrai semelhante.

Mas, não deveis vos perguntar temerosos: “Encontro-me agora, ao deitar-me, perfeitamente orientado segundo a alma?” E não deveis ficar ruminando se estais aplicando o método justo. O que deveis fazer é situar o centro de gravidade em vossa vida cotidiana.

O dia todo deve estar sob o signo da alma, numa vida de serviços. Então, também à noite, antes de deitar, estareis orientados segundo a alma e com grande gratidão, e a alma, ao sobrevir o estado de sono, entrará diretamente no campo astral da Escola, lúcida, desperta, conforme o desenvolvimento anímico que o aluno atingiu.

Existem naturalmente variações no desenvolvimento da alma. Em nosso meio há almas bem maduras, almas mais ou menos maduras e almas recém-despertadas. Mas, seja qual for o estado anímico, o certo é que, assim que o aluno vai dormir orientado segundo a alma, ela mesma dirige-se para o Lar das Almas, para o campo astral gnóstico. Aí ela logo estará no estado de consciência de vigília que concorda com o grau de vosso desenvolvimento anímico.

Tudo o que for experimentado nesse estado a alma leva consigo, como tesouro, na manhã seguinte, para o corpo. Nesse meio tempo o corpo restabeleceu-se, encheu-se de vitalidade e vós estais preparados para impelir a nova atitude de vida para uma glória maior. Tereis forças para levar isso à ação, sem permanecer apenas em pensamentos ou desejos. Novos poderes mais vigorosos preencherão todo o vosso ser, e o processo de transfiguração se acelerará em concordância com isso.

Cremos que compreenderéis perfeitamente a imperiosa verdade de tudo isso, reconhecendo que tendes nas próprias mãos vosso grau de desenvolvimento gnóstico. Tendes vosso próprio destino nas mãos. No mundo da dialética, o homem é juguete de um destino que o governa, mas na Gnosis ele tem o destino nas próprias mãos.

A senda da Gnosis não conhece métodos engenhosos, métodos de compreensão difícil, nenhum sistema de exercícios respiratórios ou coisas semelhantes, nem prescrição de um sem número de orações. Ela apenas solicita que estejais numa vida orientada segundo a alma. *Essa é a chave de vossa salvação.*

Percebendo isso claramente e elevando-vos para uma vida verdadeiramente orientada segundo a alma, a vida do homem nascido como alma, também inscrevereis no coração o benefício de Pimandro e vereis, com imensa alegria, a hora matutina do despertar da alma. Tendo vivido uma vez essa experiência, ela já não vos abandonará. Semelhante experiência não é como uma alegria dialética, uma euforia que logo passa, um único raio de sol atravessando um céu carregado de nuvens. Não, é uma alegria duradoura, uma felicidade constante, que preenche completamente o aluno sincero.

O DESPERTAR DA ALMA – II

O tema ao qual nos dedicamos relaciona-se de tal maneira com os novos aspectos do desenvolvimento do discipulado, que consideramos oportuno primeiro rever rapidamente o que já foi considerado.

Falamos a respeito do significado do versículo 72 do *Pimandro*, de Hermes, onde entre outras coisas é citado:

O sono do corpo tornou-se a lucidez da alma; o cerrar dos olhos tornou-se verdadeiro ver; o silêncio tornou-se-me a gestação do bem, e a anunciação do Verbo transformou-se em fecundos atos de salvação.

Propusemos a pergunta: onde fica a parte da personalidade que se retira durante o sono do corpo e o que realiza essa parte mais sutil da personalidade durante as horas noturnas, ou melhor, o que acontece com ela? E dissemos que o homem noturno, se assim podemos expressar-nos, durante as horas de sono do corpo, permanece na esfera astral da dialética. E examinamos o caráter dessa esfera astral.

A esfera astral possui um forte poder formativo. Pensamentos, desejos, sentimentos e objetos da vontade lá se projetam. Devido à conduta da humanidade atual, a esfera astral da dialética tornou-se altamente impura e complexa; ela nada mais é do que ilusão, e é totalmente inadequada para qualquer vida gnóstica, pois a matéria astral é extraordinariamente magnética.

Tudo o que não se harmoniza com a natureza da esfera astral é simplesmente tomado do homem noturno, portanto, subtraído da personalidade de matéria sutil que chega à esfera astral. E o homem noturno então recebe, por sua vez, a substância astral correspondente à natureza da esfera astral. Por isso lemos no evangelho gnóstico *Pistis Sophia* que a Pistis Sophia é continuamente roubada em sua força de luz.

A esfera astral da vida comum está repleta de forças ímpias dos éons que podem ser designadas como forças naturais. O termo *éon* significa: decorrer do tempo, imensurável período de tempo. Com o auxílio dessa idéia fica claro o que são éons em relação à esfera astral. Éons são forças astrais, atividades astrais que se formaram no decorrer de períodos de tempo muito longos e se tornaram muito poderosas. Por exemplo, projeções de desejos e pensamentos humanos alimentados por tanto tempo que, por fim, foram vivificados na esfera astral.

Suponhamos que criemos uma imagem em nosso pensamento e a sustentemos continuamente durante anos, de modo que a incutimos em nossos filhos e em todos os que nos acompanham, e que os artistas a desenhem, pintem e reproduzam em pedra, e os poetas a cantem. Então podemos imaginar a maneira pela qual um éon é formado na esfera astral. São projeções de contínuas correntes de desejos e pensamentos humanos que, por fim, ficam de tal modo vivificados que passam a governar e a subjugar a humanidade. Esses éons que continuamente crescem em força, porque são incessantemente alimentados pela humanidade, espoliam em sua força de luz cada homem de orientação gnóstica que penetra a esfera astral. Normalmente isso acontece todas as noites com o aluno logo que ele entrega o corpo ao descanso do sono.

Desse fato resultam conseqüências muito importantes para todos os alunos que são sinceros em relação ao seu discipulado, entre outras a lógica e urgente exigência de se retirarem da esfera astral da natureza da morte. Quando um homem verifica que, nas

horas noturnas, está sujeito às influências sumamente perigosas desse campo cada vez que lá chega, cabe então a pergunta: “De que modo posso libertar-me delas? Como proteger-me dessas influências?” Essa é a primeira consequência.

A segunda é que os referidos alunos, uma vez que se libertaram da esfera astral da natureza da morte, durante o sono, levam a parte mais sutil de sua personalidade para outro campo astral onde não existem as referidas impurezas e perigos. Concordareis plenamente conosco que essas são premissas muito elementares e das quais nenhum de vós pode subtrair-se. Sem o cumprimento dessas exigências, qualquer discipulado gnóstico nada mais é que perfeita burla.

Nisso ninguém pode forçar-se, coagir-se; se tentásseis fazê-lo durante um ou mais dias, não o conseguiríeis. Seria uma luta com a perspectiva de uma derrota certa. Por isso, já anteriormente afirmamos que a chave para a senda gnóstica está na possibilidade de dar outra direção à consciência astral mediante o próprio ser consciente astral. Para conseguir isso é necessário, em primeiro lugar, elevar ao coração o princípio nuclear do ser-eu que se encontra no sistema fígado-baço. Só se pode realizar isso quando se está maduro para tanto; quando o caminho da vida, por fim, leva a um beco sem saída na matéria, na natureza da morte, quando se descobre que para um homem que se move na linha horizontal não existe nenhuma perspectiva de libertação. Então, o princípio nuclear do eu retira-se do sistema fígado-baço, onde tem sua residência, elevando-se ao coração.

O homem, cujo eu está centralizado no sistema fígado-baço, no plexo solar, é o protótipo do homem natural duro como pedra, egocêntrico, o homem natural que se prendeu à matéria com unhas e dentes e assim dela tudo espera. Porém, para esse homem, após um tempo mais ou menos longo, freqüentemente apenas após muitas existências no microcosmo, surge, seguramente, o momento em que ele chega a um beco sem saída na natureza

da morte e descobre que sua existência é um giro sem fim e sem perspectiva. Mas enquanto ele ainda vive do sistema fígado-baço e, portanto, ainda demonstra com sua vida algum resquício de auto-afirmação e egocentrismo, é totalmente inútil o discipulado de uma Escola Espiritual. Apenas quem está em condição de elevar a consciência ao coração vence seus instintos naturais primários. Seu ser astral buscará residência no santuário do coração. E só então ele verá o mundo como realmente é.

Um novo anseio parte, então, do ser astral, um novo desejo, um suspirar pela libertação verdadeira e essencial, que na Escritura Sagrada é denominada “anseio de salvação”. Somente esse anelo abre o coração para a Gnosis, para a luz do Santo Graal, e assim a rosa do coração é tocada. Desse modo o aluno chega diante do portal de um novo estado de vida, isto é, mediante o anelo por salvação que surge mediante a elevação do ser astral consciente ao coração.

Milhões de pessoas encontram-se diante desse portal; muitos milhões de pessoas já de há muito anseiam desse modo por verdadeira vida libertadora. E assim esses milhões de pessoas, ligadas entre si, criaram juntas um éon que, nas escrituras gnósticas, é denominado “décimo terceiro éon”. Entre esse décimo terceiro éon e os anelantes surgiu um intercâmbio que se torna cada vez maior e mais intenso em virtude do ardor do anelo dessas pessoas. O sentimento e a percepção do estado de ruína em que se encontram acentua-se cada vez mais. Mas apenas o anseio de salvação não é suficiente, e também o ser astral estará na esfera astral da natureza da morte durante as horas noturnas, e na manhã seguinte regressará bastante roubado em força de luz, de modo que o dano é maior do que nunca. Daí os sempre repetidos cantos de arrependimento do evangelho gnóstico *Pistis Sophia*.

Compreendeis, assim, que além do anseio de salvação também é necessária a auto-santificação. Quem verdadeiramente anseia ser santificado tudo fará e tentará até mesmo o impossível para se

aproximar dessa santificação. Isso é lógico. Uma intensa atividade autônoma também deve sempre demonstrar que a pessoa está sendo purificada pelo anseio de salvação. Essa atividade sempre deverá partir do coração do homem, e em seguida influenciará o estado de vida em sua totalidade. Por isso, sempre falamos na Escola da Rosacruz acerca dessa tão necessária purificação do coração. Quem, além do anseio de salvação, também faz a verdadeira purificação de si mesmo entra no nascimento da alma e obtém essa santificação com todas as suas conseqüências.

Certamente é conhecido o estardalhaço negativo e repulsivo de inúmeros que só clamam por auxílio e pedem apoio para tudo o que é necessário na economia da vida dialética. Mas o homem deve compreender que, para chegar à verdadeira salvação, é preciso, primeiro, empenhar a si mesmo e seu inteiro estado de ser. Ao lado do anseio de salvação deve, irrevogavelmente, desenvolver-se a santificação de si mesmo. E então, como foi mencionado, a santificação se mostrará no nascimento da alma.

Se uma vez mais revirmos o processo exposto, ficará evidente que, primeiro, ele requer do candidato a elevação do ser astral do sistema fígado-baço ao coração, e que assim vença seu estado natural. Em segundo lugar, requer a manifestação do anseio de salvação e da descoberta da natureza da morte. Em terceiro lugar, requer a atividade autônoma, a santificação, a purificação do coração e da vida em sua totalidade, em completa auto-rendição, cuja conseqüência é o nascimento da alma.

O nascimento da alma é, acima de tudo, o nascimento de um novo ser astral. Um ser anímico é, em primeiro lugar, um ser astral, uma entidade que, após o nascimento, logo se transmite ao sangue, ao fluido nervoso, à secreção interna e também se faz valer nos órgãos da inteligência. Logo que algo desse novo ser anímico penetra em vós, logo que irrompe essa nova influência astral, nasce em vós uma nova faculdade. Uma nova força circula

por todo vosso ser e exerce sua influência sobre todas as vossas faculdades humanas normais.

Assim compreenderéis o que deve ser o quarto passo que então está inteiramente em vosso poder: a transferência conseqüente e sistemática da direção da vida à alma recém-nascida em vós, a essas novas possibilidades em vós. Isso significa que, em relação ao eu, ao ser natural, passais totalmente para segundo plano, já não vos comportais segundo a vossa natureza comum, antes deixais a alma reger toda a vossa vida. Então o novo ser astral, o novo estado de alma crescerá em vós. Manifestar-se-á um novo corpo sideral totalmente equipado, e o antigo corpo de desejos e a antiga vida de desejos desaparecerão por completo.

Entrastes, portanto, na transfiguração, e, à medida que se impõe o novo desenvolvimento, morreis para esfera astral da natureza da morte. Em relação a essa esfera astral da dialética, em certo momento, não tendes mais nenhum acesso, lá não encontrais lugar algum para o vosso novo ser astral. E, então, abre-se o novo campo astral do Corpo Vivo: o estrangeiro nos acontecimentos terrestres recebe as boas-vindas em seu novo lar.

Nossas exposições anteriores tiveram por objetivo principal asseverar que semelhante novo lar existe e se concretizou pelo esforço de muitos, especialmente para a jovem Gnosis. Portanto, não se trata de uma especulação relativa a uma futura salvação ou, talvez, de uma libertação que virá mais cedo ou mais tarde. Não, para cada um de nós existe agora, no presente, um lar da liberdade onde podemos entrar, desde que saibamos manejar a chave requerida e queiramos assumir as conseqüências.

A condição para isso é que possuais uma nova alma e comproveis isso em toda a vossa vida cotidiana; uma vida cotidiana de um discipulado prático e aplicado de maneira conseqüente, com atos de serviço, com o esquecimento do eu, sustentado pelo amor inequívoco aos homens que provém do verdadeiro estado de alma. Cada homem nascido como alma, após ter cumprido

sua tarefa, deve situar perfeitamente sua vida na esfera das almas. Por conseguinte, antes de dormir, não deve deter-se nos aspectos do mundo da dialética. Desse modo, o sono do corpo torna-se a lucidez da alma. Quando ides dormir orientados para a alma, ela se torna consciente, ela desperta. A vibração, a orientação do ser astral ao ir dormir é determinante para toda a vida noturna e para a vida diurna que a ela se segue.

Os que ingressam no novo campo astral com esse preparo sentem diariamente, em força e clareza cada vez maiores, que o sono do corpo significa o despertar ou a vigília da alma, o que acarreta um verdadeiro ver e estabelece um novo desenvolvimento que é coroado por um novo estado de consciência denominado, na Escritura Sagrada, “a coroa imarcescível da magnificência”.

A REALIDADE DA LIBERTAÇÃO

O campo astral do Corpo Vivo da jovem Gnosis caracteriza-se, considerado exteriormente, por meio de cor e vibração. Pode-se designar melhor a cor desse campo astral como uma mescla de ouro e violeta, não o violeta avermelhado ou azulado, mas uma cor absolutamente uniforme, muito específica, uma cor que emite um resplendor violeta dourado.

Talvez saibais que o ouro é a cor do estado da alma renascida, o resplendor. É por isso que também falamos de Rosacruz Áurea e cantamos a maravilhosa flor áurea. Há muitíssimo tempo é sabido que o ouro, quanto ao seu brilho, natureza e vibração, é comparado ao estado de renascido. Basta pensarmos na antiga pintura primitiva. Por isso também o Templo de Renova está consagrado a essas duas cores, violeta e ouro. A cor violeta extremamente pura é a cor fundamental do novo espectro, o da humanidade-alma, no qual a alma renascida, a flor áurea maravilhosa, pode ser admitida num novo curso de vida.

É provável que vos tenha causado surpresa o fato de, nos capítulos anteriores, termos falado de um campo astral da natureza da morte e de um campo astral do Corpo Vivo da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, recentemente construído. É possível que vos tenha parecido demasiado terreno considerá-los existindo um ao lado do outro e, no entanto, apartados entre si e protegidos de vários modos. Contudo, no tocante a isso, sem dúvida, o aluno

pensará de modo bem diferente ao considerar que se trata aqui de uma questão de vibração. A substância sideral ou astral possui uma escala vibratória que, na sétima região cósmica, vai de aproximadamente quatrocentos e cinqüenta trilhões a setecentos trilhões de hertz (vibrações por segundo). Essas são algumas cifras da Doutrina Universal. Dentro dessa escala vibratória se manifestam os vários fenômenos astrais, formas e atividades ligados à sétima região cósmica. Em cores, eles se expressam desde o vermelho intenso, que é a vibração mais baixa, até o violeta azulado, que é a mais elevada vibração no campo de vida dialético. As radiações ligadas a tudo isso possuem, segundo a Doutrina Universal, comprimentos de onda de aproximadamente seiscentos e cinqüenta nanômetros (vermelho) até quatrocentos e cinqüenta nanômetros (violeta) (um nanômetro é a bilionésima parte de um metro). As vibrações mais rápidas possuem menor comprimento de onda.

Assim que esses limites de vibração e esses comprimentos de onda são ultrapassados em sentido negativo, isto é, quando ocorre um retardo ou enfraquecimento que se estende abaixo dos limites da sétima região cósmica, sempre resulta dissolução, desagregação, pulverização, explosão e morte, a morte por desintegração.

E assim que um ser humano ultrapassa esses limites em sentido positivo, portanto para cima, em direção à sexta região cósmica, ele entrará nessa região, resultando daí outra forma de manifestação, que indicamos por homem-alma. A passagem de um campo para outro, da sétima para a sexta região cósmica, acarreta infalivelmente uma transfiguração; isso é um imperativo científico.

Se uma personalidade, um microcosmo, é sustentada por uma vibração constante, o que faz os veículos da personalidade permanecer concêntricos, em conformidade com esse fato, determinada vitalidade é fornecida mediante as faculdades disponíveis da personalidade, e a vida assim é mantida por essa vitalidade. Quando

a personalidade se debilita, então, como dissemos, isso está ligado a uma diminuição na vibração vital. Em certo momento a vibração fica tão enfraquecida e tão lenta que a personalidade já não pode conservar-se no corpo e morre. Essa, em síntese, é a causa da nossa morte corpórea.

A outra possibilidade é a de serdes tocados por um campo cuja vibração é mais elevada do que a que estais acostumados. Trata-se então de saber se sois capazes de responder a esse toque. Se vos abirdes a esse campo, se reagirdes positivamente, ele, de tempos em tempos, crescerá processualmente em vibração. Em consequência desse crescimento da velocidade vibratória que ultrapassa a vibração normal da dialética, deve resultar uma transformação de vossa entidade, do microcosmo, do ser aural e, portanto, também da personalidade. Isso é a transfiguração. Ela é, em certo momento, uma inevitabilidade científica para um ser humano.

No primeiro caso, a consequência é a morte por supressão; no segundo caso é a morte por renascimento. Dois modos de morrer na esfera de vida dialética. Mas, quão grande é a diferença! Uma das mortes significa as tantas e tantas repetições do girar da roda do nascimento e da morte. A outra morte sofre-se apenas uma vez. Passando por essa morte, ressuscita-se na vida eterna.

Desse modo também compreenderéis o que indicamos como o novo campo astral da Escola Espiritual moderna. É um campo em que há concentração de substância astral onde atuam as vibrações cujo limite inferior está acima dos oitocentos trilhões de hertz, enquanto o menor comprimento de onda aproxima-se dos quatrocentos nanômetros.

Se imaginarmos uma redução no comprimento de onda e uma elevação do número de vibrações, podemos formar uma idéia das regiões cósmicas que estão acima da sexta. Em certo momento, o fator tempo cessa também de existir nessas regiões e se desenvolve um novo estado, do qual se pode aproximar mediante a idéia de eternidade.

Também compreenderéis do que precede, que um campo sideral que, em vibração e comprimento de onda, se eleva acima da sétima região cósmica, é completamente inacessível para uma entidade da sétima região cósmica. O novo campo astral da Escola Espiritual protege a si mesmo, ele é inviolável em seu ser mais profundo.

No entanto — e podeis rejubilar-vos por isso — esse campo astral do Corpo Vivo apresenta efeitos por meio dos quais aparentemente ele, de tempos em tempos, se expõe a perigos. Podereis compreender isso melhor se imaginardes uma chama que, de vez em quando, por uma razão qualquer, se enfraquece e apresenta períodos de diminuição na vibração luminosa. Um campo astral gnóstico atrai, de fato, temporariamente, segundo determinadas leis de periodicidade, intencionais enfraquecimentos em suas vibrações, no comprimento de onda de suas radiações, de modo que as fronteiras da sétima região cósmica são atravessadas e as radiações da Gnosis, isto é, do novo campo astral, penetram no campo de vida dialético, o campo do espaço e tempo. Em consequência disso, muitos que vivem nos limites vibratórios da sétima região cósmica podem aproveitar com grande afã o afastamento dessa barreira e penetrar na sexta região cósmica.

Com isso surge uma situação tal como a que nos é descrita, por exemplo, em *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*. Se tivéssemos de comparar o novo campo vibratório com um templo iniciático, o que na verdade ele é, em dado momento entram também no santuário, em razão da intencionada diminuição vibratória, certo número de inaptos. Esses inaptos estão muito inclinados a forçar um caminho para as primeiras posições e C.R.C., a princípio, sente-se decepcionado com o espetáculo. Mas em seguida vem a “pesagem” dos candidatos, a prova; em outras palavras, as vibrações do campo templário voltam ao seu grau de intensidade anterior. A intensidade da vibração volta a elevar-se e acusa quem não se sintoniza com essa elevação. Os que

não podem suportar essa força de luz, em razão de seu ser, e assim são achados leves demais devem abandonar o santuário.

Todas essas flutuações vibratórias do novo campo astral têm por finalidade auxiliar os que estão aptos para esse campo, são dignos disso e necessitam dessa diminuição para que tenham a oportunidade de ingressar nos santos átrios da renovação.

Por isso, em muitos lugares da Bíblia está escrito que o Senhor da Vida vai ao encontro do peregrino. Não deveis aqui pensar numa figura venerável indo ao encontro de um pobre e cansado peregrino, mas sim, numa diminuição da vibração luminosa que envolve o candidato e o eleva ao novo campo de vida.

Enfatizamos isso porque no mundo existe muita magia dialética que imita, por exemplo, com o auxílio da música, esse trabalho de salvação da Corrente gnóstica universal. Em vários templos mágico-dialéticos é produzido um som, som que aumenta gradativamente em vibração para, em seguida, decair com a intenção de aprisionar certos grupos que estão no templo, acolhê-los num campo vibratório e conduzi-los a determinados objetivos em regiões mais sutis da esfera refletora.

Provavelmente agora compreendais algo do grande sacrifício que a Gnosis e seus servos realizam no mundo. Quando um ser humano ultrapassou, para cima, a fronteira do sétimo campo vibratório, já não é possível falar-se em estagnação, pois ele prossegue cada vez mais alto no campo de luz e de vibração universal. Então resulta uma vibração cada vez mais luminosa e potente, com resultados que apenas podem ser avaliados aproximadamente em sentido matemático.

Isso significaria que todos os que viessem a seguir mais tarde não conseguiriam restabelecer a ligação com ele em conseqüência do imensurável abismo que os separaria, abismo em vibração e comprimento de onda. Por isso, sempre existe uma fraternidade gnóstica ou um grupo nela que se encarrega de resguardar a ligação; seus membros são designados como “os guardiães das

fronteiras”. Nosso irmão e amigo senhor Antonin Gadal foi um desses guardiães. Ele foi o patriarca da fraternidade anterior que assumiu a tarefa de esperar por todos nós.

Como foi mencionado, sempre existe uma fraternidade gnóstica da ordem temporal que, com o sacrifício de amor, prepara um lugar para todos que querem e podem vir. E esses guardiães não seguem avante com o grupo ao qual pertencem, mas ficam para trás por amor dos que vêm mais tarde. E assim também compreenderéis as seguintes palavras de Jesus, o Senhor, no Evangelho de João:

“Vou preparar-vos lugar... vos convém que eu vá; porque se eu não for, o Consolador não virá para vós; mas se eu for, vo-lo enviarei. Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim”.

Do campo sideral dos guardiães das fronteiras parte uma vibração, uma radiação sintonizada com todos os candidatos, com todos que verdadeiramente se esforçam a fim de que, novamente tangidos pela radiação, apanhem a corda da ligação para elevar-se do abismo da dialética. Por isso também lemos no Evangelho de João:

“E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também.”

Esperamos que compreendais esses ensinamentos da ciência gnóstica da salvação! Reconhecei que essa ciência sagrada foi e é aplicada em todas as eras.

Quando aqui se fala do campo astral do Corpo Vivo da jovem Gnosis, isso significa que, para todos os que sinceramente buscam a libertação, é novamente preparado um lugar, um lugar inteiramente adaptado a nós e à nossa época; que desse templo iniciático imaterial do irmão Cristiano Rosacruz parte, de novo, uma radiação consoladora e auxiliadora que tudo preenche e, se possuídes

a nova alma, sereis habilitados, já agora, para uma existência em dois mundos, isto é, na sétima região cósmica, em razão do estado de nascido nesta natureza, e, pelo menos durante a terça parte das vinte e quatro horas do dia, no templo iniciático de C.R.C., em razão do estado de nascido no campo astral do Corpo Vivo da jovem Gnosis.

Tudo isso pode ser comparado a uma exalação e a uma inalação. Do novo templo iniciático gnóstico parte diariamente uma radiação astral, um impulso santificador, doador de força. Quem reage positivamente a esse impulso, quem com ele coopera em dedicação diária e fiel, logo que chega o sono do corpo é levado pela corrente inalante ao templo astral gnóstico e experimenta com isso a bênção de, ao despertar na manhã seguinte, encontrar-se carregado de forças puras para poder seguir avante na senda. A ligação da alma com o campo astral gnóstico torna-se, assim, cada vez mais íntima, cada vez mais forte, até que se torne quase que indissolúvel, e isso também durante a vida diária do candidato. Permanecendo na sétima região cósmica, ele habita, ao mesmo tempo, a sexta região cósmica, ele passou as fronteiras da morte. Quem, mediante um disciplinado verdadeiro e sincero, obteve uma nova alma passou as fronteiras da morte! E assim, o que mais lhe pode acontecer?

Então, a morte do veículo material já não é o esvaziamento do microcosmo, mas a libertação do que é material, ao passo que o essencial permanece na imperecibilidade. Por isso, a morte natural, nessas circunstâncias, não traz separação. E toda a tristeza que sempre acompanha a morte dialética e a grande e muitas vezes forte sensação de vazio desaparecem completamente.

Assim, logo distinguiremos no Corpo Vivo da jovem Gnosis somente homens-almas sem veículo dialético e homens-almas que ainda o possuem. Mas, entre essas duas espécies é possível uma perfeita convivência. Dizemos isso para persuadir-vos de que toda forma de tristeza, por causa morte, é despropositada,

se o vosso disculpado estiver sendo realizado com toda a sinceridade e se assim o tiverem feito os nossos parentes e amigos que já partiram. Conhecemos irmãos e irmãs da Escola Espiritual que estão no campo astral da jovem Gnosis e lá vivem numa maravilhosa juventude, ao passo que seus parentes, que aqui ficaram, caminham curvados sob grande tristeza, visto que ainda não compreenderam a maravilhosa e libertadora possibilidade e porque eles mesmos ainda não irromperam para essa resplandecente realidade.

Tristeza é completamente desnecessária em nosso meio. Entre essas duas espécies de homem-alma, a com veículo dialético e a sem ele, é possível uma comunhão absolutamente viva. Mas, para prevenir qualquer influência da esfera refletora, é necessário que os homens-almas que vivem na terra se elevem à lucidez da alma, ao perfeito estar desperto, pois, os que estão sem o veículo material já não podem dar-se a conhecer, segundo a carne, nas esferas materiais, e isso em razão da já mencionada diferença de vibração e de comprimento de onda. Eles dão-se a conhecer apenas por radiação.

Quando nos reunimos com disposição para servir, estão sempre ao redor e conosco todos os irmãos e irmãs da Corrente gnóstica que nos precederam e nos enviam a sua luz.

A EDUCAÇÃO PRÁTICA DO PENSAMENTO

O cérebro humano, esse agrupamento de células cerebrais, possui muitas e maravilhosas faculdades, entre outras, a da memória. Todas as células cerebrais possuem a capacidade de recolher e conservar determinadas impressões e, às vezes, recolher simultaneamente impressões de natureza muito diferentes. Isso vale, de modo particular, para o centro da memória. A medida e a natureza de nossa receptividade às impressões depende inteiramente de nossa particularidade e orientação pessoais. Quando estão reunidos num serviço, é certo que nem todos os alunos ouvem da mesma maneira e que também não acolhem igualmente as impressões desse serviço, de modo que, em seu decorrer, não estão igualmente sintonizados. Seria desejável, mas, em seu atual estado de ser, isso ainda não é possível.

Verificamos, portanto, que sua receptividade às impressões depende de sua natureza e orientação pessoais, ao passo que estas dependem do estado do sistema magnético, a lípica.* Por lípica entendemos a rede de pontos magnéticos no ser aural, rede essa vivificada pelo nascimento natural; por conseguinte, é a rede de pontos magnéticos do assim chamado sétimo círculo do ser aural.

Essa rede magnética, na qual estão presentes todas as influências cármicas, projeta-se no cérebro e mantém as células cerebrais em determinada condição. Ela se projeta não apenas para o interior, mas também para o exterior, na esfera astral. Existe, portanto, íntimo parentesco, uma ligação firme, entre os vários aspectos e forças da esfera astral, por um lado, e a personalidade humana,

por outro. O sistema magnético, por um lado, está em ligação com a esfera astral e, por outro, com o cérebro.

Além disso, no santuário da cabeça arde um fogo, uma flama, a flama de vossa mentalidade, do pensamento inferior, do pensamento cerebral comum. Essa flama se manifesta mediante sete focos que se encontram nas sete cavidades cerebrais. Assim, quando adulta, a personalidade humana possui uma mentalidade em completa harmonia com a natureza das células cerebrais, com a lípica, com o sistema magnético e com a esfera astral da natureza comum. Vossa mentalidade natural está, portanto, em total equilíbrio com todo o estado da esfera astral da natureza da morte.

Pode-se dizer que a esfera astral da natureza da morte e, em particular, alguns de seus aspectos, forças ou éons, controlam o pensamento humano. Por conseguinte, quando a personalidade humana fica dividida pelo sono e o corpo astral e a faculdade mental permanecem na região astral, o desenrolar normal das coisas é que as células cerebrais fiquem perfeitamente carregadas e harmonizadas com as forças e influências relacionadas ao estado de ser da pessoa. Trata-se, pois, de um processo natural, porque no decorrer da vida diária todas as células cerebrais são carregadas com todas as orientações da referida pessoa e fortemente concentradas na memória.

No santuário da cabeça, além da mentalidade, também se encontra a faculdade da vontade. No centro da vontade também encontramos forte concentração de radiações astrais que também brilham como um fogo. Por conseguinte, na cabeça ardem dois fogos: a flama do pensamento e a flama da vontade, ambas provenientes do campo astral, o campo das radiações siderais.

Em uma pessoa normal, o pensamento surge antes da vontade ou do desejo. O pensamento sempre antecede o desejo. O pensamento age, então, sobre as células cerebrais, e a resultante agitação dessas células atua novamente sobre o órgão em que reside a vontade. É assim que a vontade ou o desejo desperta para a ação ou

a não-ação. Portanto, é sempre o pensamento que determina e desencadeia o nosso desejo ou a nossa vontade. A Doutrina Universal dá, por isso, a todos os candidatos na senda, uma advertência muito séria: “Cinco minutos de pensar irrefletido podem anular um trabalho de cinco anos”.

Essas palavras são fáceis de memorizar e nada lhes falta em clareza. Deveis vigiar vossos pensamentos. Pensamentos errôneos devem ser eliminados antes que o desejo seja incitado. Às vezes percebeis inflamar-se em vós o fogo do desejo ou da vontade, impelindo-vos a ações que lastimais, e sentis grande repugnância pelo fato de terdes sido tomados por ele, mas, o pensamento precedeu o desejo. Por isso é preciso que o pensamento errôneo seja eliminado em vós antes que o desejo possa ser aniquilado. Antes que transformações essenciais possam ocorrer no sistema dos que se esforçam por elevar-se, o pensamento deve ser modificado.

Não se pode dizer que o homem médio tenha os seus pensamentos sob controle. Ele pensa unicamente ao acaso. Quem é “ele”? É o ser-eu, que numa pessoa comum tem residência no sistema fígado-baço. Esse ser-eu em vós só pensa a esmo. Vossos pensamentos estão em perfeita harmonia com vossa orientação natural e determinam vossa vontade, vosso desejo e vossa ação; portanto, vosso estado sanguíneo e vosso inteiro estado de ser. Com o auxílio de vossa mentalidade, vossa inteira personalidade é dirigida por influências astrais e mantida em determinado estado de ser. Quem não possui controle sobre os seus pensamentos, quem não pode modificar completamente a sua mentalidade, não deve, portanto, pensar que é verdadeiramente um aluno da Escola Espiritual.

Quando, por exemplo, entrais num templo, lá ainda permanecéis com os mais variados e mais extravagantes pensamentos. Caso houvesse um aparelho para captar vossa mentalidade e reproduzi-la, poderíeis ouvir tudo o que pensastes desde o momento

que entrastes e tomastes vosso lugar; o que pensastes em geral e em particular sobre vossos discípulos, e ainda o que deixastes fluir como lampejos de pensamento. Essas rodas em vossa cabeça giram sem nenhum controle de vossa parte. Por isso dissemos: quem não tem os seus pensamentos sob controle, quem não pode mudar completamente a sua mentalidade, não deve pensar que seja verdadeiramente um aluno.

Quando estais no templo com essa diversidade de pensamentos que se explicam totalmente pelo vosso estado de ser natural, permanecendo juntos de maneira aparentemente tão amistosa, causais um remoinho caótico de radiações astrais, pois vossa mentalidade provém da esfera astral comum. E nesse caos de remoinhos astrais, nessas violentas tempestades astrais, o trabalho deve ser realizado. Compreendeis como são extremamente fatais os hábitos intelectuais burgueses? De fato, não sois educados, mas extremamente sem educação e, em essência, ainda sois iguais ao homem da caverna.⁴ Sim, vesti-vos conforme a moda ordena. Em todas as situações assumis a atitude preestabelecida. Simulais com as melhores intenções, mas, limpeza mental, pureza mental, em geral não está presente.

Nisso tudo há muito que pensar e estamos considerando aqui unicamente alguns aspectos relacionados ao assunto de que nos ocupamos. A pergunta que resulta é a seguinte: Como podeis proteger o vosso sistema, tão bem e tão depressa quanto possível, das influências da esfera astral da dialética e como podeis chegar, tão bem e tão depressa quanto possível, ao raio de ação do novo campo astral?

Quando assim falamos, deveis prestar atenção à vossa reação. Nossas palavras significam para vós apenas uma realidade teórica

⁴Ver Rijckenborgh, J. van, *O homem da caverna*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, s.a.

em relação à qual ficais indiferentes ou existe em vós um profundo interesse quando tratamos desse assunto? Eleva-se, então, com grande calor, um íntimo desejo de entrar em ligação com o novo campo de vida e que isso possa logo tornar-se realidade!

Podeis também considerar ser bem interessante obter conhecimento da natureza e das conseqüências da permanência em outra esfera astral de modo que entendeis nossa exposição como objeto de estudo puramente científico. Com isso provaríeis que, de fato, ainda não se desenvolveu mudança alguma em vosso estado de ser.

Explicamos como a esfera astral, a rede de pontos magnéticos do vosso ser aural, o cérebro, a mentalidade, a vontade, o desejo, o sangue, o vosso corpo e a vossa vida formam um todo absoluto; como formam o campo para uma série de processos que se engrenam, que funcionam como um conjunto de rodas de *um* organismo. Por isso, é grandemente necessário irromperdes nesse organismo e dar outra orientação à vossa natureza.

Se o problema do ingresso no novo campo astral e a participação nessa maravilhosa vida astral divina tem vosso mais caloroso interesse, suscitando profundo desejo, vosso estado de ser é muito promissor. Por quê? Porque, se de semelhante pensamento parte ardente interesse pela Gnosis e pela santificação a que ela conduz, se houver o anseio de participar do novo campo astral e a esse desejo já estiver ligada uma atividade da vontade, ainda que fraca, esses pensamentos e ações volitivas certamente já não se explicam pelo estado natural comum. São, nesse caso, influências de natureza evidentemente não-dialética.

Acabamos de mostrar como a esfera astral prende a totalidade de vosso ser e vossas atividades; como todos vós, começando pela vossa vida mental, sois prisioneiros na natureza da morte. Portanto, como é possível que os vossos desejos e pensamentos possam dirigir-se à Gnosis? Sentis que esta é uma pergunta vital?

Que é uma questão vital refletir sobre as coisas da vida gnóstica? Daí a ênfase com que chamamos vossa atenção para isso.

Um interesse vivo, real e caloroso pela Gnosis não se explica, como dissemos, pela natureza comum, porque o vosso estado natural comum está sob o governo da natureza da morte. Mas, como aparecem em vós esses outros pensamentos e sentimentos não-dialéticos? Eles só podem ter chegado a vós provindos de fora. Irromperam em vosso sistema e, desse modo, deram nova orientação à vossa mentalidade. Se reconheceis estar nesse estado que acabamos de expor, é porque estais elevando a consciência do sistema fígado-baço ao coração, e somente semelhante consciência é capaz de acolher influências gnósticas no sistema. Em conseqüência, o coração abre-se para as radiações gnósticas. Elas se misturam ao sangue, penetram no santuário da cabeça pela pequena circulação do sangue e exercem notável influência sobre vossa mentalidade, de modo que surgem pensamentos que não correspondem à linha horizontal da vida comum. Dessa maneira a Gnosis irrompe no sistema humano e confere-lhe nova faculdade. No início talvez apenas como um lampejo de pensamento mediante o qual parte para vós um impulso volitivo, um impulso do desejo, para apreender a santificação que está encerrada na Gnosis.

Quando a Gnosis irromper em vós, quando forem despertados pensamentos que não nasceram do carma,* da lípica da esfera astral ou do sangue oriundo da natureza, mas de Deus, podereis, a partir desse momento, ouvir a voz da alma, ou no dizer místico: ouvir a voz de Deus. Então, estareis ligados com o novo campo astral, com a Gnosis, com a Corrente* universal gnóstica.

Portanto, podeis verificar em vós mesmos se possuíis algo disso tudo. Em caso afirmativo, podeis alegrar-vos conosco, porque tendes a chave da senda nas próprias mãos, no próprio sistema. Mediante essa nova faculdade podeis deter, por exemplo, antigos pensamentos que se elevam do eu natural e dar uma orientação

completamente diferente a eles, em sintonia com as exigências da senda. Se não conseguirdes isso, sem dúvida podeis aceitar intelectualmente o que dizemos e expô-lo com exatidão, mas não há proveito algum nisso. Nada muda dentro de vós. É preciso que utilizeis imediatamente essa nova faculdade, mesmo que seja apenas um pequenino início, a fim de atingir o modo de pensar, para dar outro curso aos vossos pensamentos. E, se fordes bem sucedidos, obtereis controle sobre vossa vontade, vossos desejos e vossas cobiças, pois, como já várias vezes dissemos, o pensamento antecede o querer. Assim conseguireis também o controle sobre vossa vida de ações, em harmonia com as exigências dessas novas e maravilhosas influências em vossa vida.

Deveis começar a auto-santificação, a autolibertação, a senda da santificação, com vossa vida de pensamentos. Quem ainda não está em condição de fazê-lo deve esperar até que a consciência seja elevada do sistema fígado-baço ao coração.

Se, porém, possuindo essa nova faculdade, não a utilizardes, estareis corrompendo o processo do vosso discipulado. Lembrai, portanto, continuamente, da advertência dos grandes: cinco minutos de pensar irrefletido, cinco minutos de pensamentos extremamente sem amor, pensamentos cheios de crítica, inveja, ódio etc., tornam a obra do discipulado sem efeito.

Por isso, uma educação bem prática do pensamento é uma necessidade premente para todos os que desejam trilhar a senda. Essa é a educação intelectual a que todos vós tendes de vos submeter na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. O caminho da autolibertação é este: purificação da vida de pensamentos, perfeita veracidade do pensar. Reconheceis o imenso significado disso? Assim deve iniciar vossa auto-revolução. Quem inicia a purificação de seus pensamentos rompe os laços entre o sistema da personalidade e a lípica e, conseqüentemente, com a esfera astral. Esses laços fazem de vós verdadeiros arlequins, porque vos levam a agir em conformidade com os impulsos que partem da

esfera astral. Quando, na força da Gnosis que irrompeu em vós, começais a modificar vossa mentalidade, livrais-vos dessa nefasta influência.

Nesse meio tempo o coração se abre cada vez mais; dia a dia distanciai-vos mais da natureza da morte e de sua esfera astral, e as forças gnósticas penetram vosso sistema em grandes ondas. Em consequência disso, a nova faculdade cresce gradativamente em força e trabalhais para a transfiguração do corpo astral com grande rapidez mediante esse auto-sacrifício. Assim já estais diante de um começo totalmente novo.

Deveis refletir mais uma vez e verificar: “Existe em mim verdadeiramente esse mencionado anseio profundo de aproximar-me da Gnosis e de ingressar na nova vida? É autêntico esse anseio?” Se a resposta é um seguro sim, já entrastes no novo começo, já obtivestes essa nova faculdade. Apenas resta empregá-la coerentemente. Só então podereis, com razão e com êxito, falar a respeito da vida da alma no novo campo astral.

Tentamos mostrar como o começo está completamente em vossas próprias mãos. Então, parti como seres-alma para esse novo começo! E então podereis, de fato, com grande êxito, continuar a falar a respeito da esperada magnificência no novo campo astral.

Por fim, ainda o seguinte: não precisais inquietar-vos com sonhos de natureza dialética, sonhos que fazem pensar que não estais participando da nova vida astral durante as horas de sono. Afastai essa preocupação, pois muitos sonhos, senão todos eles, são consequência de descargas das células cerebrais, do centro da memória em especial, durante as horas noturnas. Quando vós, por exemplo, tendes uma fantasia forte e, durante o dia, sonhastes acordados com certas coisas banais e vos deixastes levar mentalmente, então as células cerebrais se carregam com muitas forças. Quando o corpo dorme, à noite, as células cerebrais descarregam-se novamente e originam sonhos que são demasiado

emaranhados e fragmentados, relacionados às fantasias diurnas. Outro exemplo: é possível que durante o dia tenhais tido muito que fazer e que, por vossa posição social, estivestes envolvidos com muitas obrigações, de modo que fostes dormir bastante cansados. As células cerebrais estão muito carregadas e à noite descarregam-se, causando, como efeito secundário, vários sonhos.

Portanto, não é preciso vos preocupar demasiado com isso; não é preciso dar atenção aos sonhos, mesmo quando eles vos parecem extremamente importantes. Conservai-os apenas encerrados no silêncio de vosso próprio ser, e logo se evidenciará o que deveis pensar e esperar deles.

O SINAL DO FILHO DO HOMEM

Quando o aluno se encontra, com alegria, na fase do novo início do qual falamos no capítulo anterior e, num esforço constante e fervoroso, cuida carinhosamente da preciosa jóia no coração a fim de realizar o seu discipulado, cresce continuamente sua disposição para acolher no santuário do coração o prana gnóstico. Ele se abre completamente para poder viver e agir diariamente dos preparados gnóstico-mágicos, do “pão” e do “vinho”, isto é, do Santo Graal.

A Fraternidade do Santo Graal é um sacerdócio que se manifesta em todos os grupos gnósticos a fim de verter o prana universal de Deus, a água da vida, a água do rio da vida que emana do trono de Deus e do Cordeiro, em dois estados concentrados e magicamente preparados para os que estão em condição de recebê-los e deles viver. Essa Fraternidade é formada, ao longo de todos os tempos, pelos que também são denominados “os guardiães nas fronteiras”, pelos irmãos e irmãs que aguardam a todos, até que finalmente venham, e eles aguardarão até que também o último peregrino passe pela fronteira do novo estado de vida.

Eles concedem, como se disse, as duas forças magicamente preparadas a todos os que desejam viver e atuar com base nelas e que anelam por esse prana de Deus como elemento nutritivo. Compreendereis que é possível alimentar-se com esse prana de Deus quando realmente o sistema o anseia, em razão de se estar necessitado dele. O candidato que recebe esse pão prova que vive dele; de outro modo, não o necessitaria.

Em segundo lugar, pode-se receber esse prana da vida como vinho. O pão do Santo Graal alimenta o novo homem místico, o homem que se devotou à nova vida. O vinho é o aspecto mágico: ao lado do novo aspecto místico da perfeita devoção está o novo aspecto mágico do serviço perfeito e ativo. Quem desse modo pode receber o Graal em seus dois aspectos segue a senda da devoção e do serviço ativo. Quando o Apocalipse 22 diz: “E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro”, sabemos que aqui se trata do duplo Graal: o prana como alimento e como elemento salvador. Quando num templo da jovem Gnosis também se fala sobre essas forças sagradas, então sois confrontados com esse santo sacerdócio, e, nesse momento, o Santo Graal vos é ofertado pelos que representam esse sacerdócio, com a oração: “Irmãos e Irmãs, que o pão da vida e o vinho do verdadeiro serviço possa ser-vos proporcionado para comida e bebida desde agora até a eternidade. Amém”.

O homem que começa a viver dessa dupla e concentrada corrente de Deus que flui ininterruptamente tornou-se, ao mesmo tempo, um homem-alma. A dupla luz gnóstica fez que a rosa despertasse em seu coração aberto e todos os fluidos vitais do sistema são preenchidos por essa luz, e isso justamente com todas as conseqüências das quais fizemos menção. A luz irrompe no santuário da cabeça após ter encontrado seu caminho através do coração e do sangue.

Ela penetra todo o campo de respiração e começa a transfiguração do corpo astral do candidato. E agora, se ele se lembrar da advertência dos grandes de que “cinco minutos de pensamentos irrefletidos podem desfazer um trabalho de cinco anos”, logo virá o momento em que entrará em ligação com o novo campo astral da Escola Espiritual. Também essa ligação, em concordância com o mistério do Santo Graal, é dupla: uma ligação como homem diurno, como homem que vive no corpo do nascimento natural,

e outra ligação como homem noturno, que vive fora do corpo do nascimento natural.

Já dissemos que o aspecto exterior do campo astral do Corpo Vivo deve ser visto como um campo de cor áurea misturado com o violeta da sexta região cósmica. O aluno que avança positivamente no duplo processo gnóstico da luz logo começa a mostrar, em seu campo de respiração, esse adorno áureo, essa radiação áurea do prana da vida. A isso se refere a Bíblia quando fala da veste áurea nupcial. Quem avança em sentido positivo na senda da vida e assim se aproxima da Gnosis recebe as qualidades astrais do campo astral do Corpo Vivo. Essas forças de luz irrompem no coração, misturam-se com o sangue, elevam-se ao santuário da cabeça e espalham-se ao redor do corpo. Assim também compreenderei o que diz o Apocalipse 3, versículo 18: “Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças”.

Essa radiação áurea é a imagem que começa a tomar o corpo astral do candidato, corpo esse que está em transformação. O homem astral da natureza dialética comum e cultivada tem uma forma vaga, nebulosa, de cor vermelho-violeta, circundada por um círculo oval azul-pastel. Acima desse todo cintilam as outras cores comuns do espectro em todas as suas gradações, tal como o encrespamento da superfície da água. Quando o sol brilha e uma lufada de vento movimentada a superfície da água, surgem efeitos cromáticos de toda espécie, que se refletem e deslizam pela superfície. É mais ou menos assim que cintilam, nessa forma vermelho-violeta do corpo astral do homem, todos esses matizes. Eles demonstram com o que o homem está ocupado; a qualidade de seu caráter expressa-se nessa coloração; por exemplo, sua orientação, o que está pensando, tudo para onde se dirige o seu ser no momento. Cada pensamento, cada desejo, cada atividade da vontade, apresenta no campo de respiração a respectiva aparência cromática. Por isso, para o observador, o homem é como um livro aberto.

Quando o campo de respiração do candidato é tocado pela Gnosis e ele começa a viver desse toque, esse campo adquire outra cor fundamental. Ele adquire uma cor dourada magnífica. Por isso, o observador não considera o que alguém diz e tampouco considera sua atitude, porém, se a pessoa em questão, em linguagem gnóstica, tece efetivamente essa veste áurea, se sua veste astral de fato começa a tornar-se maravilhosamente áurea e se desaparece o azul do ser aural. Dessa imagem pode-se dizer que a veste aural verdadeiramente desaparece na incandescência áurea da veste nupcial.

O campo de respiração dos homens comuns da dialética é caracterizado, como já dissemos, por toda espécie de cores intercambiáveis. Nos homens de orientação gnóstica que realmente trilham a senda, todos esses matizes inferiores desaparecem. Desaparece, por exemplo, o vermelho da vigorosa vida dirigida para a matéria. Também desaparece o sombrio verde dos homens que esperam todo o seu auxílio e salvação da vida e dos esforços na linha horizontal. E assim também o violeta dos éteres comuns: ele não aparece, absolutamente, em semelhante aluno. Só se apresenta a radiação áurea.

Em seguida se mostra, e isto é muito importante, um sinal ígneo flamejante, que corresponde à frente e ao alto da cabeça, o chamado terceiro olho. Esse sinal ígneo, essa flama ígnea, cobre toda a parte superior do crânio, desde seu ponto mais elevado até a frente.

Esse é o sinal do Filho do Homem, do qual fala o Apocalipse 7. Não se trata aqui de uma ou outra designação mística, mas de um fato puramente científico. É o sinal da alma recém-nascida. Quando o aluno abre o coração à Gnosis e o prana da vida pode entrar no coração, misturar-se com os fluidos vitais e irromper no santuário da cabeça e ele persevera e põe um guardião diante de seus pensamentos, essa flama logo começa a manifestar-se: o

sinal do Filho do Homem, o sinal de uma alma recém-nascida, a prodigiosa flor áurea que cantamos em nossos hinos templários.

Quando esse sinal do Filho do Homem se revela, quando, pois, o aluno começa a envolver-se em uma nova veste anímica, já se efetuou uma ligação muito direta entre o candidato, por um lado, e o novo campo astral do Corpo Vivo, por outro. Já existia, evidentemente, uma ligação entre o campo astral gnóstico e o coração do aluno, porém agora também se desenvolve uma ligação direta entre esse campo e o santuário da cabeça, entre esse campo astral e a rosa áurea.

O homem que leva na frente o sinal do Filho do Homem é também, por conseguinte, um homem salvo, que está ligado à salvação eterna. Também em sua vida diurna existe essa ligação indissolúvel com a salvação. E, quando se desenvolve o terceiro olho, como também é designada essa prodigiosa rosa áurea, essa flor áurea maravilhosa, pode-se falar de um contínuo ver no mundo da alma, e conseqüentemente já não há nenhuma escuridão para a alma que despertou. A esse ver se dá o nome de intuição gnóstica. É a visão da alma e ao mesmo tempo a gênese da nova razão, do novo estado de consciência que está ligado a esse ver, assim como o centro do terceiro olho está ligado à porção cerebral da pineal.* E, na linguagem mística, como por exemplo em Efésios 6, esse todo é denominado “o capacete da salvação”, enquanto a filosofia hermética fala de “Pimandro”.

De tudo isso sempre se soube; essa sabedoria primordial sempre esteve ligada com a humanidade. Entretanto, assim como se manifestou em todos os aspectos a degeneração do original e do verdadeiro, esse também é o caso com a referida sabedoria primordial do capacete da salvação. Pensai, por exemplo, nos soldados das antigas cavalarias. Eles usavam na cabeça um elmo e, sobre este, um magnífico penacho: uma representação degenerada do capacete da salvação. Pode-se rir, porém isso é ao mesmo tempo extremamente trágico. Quando, em recepções principescas e em

outras ocasiões oficiais vê-se as autoridades desfilar, todas elas mostram, na cabeça, como sinal de suas dignidade, imponente mistura de adornos; é uma representação totalmente sem sentido, superficial e destituída de força do capacete da salvação!

E o que vemos em relação ao santuário do coração? Enche-se o peito com séries de condecorações como distintivo de dignidade e mérito. Também aqui se mostra absoluta decadência da antiqüíssima sabedoria da salvação, sinal característico de total ignorância sobre a sabedoria original do passado, quando a humanidade ainda sabia a respeito do imperecível tesouro que o santuário do coração começa a irradiar quando, ao tornar-se consciente de sua origem e de sua vocação, o homem abre o coração à Gnosis e ingressa, em total auto-rendição, no caminho de retorno para o eterno lar do Pai.

Não precisais inquietar-vos quando, como agora mesmo, apresentamos o perfeito e glorioso resultado final do processo de santificação gnóstico. É bom ver esse resultado final como uma iluminação momentânea dos sentidos a fim de ser imbuído deste saber pleno de alegria: “Comecei a trilhar esse caminho da salvação!” Se, observando diariamente as exigências fundamentais da senda, e, com esforço sincero, realizardes essas exigências em vossa vida, já no primeiro estágio, podereis estar certos de que existe um fio que vos liga com o novo campo astral do Corpo Vivo. Porém há mais, muito mais, pois o sono do corpo torna-se a lucidez da alma. Por isso, transferimos a nossa atenção do homem diurno para o homem noturno.

Quando o novo centro atrás do osso frontal começa a firmar-se e a luz da Gnosis aí começa a arder, quando o capacete da salvação, isto é, o sinal do Filho do Homem, se forma de maneira elementar e, em concordância com isso, a nova veste áurea astral começa a manifestar-se, então o candidato, empenhado com fervor nesse santo trabalho, chega ao novo campo astral durante o sono do

corpo a fim de lá ser auxiliado e guiado em seu novo estado de ser. No início ainda não se trata de uma vida anímica verdadeiramente consciente, de um verdadeiro estar desperto. Não, no início se trata somente de uma lucidez com intuito de juventude e pureza, de estar livre dos engodos da matéria.

Quando novos candidatos chegam ao campo astral do Corpo Vivo em seus novos estados de alma recém-nascida, ainda não estão, de maneira alguma, em condição de reagir, no aspecto sensorial, com seus respectivos corpos astrais. Eles são como que recém-nascidos, e a Bíblia denomina-os “almas que dormem”, que são mergulhadas numa plenitude irradiante no campo astral. Em sua pureza juvenil, elas são envolvidas pelas forças de luz do Santo Graal; portanto, com as mais elevadas dádivas que o Corpo Vivo tem a oferecer. Compreendereis que esse banho de luz tem grandes e maravilhosos efeitos.

Os obreiros do novo campo astral também não se afastam dessas almas após o término das horas noturnas. Ainda persiste a ligação do novo campo astral com a rosa áurea, a ligação com o terceiro olho, com o capacete da salvação que se está formando, com a flor maravilhosa, com Pimandro, ligação que já se realizou de maneira simultânea.

Mediante essa contínua corrente intuitiva, os sumo-sacerdotes da renovação podem continuar a auxiliar, dia e noite, essas almas. Nesse estado pode acontecer que uma alma ainda tenra desperte de seu sono corporal e já não se lembre, absolutamente, do banho de salvação que pôde receber no novo campo astral. Isso ainda não é possível em virtude do estado não desperto da alma. Apesar disso, percebe-se como essas horas, se bem que vivenciadas, porém ainda não experimentadas de maneira consciente, encerram uma “gestação do bem”, como o expressa *Pimandro*, pois o banho de luz da alma visa nesse estado a determinados objetivos a que o candidato deve reagir na vida desperta do corpo, o que certamente acontece.

Esse banho de luz tem como consequência, entre outras coisas, que impressões muito fortes são gravadas no novo corpo astral em formação. E no momento apropriado, esses impulsos desse modo fixados no corpo astral chegam ao candidato por meio da intuição gnóstica ou, com base no interior, pelas atividades do corpo astral. Esses impulsos atingem a cabeça, o coração e o estado sanguíneo. O candidato tem freqüentemente a impressão de que redescobre o que já de há muito sabia, ou que age de acordo com uma decisão já anteriormente tomada, ou em razão de uma conversa que teve um dia, mas não sabe quando, onde e com quem.

Se nos aproximarmos desse modo das verdades do versículo 72 do livro *Pimandro*, compreenderemos por que Hermes, sintetizando-as, exclama:

E tudo isso veio a mim porque recebi de Pimandro, meu Noús, o ser que é de si mesmo, o Verbo do princípio. E, assim, encontro-me preenchido do alento divino da verdade. E por isso dirijo a Deus, o Pai, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, este cântico de louvor.

O BANHO DE LUZ E O *CONSOLAMENTUM*

Ainda há dois aspectos do tema tratado nos capítulos anteriores aos quais desejamos chamar vossa atenção. Falamos sobre o banho de luz que a alma recém-nascida ainda não desperta, ainda inconsciente, recebe no novo campo astral. Agora propomos a pergunta: de que natureza é esse banho de luz?

Sabemos que um campo astral possui uma acentuada capacidade de formação e assimilação. Por isso, a Corrente gnóstica universal projeta no campo astral da Escola todos os aspectos e forças da senda, as etapas do processo de salvação que são de importância para o aluno. Toda a Corrente gnóstica comunica-se por meio de sua projeção no novo campo astral da Escola. Portanto, pode-se dizer que esse campo astral da Escola contém um ensinamento universal, uma filosofia gnóstica, um conhecimento onibarcante, projetados na substância desse campo numa série de imagens e símbolos. Tudo o que em determinado momento é de interesse para o candidato é introduzido e gravado em seu corpo astral durante o sono do corpo pelo já referido banho de luz. O aluno desperta com a mensagem da Fraternidade gravada no corpo, em sua veste astral. E esses impulsos assim recebidos naturalmente também entram em atividade na vida desperta do candidato.

As substâncias astrais do campo de respiração circulam em torno do corpo inteiro e também fluem através dele.

Nessa circulação, o fígado tem um papel significativo.⁵ As forças astrais partem do fígado, ascendem, circulando em torno do corpo, e de novo retornam ao corpo após completarem seu circuito. É evidente que todos os impulsos dados ao corpo astral do candidato durante seu banho de luz na esfera astral da Escola, em determinado momento, também atingem e mobilizam os órgãos da inteligência.

A conseqüência é, na maioria das vezes, uma ação correspondente que contribui para o progresso do candidato na senda e, ao mesmo tempo, favorece uma maior abertura para as forças de luz gnósticas no centro de intuição, o centro da rosa áurea, no centro do sinal do Filho do Homem. Assim o campo da Escola pode ser cada vez mais diretamente ligado com a alma em apreço. Podemos estar convictos de que, até onde é possível, a Fraternidade do Santo Graal atua diariamente para nós.

Por fim, desejamos chamar vossa atenção para as almas que dormem, dos que já perderam o corpo material pela morte. Elas contam processualmente com a provisão do banho de luz do campo astral gnóstico, que contribui invariavelmente para o seu despertar final e as protege de um novo mergulho na matéria.

Para que essa obra tão imponente e maravilhosa seja bem sucedida, é preciso que a Escola disponha de um crescente grupo de obreiros que possa ser ativo na Cabeça Áurea. A Doutrina Universal, tal como está gravado em símbolos na substância astral da Cabeça Áurea, apenas pode operar em sentido libertador se houver obreiros aplicados que possam atuar para uma vigorosa e libertadora projeção dos símbolos no corpo astral das almas que dormem a fim de que elas despertem.

⁵Ver Rijckenborgh, J. van, *O advento do novo homem*, 2.^a ed. Lectorium Rosicrucianum: São Paulo, 1988.

Todo o possível é feito para aplainar o acesso à esfera astral gnóstica. Os aspectos externos do Corpo Vivo da Escola são a imagem fiel de tudo o que se manifesta na esfera astral do novo campo de vida, na esfera astral do Corpo Vivo, assim como já aconteceu com todas as fraternidades gnósticas. Pensai, por exemplo, na montanha sagrada de Ussat. Todo esse grande sistema de grutas, com seus vários significados, é cópia perfeitamente fiel dos atributos simbólicos que também se manifestam na esfera astral do Corpo Vivo. Por essa razão, esperamos que reconheçais que extraordinário privilégio é habitar o novo campo astral, na qualidade de companheiros da casa de Deus e, assim, passar pelas fronteiras da morte. Também podeis ter uma idéia de que privilégio especial é o dos que deixaram para trás o corpo terrestre e podem atuar no novo campo astral. Por isso podemos levar ao vosso conhecimento que, conforme o exposto, se conseguirdes perseverar num discipulado sério e ingressar perfeitamente no processo de santificação, será posto um fim a todas as vossas eventuais incertezas mediante o sacramento do *consolamentum*, como o faziam todas as fraternidades precedentes. O *consolamentum* introduz cada irmão e cada irmã no novo campo de vida, trazendo a todo aluno sincero, ao chegar o momento em que vai abandonar o corpo terrestre, a absoluta certeza de ser acolhido e ligado ao novo campo astral do Corpo Vivo. Assim, para ele a morte nada mais é do que um alegre abandonar o vale de lágrimas terrestre.

VIVEI DO NOVO PRINCÍPIO ANÍMICO

Com base no que foi há pouco exposto, vamos considerar a vida desperta da alma, o modo pelo qual essa consciência se desenvolve no novo campo astral, como se manifesta nesse campo, como essa vida se processa e quais as perspectivas que oferece.

Para responder a essas questões devemos, primeiro, fazer uma idéia precisa dos conceitos de consciência, vida e alma. A consciência surge quando o princípio animador, que dá origem à vida, está perfeitamente assentado no interior do sistema, formando o seu centro. É provável que saibais que na natureza visível há uma multiplicidade de existências nas quais está presente um princípio animador, porém não imanente, que atua do exterior sobre esses sistemas vitais. Portanto, nessas manifestações de vida não há consciência presente. Reportamo-nos aqui, por exemplo, ao reino vegetal e ao mundo dos insetos. E muitas espécies animais, a grande maioria delas, nem possuem um princípio animador individual. A maioria delas existe com base numa alma grupal.

Em outros animais, trata-se de uma espécie de estado semi-consciente. O princípio animador reside apenas parcialmente no interior; ele não está perfeitamente concêntrico nos corpos, mas encontra-se, em parte, no exterior. Em algumas espécies animais superiores, como nos cavalos e em alguns cães, o princípio animador ocupa quase perfeitamente o interior, tal como se dá com os homens. Se a evolução dessas espécies animais fosse avante, então, em seu estado de ser natural, cães, cavalos e homens colocar-se-iam perfeitamente num mesmo plano; aconteceria o que

muitos autores, no decorrer da história, consideraram possível: a manifestação de animais pensantes e conscientes e também a formação de sociedades de animais. Basta lembrar o conhecido Jonathan Swift. Em sua obra *As Viagens de Gulliver*, o personagem Gulliver chega a uma sociedade de cavalos que agem, pensam e vivem como os homens.

Se a alma interior for concêntrica em relação aos veículos da personalidade, ela possibilita também a atividade do pensamento ou, pelo menos, a atividade cerebral no sentido humano natural. O corpo material é um organismo constituído por células e átomos. Ele vive e permanece vitalizado porque possui um duplo etérico. Esse duplo etérico impele continuamente uma força vital quádrupla para dentro do organismo. Quando o veículo etérico de uma pessoa não funciona bem, surgem várias dificuldades de ordem física. O conjunto do corpo material e do duplo etérico é vivificado por um princípio animador. Quando, de alguma forma, é rompido o fio entre esse princípio e o organismo, ocorre a morte, o organismo desmorona. O princípio animador já não pode se manter no sistema.

E assim verificamos que a vida resulta da cooperação entre um princípio animador, um duplo etérico e um organismo material. A consciência surge quando o princípio animador está completamente domiciliado no interior. Portanto, distinguimos vários estados conscientes, semiconscientes etc., que são produzidos pela posição da alma em relação ao organismo. A pergunta é sempre esta: o princípio anímico encontra-se perfeitamente concêntrico nos corpos ou apenas de maneira parcial? Nosso exame também mostra que o princípio anímico supera em muito a vida, suas formas e seus fenômenos. Com ele, com a introdução da alma, tudo existe ou deixa de existir.

O que é esse princípio anímico? Esse princípio é de natureza astral ou sideral. Pode-se associá-lo ao corpo astral da personalidade, que, como um manto, envolve o corpo material e o respectivo

duplo etérico. Esse corpo astral é também composto de átomos de categoria mais sutil, mais elevada que a dos átomos etéricos e materiais. Portanto, existem diferentes átomos: átomos materiais, etéricos e astrais, que correspondem às três esferas: à esfera* material, à etérica e à astral.

Envolvendo o corpo material da terra existe uma esfera etérica, e esta é envolvida por uma esfera astral. O corpo astral do homem permanece nessa esfera astral durante as horas de sono. Ele é atraído para essa esfera. Esse corpo astral existe em três estados de ser. Pode-se dizer que ele existe em três graus de densidade, com três diferentes unidades de vibração. No mundo da dialética — é preciso estar atento para então compreender o que é a transfiguração — um desses três estados astrais age positivamente, e os dois outros, negativamente. O pólo positivo do veículo astral corresponde ao sistema fígado-baço, particularmente ao fígado, ao passo que os dois estados negativos correspondem ao coração e à cabeça. Em quase todos os seres humanos dialéticos a sede da consciência se encontra centralizada no sistema fígado-baço, e a vida de sentimentos e de pensamentos está em sintonia com essa centralização.

O estado acima descrito é o estado fundamental, a condição de todos os homens nascidos da natureza. Essa ligeira introdução nos dá elementos para uma visão clara do assunto.

Desejais ingressar num novo início, na qualidade de nascidos da alma, isto é, almejais a realização de um novo princípio astral. O princípio que vos anima desde o nascimento é de estrutura dialética. Vós vos reunis na Escola Espiritual, na jovem Gnosis para receber um novo princípio anímico que quereis ativar de forma cada vez mais vigorosa em vosso microcosmo. Assim fazendo, concretizando realmente o que aspirais, sentireis que isso acarreta imensuráveis e grandiosas conseqüências que, não obstante, processam-se segundo os princípios da ciência natural.

Como entidades nascidas da natureza, sois animados por um ser astral cuja composição atômica resulta, inteiramente, da natureza da morte. Mas, como já foi mencionado, as circunstâncias da vida fizeram muitos alunos elevar o centro de sua consciência do sistema fígado-baço para o coração. E esse primeiro início já acarreta notáveis perturbações nos processos comuns da vida. O homem que consegue elevar a consciência ao coração não abre apenas a porta do coração para a luz gnóstica, mas também elimina de sua polarização, de sua organização magnética, o seu ser astral, esse princípio animador nascido da natureza, que até agora dominou toda a sua vida.

Consideremos aqui o evangelho *Pistis Sophia*. Quando a Pistis Sophia canta os seus treze cânticos de arrependimento e passa pelas várias esferas de vida da natureza da morte, ela perturba a ordem nessas várias esferas. Assim também o aluno sério da Escola Espiritual deve alterar a ordem dos princípios naturais que o animam, movimentam e permitem que ele viva. Isso ele consegue ao elevar o centro da consciência do sistema fígado-baço para o coração mediante o intenso anelo pela luz libertadora, mediante a busca persistente por essa luz.

Deveis examinar a vós mesmos, se sentis esse anelo, essa busca pela luz. Se a resposta for afirmativa, também elevareis o centro da consciência de vosso estado natural, no sistema fígado-baço, ao coração. E por meio desse anseio de salvação, desse anelo do coração, abre-se, em determinado instante, a porta do coração para a luz da Gnosis. Desse modo a polaridade positiva do centro do fígado e a polaridade negativa do centro do coração são rompidas. Mediante essa transformação, esse deslocamento do arranjo magnético, o controle do mundo astral da natureza da morte sobre o aluno enfraquece e, ao mesmo tempo, é criada a possibilidade de que outro princípio anímico, que penetrou no coração e despertou o botão de rosa de seu sono de morte, se desenvolva e possa irromper em seu ser. Por essa razão, para

um discipulado positivo, é fundamental que o candidato consiga realizar a transfiguração da alma. Essa é a chave do bom êxito na senda.

Quando o homem segue o caminho do estado de alma renascida, no começo ocorre o mesmo que com uma planta ou com um animal: enquanto o princípio astral, o novo princípio anímico, ainda não for concêntrico nos outros corpos, uma consciência ainda não pode estar presente. O novo princípio anímico já existe, ele atua no homem, impelindo-o a muitas outros comportamentos, mas falta a nova consciência, porque o novo princípio anímico ainda não se situa de modo concêntrico com relação aos outros corpos. A nova alma já exerce influência sobre a vida; trata-se, graças a Deus, de uma nova e crescente vida anímica, mas esta ainda não é controlada, não é consciente, portanto, ainda não é sentida. Por isso, na Escola, como sempre aconteceu na Gnosis universal, é continuamente enfatizado que o aluno, mediante seu auto-sacrifício e sua cooperação prestimosa, viva de acordo com as normas do novo estado de alma. A grande maioria dos alunos, se não todos, foi atingida e marcada pela luz. E, por isso, a Escola diz incansavelmente: “Conscientes ou não do novo princípio anímico, vivei dele, vivei disso que já possuíis como nova força de alma. Então, chegareis um dia a viver verdadeiramente!”

Fazendo isso, essa nova atitude de vida cuidará de preparar a morada. Quando Jesus, o Senhor, diz no Evangelho: “... e viremos para ele e faremos nele morada”, isso significa que o novo princípio anímico imortal deve formar-se de maneira perfeitamente concêntrica com os outros corpos. Portanto, a alma da renovação deve poder morar perfeitamente no candidato. Assim como a velha alma é concêntrica com todos os outros corpos, o mesmo deve acontecer com o novo princípio anímico.

Realmente, há enorme diferença na reversão. No antigo estado de alma natural, o pólo positivo localiza-se no sistema fígado-baço, e o negativo, na cabeça e no coração. No novo estado anímico, a

situação está invertida: o pólo positivo está estabelecido na cabeça e no coração, enquanto o pólo negativo fica no sistema fígado-baço. Quando realizardes essa reversão, quando viverdes da nova força da alma de maneira conseqüente, a nova consciência anímica também florescerá, e surgirá uma vida desperta e consciente da alma no sentido gnóstico.

E assim podemos dizer: o estado anímico com o qual se pode viver no novo campo astral relaciona-se com um corpo astral de polarização totalmente inversa. Voltar-se para a luz gnóstica significa, ao mesmo tempo, uma inversão, uma reversão, um voltar-se em sentido literal. Considerai, nesse contexto, o relato sobre Maria, a mãe do Senhor: “Quando o Espírito Santo desceu sobre ela, ela voltou-se, e viu Jesus em pé”.

Um ponto que até agora deixamos de comentar é o fato de também o princípio astral do homem, o corpo astral, o ser anímico, estar ligado a uma fonte da qual ele vive e pela qual é alimentado. No caso do homem nascido da natureza, essa fonte situa-se diretamente no mundo astral, nos éons naturais. Porém, no estado de alma transfigurada, de alma revertida, o candidato atinge a base da vida primordial, do começo que viabiliza a verdadeira e eterna evolução, o eterno vir-a-ser. Nesse estado de alma já não há ligação com os éons naturais, mas exclusivamente com o espírito, com a força original da manifestação do Universo, que suscita e dá a vida. Somente agora, nesse novo estado de alma, a ligação com o Pimandro do início torna-se de novo um fato, restabelecendo o que um dia foi rompido. Então o eterno espírito se manifestará no inteiro estado de vida, mediante o princípio anímico imortal. Por isso, é uma lei sagrada e universal a afirmação: “quem renova a alma descobre o espírito e o encontra”.

O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA NO NOVO CAMPO ASTRAL

O novo campo astral da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, a Cabeça Áurea, diferencia-se, como já dissemos, do mundo astral dialético por uma vibração muito mais elevada. É o campo astral da sexta região cósmica, o campo básico do princípio, onde o espírito pode manifestar-se, e onde o homem pode, verdadeiramente, viver com o espírito.

Esse campo astral é formado de átomos que são exatamente da mesma natureza dos átomos da sétima região cósmica, mas têm uma vibração mais elevada e apresentam características completamente diferentes destes. Assim podemos conceber como, nos campos de vida da sexta região cósmica, há uma concepção de mundo completamente diferente, um Universo totalmente diverso e, conseqüentemente, para entidades da nossa natureza, uma esfera de vida e uma terra também absolutamente diferentes, a Terra Santa do princípio.

Sempre falamos do campo astral da Escola, ou campo astral do Corpo Vivo. Fazemo-lo para explicar que se trata de uma concentração de substância astral da sétima região cósmica com uma vibração muito mais elevada do que a do mundo astral da natureza da morte. Esse enclave, se assim podemos chamá-lo, está, naturalmente, em ligação com a sexta região cósmica, e o espírito também pode manifestar-se nesse campo astral do Corpo Vivo. No entanto, é um estado muito extraordinário, porque se

trata do campo da alma-espírito* que a jovem Gnosis formou em torno de si, enquanto, em relação ao mais, ela ainda se manifesta completamente na natureza da morte.

O Corpo Vivo da Escola manifesta-se, pois, em duas regiões cósmicas; por um lado ele se manifesta totalmente na natureza da morte e, se necessário, até nas maiores profundezas, porque o amor divino eventualmente penetra até o centro do Inferno, para aí auxiliar e servir uma desventurada e perdida criatura humana. Por outro lado, o Corpo Vivo da Escola eleva-se, tanto quanto é possível, até as mais elevadas regiões da esfera astral, num estado que condiz com a esfera astral da sexta região cósmica. Como é possível, perguntareis, que se manifeste semelhante campo extraordinário? Um campo em duas regiões cósmicas? Essa possibilidade decorre de dois fatores. Por um lado, existe uma força de radiação que parte da sexta região cósmica para o Universo circundante, uma força de radiação do princípio, isto é, uma radiação do espírito, do fogo astral puro, do campo etérico santo, os assim chamados alimentos santos, e forças materiais diferentes das que conhecemos aqui. Por outro lado, é preciso haver homens anelantes que, de baixo para cima, realizem a transfiguração, em sintonia com os santos métodos gnósticos do passado.

Esses que assim fazem atraem forças da sexta região cósmica para baixo. Eles se ligam firmemente a essas radiações cósmicas e elevam-se por meio delas. Com relação a isso, pensai na corda com que C.R.C. sai do poço da morte. E isso acontecendo, segundo laços de grupo deliberadamente formados por muitos, obtém-se um resultado extraordinário desse grande esforço coletivo. Em acréscimo ocorre ainda que as fraternidades gnósticas do passado concedem com certeza, em semelhante processo, grande, maravilhoso e amoroso auxílio.

A Escola da jovem Gnosis possui semelhante campo astral especial, que é mantido como tal pela força anímica liberada na Escola. E como essa força cresce constantemente, manifestam-se

possibilidades cada vez maiores. Quando o grupo e todos os seus componentes seguem o caminho de acordo com as diretrizes da Gnosis universal, então, e não pode ser de outro modo, as possibilidades do conjunto de nossas vestes de luz conduzem-nos a revelações cada vez mais maravilhosas. Trata-se aqui de um processo de crescimento e realização que significa ligação cada vez mais íntima com a sexta região cósmica e, finalmente, fica assegurado perfeito regresso, completo acolhimento nessa sexta região.

Porém, deveis considerar, certamente, que o estado do campo astral da Escola está em sintonia e em perfeito equilíbrio com o estado anímico e a qualidade anímica dos alunos que erigiram esse campo. Isso constitui para nós um motivo a mais para nos esforçarmos ao máximo, a fim de ampliar as possibilidades, tornando-as mais abrangentes. É que o campo astral é um campo anímico, e campo anímico e estado anímico são sempre inteiramente unos e se interpenetram. Todos os que estão no processo de conversão da alma também participam do novo campo astral, ao passo que os que ainda não iniciaram esse processo estão naturalmente excluídos desse campo.

Além disso, é preciso lembrar que uma nova consciência anímica apenas é possível quando a alma é o estar imanente. Possuir consciência anímica é algo ainda diferente de participar do campo astral e formar uma célula do Corpo Vivo da Escola. O objetivo do discipulado é levar o novo estado anímico obtido ao estado de consciência anímica.

A tarefa frente à qual o aluno se vê colocado é, por conseguinte, tripla:

1. participar do novo campo astral da Escola, e, portanto, nele entrar;
2. permitir, mediante uma nova vida anímica intensificada e fortalecida, que a alma se torne cada vez mais inerente ao sistema de vida;

3. e assim, finalmente, participar do que não poderia deixar de vir: a consciência anímica.

Quem adquiriu a consciência anímica pode, assim como Hermes Trismegisto, falar com o seu Pimandro, entrar em relação vivente com o espírito e pôr-se a serviço do Corpo Vivo da jovem Gnosis em todos os seus aspectos e regiões internos.

Imaginai, por exemplo, dois alunos da Escola Espiritual: um deles ainda de posse do corpo dialético e outro que já o perdeu pela morte. O primeiro, enquanto o processo de preparação da residência da alma ainda não é perfeito, será auxiliado, tanto quanto possível, pelo campo astral da Escola, durante o sono do corpo; e é certo que ele lá permanecerá durante algumas horas da noite.

De um modo geral, o sono pode ser dividido em três partes para a maioria dos alunos. Na primeira parte da noite ele permanece na esfera astral comum da natureza da morte. A vida diária freqüentemente é tão cheia de ocupações e dirigida segundo a linha horizontal que no começo é difícil para o aluno desprender-se da esfera astral comum da dialética. Assim que o corpo, nas primeiras horas do sono, descansou um pouco e, sobretudo, o equilíbrio do sistema nervoso autônomo ficou mais ou menos restabelecido, na segunda parte do sono se estabelece um contato entre o campo astral da Escola e o aluno. No final do descanso noturno, na terceira parte do sono, geralmente o aluno volta para a região limítrofe da esfera astral da natureza comum, e surge no adormecido uma mescla de impressões: as da esfera astral da Escola e as da esfera astral comum. Então ocorrem sonhos meio gnósticos e meio dialéticos, toda espécie de imaginações e situações que comumente se misturam num inextricável emaranhado. Por isso, muitas vezes há algo de verdade num sonho, mas muito mais tolices e confusão. Eis por que, em relação aos sonhos, deve-se ter a máxima cautela, e aconselhamo-vos de modo

enfático a não lhes atribuir nenhum valor, não lhes dar nenhuma atenção. Lembremo-nos deles apenas quando for útil e necessário; mais tarde, na prática, na vida de experiências, observaremos o que eventualmente resultará deles.

À medida que progride o processo de conversão da alma, maior se torna o período médio de experiência noturna, ou seja, o período de ligação com o campo astral do Corpo Vivo. As fronteiras dilatam-se e tornam-se mais amplas, até que em certo momento o descanso total do sono significa uma ligação com a esfera astral do Corpo Vivo.

Com o outro aluno do nosso exemplo, o que já deixou o corpo pela morte, naturalmente a situação é diferente. Quando a alma, já antes do falecimento, despertou no corpo, tudo é bem simples: o homem-alma, que possui a veste áurea nupcial, o corpo astral corretamente polarizado, que se tornou então um veículo imortal, progride de força em força.

Suponhamos que a nova alma, embora em formação, ainda não tenha despertado, o que se dá com muitos alunos da Escola Espiritual, e que nessa situação o corpo dialético morra. Essa condição é mais difícil. Uma alma que não despertou naturalmente ainda não é ativa. A nova faculdade anímica em formação está inativa até que esteja perfeitamente concêntrica no aluno de modo que este possa utilizá-la. Essa alma ainda não desperta, não podendo ser ativa, deve ser sustentada; portanto, quando um microcosmo é esvaziado, mediante a morte do corpo material e de seu duplo etérico, resta naturalmente um corpo astral muito complicado, melhor dizendo, restam dois corpos astrais: um com orientação astral dirigida para a dialética e outro com orientação astral dirigida para o novo campo de vida. Esse corpo astral duplo ainda não está polarizado, ele entrou no processo de transformação apenas de modo parcial. Em semelhante estado, o falecido é então atraído por dois campos astrais: pelo campo astral dialético e pelo campo astral da Escola Espiritual.

Pode então acontecer que a orientação astral dialética prove ser a mais forte. Nesse caso, a entidade está perdida para o novo campo astral e a conseqüência é um novo mergulho na matéria. Contudo, o novo potencial da alma já obtido não se perde! Ele permanece como um centro de força gravado no ser aural. E assim fica patente que a vida que passou, conquanto não tenha trazido completa libertação, não foi em vão, e o que foi ganho será aproveitado numa nova manifestação de personalidade no microcosmo. Também pode acontecer, o que se dá freqüentemente, que o novo estado anímico de um aluno, por ocasião da morte do corpo, ainda seja muito novo e tenro e, em conseqüência disso, o benefício anímico seja relativamente pequeno. Mas, se o referido aluno estiver completamente dirigido para a nova vida e para a auto-rendição joanina, se estiver aberto para a Escola, ainda que estejam presentes poucas novas qualidades anímicas, ele rejeita, em princípio, toda a dialética.

É certo que esse aluno, quando o corpo morre, é acolhido no novo campo. Esse processo de acolhida é apoiado por um serviço de sacramento realizado na Escola da Rosacruz. Todos os irmãos e irmãs que ficaram tentam, mediante uma força de luz, dirigir o falecido para o campo astral da Escola e protegê-lo, tão bem quanto possível, de toda espécie de influências prejudiciais.

Admitamos, por exemplo, que o aspecto anímico do referido aluno seja ainda noventa por cento dialético e apenas dez por cento com nova tendência astral. Com a sua chegada à Cabeça Áurea, ele experimentará essa consciência astral dialética maior como uma consciência fraca e, pelo fato de o campo astral da Escola não se harmonizar com esses 90% de consciência dialética, esse aluno tem uma sensação de luz que o cega. Ele nada pode perceber nem sentir; o que existe é unicamente luz. E essa luz, essa sensação de luz ofuscante, torna-se cada vez mais fraca, diminui cada vez mais por efeito desse processo singular, a não ser que o auxílio dado não tenha êxito.

Já esclarecemos antes que a consciência da nova alma está relacionada a uma nova polarização do corpo astral. O pólo positivo do corpo astral da entidade dialética está centralizado no sistema fígado-baço, e o negativo, no coração e na cabeça. Com o surgimento da nova alma, esses pólos se alternam, de modo que o positivo passa a corresponder à cabeça e ao coração, e o negativo, ao sistema fígado-baço. Naturalmente, o grande campo astral da Escola Espiritual também está polarizado assim como está o novo corpo anímico. Portanto, o campo astral do Corpo Vivo, a esfera astral da sexta região cósmica, é polarizado de modo inverso à polarização do campo astral da sétima região cósmica.

A alma adormecida, que é então introduzida no campo astral do Corpo Vivo é, por assim dizer, erguida e alinhada pelas fortes correntes polares desse campo. Isso ocorre literalmente, por exemplo, na extensão dos braços e da cabeça na direção do pólo positivo do campo, e nas pernas, no sentido oposto. A nova alma é erguida por essas correntes polarizadas, fortemente inflamada e vivificada e, em dado momento, acorda tornando-se perfeitamente consciente se o trabalho for concluído com êxito. Ao mesmo tempo extingue-se o antigo estado anímico. O que aqui na dialética talvez dure anos e anos de luta, lá se realiza eventualmente num tempo bem curto. No mesmo instante em que a referida alma é elevada, ela desperta plenamente, viva e consciente. E aconteceu o grande e extraordinário milagre: o microcosmo ficou livre da roda do nascimento e da morte. Finaliza a última manifestação de personalidade. Já não é preciso um novo mergulho na noite, na morte e no medo, a não ser que a referida alma, mais tarde, escolha livremente esse caminho, impulsionada pelo amor imperecível, sempre empenhado em procurar e salvar o que se encontra perdido, a serviço de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

No entanto deve-se entender que as correntes polarizadas do campo astral da Escola Espiritual não atuam de maneira automática. As correntes da Cabeça Áurea precisam ser despertadas e

continuamente sustentadas. Esse trabalho é realizado pelos obreiros e obreiras da Cabeça Áurea, por irmãos e irmãs que, a serviço de todos os seus amigos e amigas, possam dedicar-se a essa tarefa. É o trabalho do templo interno, trabalho que solicita cada vez maior número de obreiros e obreiras. À medida que saem para o campo de colheita e esta é trazida, os ceifeiros se enchem e um número crescente de entidades é atraído, há necessidade de um número cada vez maior de ceifeiros.

Por fim resta ainda a questão: o que acontece com a alma que foi despertada pelas correntes polares do campo astral gnóstico? Ela entra, instantaneamente, como um relâmpago, em ligação com o espírito, com o seu Pimandro, pois o espírito é também uma radiação. Assim que uma alma é despertada e se eleva no novo campo astral, na Cabeça Áurea do Corpo Vivo gnóstico, o espírito une-se a essa alma, tornando-se inerente a ela numa fração de segundo. E, a partir desse momento, a entidade em apreço torna-se ativa por si mesma, torna-se autocriadora, um franco-maçom no mais elevado sentido da palavra. Torna-se um servidor, um cooperador na construção do lar do estado de alma vivente.

Esperamos que esta exposição contribua para conceder aos alunos uma visão clara da salvação que na Gnosis está preparada para todos.

“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.”

Compreendi esse chamado que objetiva despertar-vos para a vida! Assim, se vos sentis herdeiros da salvação, recebei imediatamente a vossa herança!

O SALÃO NUPCIAL: A CABEÇA ÁUREA

Explicamos como a consciência do homem-alma se desenvolve no novo campo astral e como esse homem é levado a despertar no Jardim dos Deuses, o campo básico da verdadeira vida humana. Porquanto, nesse campo de atividade, nesse campo da alma, a unidade rompida entre o espírito e a alma, entre Pimandro e Hermes, é restabelecida.

Examinemos mais de perto a questão concernente à manifestação e ao desenvolvimento dessa vida anímica no campo astral da Escola.

Novamente tomemos como exemplo o verdadeiro aluno, o aluno que percorre a senda da auto-rendição e do conseqüente nascimento da alma. Esse aluno, em razão de sua transfiguração astral, é atraído pelo campo astral da Escola, a Cabeça Áurea do Corpo Vivo. Não vamos levar em consideração se esse aluno já perdeu o corpo material pela morte ou se ainda o possui; se já irrompeu no campo astral da Escola ou se nele consegue ingressar apenas por algumas horas do dia, como alma adormecida, onde essa permanência lhe dará apenas impulsos de manifestação anímica para sua existência material.

A alma preparada que atinge o novo campo astral entra nos santos recintos do sublime templo iniciático gnóstico: a Cabeça Áurea, o templo iniciático de nosso pai-irmão C.R.C. Esse é um templo que, periodicamente, diminui sua intensidade vibratória e entra em concordância com os limites da escala vibratória da

dialética, como se fosse acolhê-la, para, desse modo, tornar possível a passagem a um grupo que se vem aproximando. E logo que esse salão nupcial se encontra repleto de convidados, começa a grande festa das núpcias alquímicas.

Sabeis, pela parábola bíblica e pelo relato da obra *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, que no salão nupcial sempre ingressam convidados que não possuem a veste nupcial. Eles são recambiados imediatamente ou são pesados e considerados demasiado leves para, em seguida, com a vergonha do julgamento, ser igualmente afastados. Agora compreendereis que essas histórias, aparentemente românticas, fundamentam-se perfeitamente na realidade e que tais fatos sempre se repetem. E assim, também em nossos dias, os que profanam a verdade são afastados do salão nupcial.

Esse salão nupcial, a Cabeça Áurea, o campo astral da Escola, o templo iniciático de C.R.C., deve ser entendido como um espaço ilimitado que, todavia, forma um todo orgânico e de modo algum se equipara ao que na dialética se toma por sublime. Lá não se chega, tal como na esfera refletora, às poderosas catedrais etéricas com cúpulas, torres e suntuosas salas resplandecendo em branco e ouro. Não se trata disso, absolutamente! Semelhantes representações podem, talvez em certas situações no mundo astral comum, parecer úteis ou significativas para algumas pessoas, mas no salão nupcial da Gnosis trata-se unicamente de espaço ilimitado, que, no entanto, é sentido como um todo orgânico.

Ao entrardes na “Catedral” de Ussat-Ornolac, o que vedes é apenas uma gruta, e percebeis frio e escuridão. No entanto, essa gruta está mergulhada no espaço do campo astral gnóstico. Quem está maduro para isso percebe esse fato por meio de vibrações de natureza muito especial sobre as quais falamos e que se manifestam no espaço ilimitado.

Mas, se desejardes uma comparação, podereis imaginar um campo esferoidal onde o candidato se encontra. Nesse campo

penetram essas fortes correntes magnéticas polarizadas que são de natureza completamente diferente das do campo astral dialético e que, como dissemos, são diametralmente opostas às correntes astrais dialéticas. Esse campo do espaço ilimitado é o portal mais importante dos mistérios gnósticos. Quem consegue transpô-lo não se *torna* um liberto, mas *é* um liberto. Para mais esclarecimentos, vejamos ainda o seguinte:

Dissemos que a alma que entra nesse campo é alinhada e erigida pelas correntes astrais polares lá operantes. Mas acrescentemos a isso ainda: ou não! Porque esse alinhamento da alma, esse seu ressurgir, só é possível quando ela tem qualidade em retidão, quando ela e o seu corpo condizem com o estado orgânico da veste áurea nupcial.

Por isso, no espaço do novo campo de vida, já não pode haver mistificação; só quem *é* verdade pode unir-se a ela. Quem apenas fala da verdade, mas não vive realmente com base nela, é totalmente afastado por esse campo. Tudo o que é aparente, todo o fingimento, só pode manifestar-se na ordem da mistificação. Em nosso campo de existência estamos completamente cercados pela ilusão que pode desorientar um homem. Mas assim que ele passa pelo portal dos mistérios terminam todas as mistificações. Quem, pelo seu estado de ser, não puder satisfazer à exigência da passagem, não conseguirá sustentar-se de modo algum quando as referidas correntes polares forem reconduzidas às suas vibrações mais elevadas.

Assim vemos confirmados na prática os relatos e lendas sagrados. Por exemplo, o relato sobre o acontecimento no templo iniciático de C.R.C. Nos primeiros lugares se encontram muitos reis, imperadores, príncipes, barões, nobres e plebeus, ricos e pobres. No começo, os fatos não se passam em sentido elevado, a maioria faz barulho ensurdecador. E quando C.R.C. entra, humilde, extremamente grato por mal ter conseguido atravessar o portal, eles lhe perguntam: “Ora, irmão Rosenkreuz, também

estás aqui?” E riem-se quando ele lhes diz: “Sim, Irmãos, a graça de Deus também me ajudou a chegar aqui”. O fato é que esses irmãos não fizeram nenhum esforço para lá ingressar. Mas, ao começar a pesagem, isto é, ao elevar-se a intensidade das correntes polarizadas, os assim denominados irmãos desaparecem.

Contudo, para os que “resistiram a todos os pesos”, o alinhamento, a elevação da alma, significa um perfeito despertar e tornar-se consciente. Significa, também, uma vida completamente nova na eternidade. O candidato foi guiado, até este ponto, por uma força gnóstica santificadora, a força do Espírito Santo, do Sador, do Paracleto. E quem assim desperta sente-se novamente como filho recém-nascido, como um filho da Divindade, como um filho do Espírito, pois todo o espaço da Cabeça Áurea, como espaço astral, também é preenchido pela radiação do espírito.

Que é o espírito? É algo que não se explica, não se consegue explicar. O espírito — que se deve distinguir bem do Espírito Santo — o Logos universal, Deus, preenche todo o espaço do mundo da alma com sua santa onipresença. O mundo da alma equivale ao reino dos céus, que é a região da humanidade de Cristo. E assim como Jesus Cristo diz de si mesmo: “O Pai e eu somos um”, também o homem-alma ressuscitado que chegou ao lar pode dizer o mesmo, porque todo esse campo é inflamado e irradiado pela Divindade. Espírito e alma, Pai e Filho, Deus e mundo da alma lá são perfeitamente unos.

Na vida dialética, como sabemos pela vivência e também pela Escritura Sagrada, reina a separação em relação ao espírito. E assim o homem passa para a experimentação — ele mesmo cria a ilusão do mal. Na existência dialética, ele segue o caminho do esforço, do sofrimento e da aflição. Por isso, é impossível para nós fazer comparações com o campo espiritual da Cabeça Áurea mediante exemplos extraídos da dialética.

A única coisa que possuímos aqui na dialética é o espírito do Paracleto. A única coisa que nos é enviada a este vale de lágrimas

é o espírito do Consolador, a força de luz do Espírito Santo. É uma força santa e sanadora, que vem do mundo da alma, da sexta região cósmica, irrompendo na sétima região cósmica. É uma força que nunca se une com a dialética, que se distancia de tudo que é dialético, mas que, não obstante, é uma realidade e tem como única tarefa levar-nos para o lar, guiar-nos para fora da dialética até o estado vivente de alma.

Por isso, podeis compreender por que os círculos teológicos, eclesiásticos e sectários tanto procuram o Espírito Santo, do qual fala a Bíblia, porém nunca o encontram e sempre recaem em absurdos espíritas. Quem quer realizar o reino de Deus na terra, na linha horizontal, nunca poderá encontrar a força do Paracleto, ainda que fale elegantemente a respeito da imitação de Cristo.

Mas a alma conduzida pelo espírito do Paracleto, o espírito da verdade, ao novo campo de vida, o campo do espírito, onde ela e o espírito se fundem numa perfeita unidade em virtude da revelação deste, percebe a absoluta verdade da palavra de João 14:18-20:

“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós.”

Se o aluno pudesse elevar-se, de maneira clara e consciente, ao lar do nosso Pai com as suas muitas moradas, veria e sentiria aquilo que a Escola tem procurado tornar claro, ainda que de modo impreciso e incompleto: perceberia esse campo da unidade de Deus com a alma, campo que é eternidade, imortalidade, onisciência, perfeito amor, absoluta bondade, absoluta unidade, livre de qualquer separação, uma unidade especial ilimitada, mas que é sentida de maneira orgânica, consciente e inteligente. O candidato que ingressou nesse campo tornou-se alma-espírito, é um participante da ordem espiritual original de Jesus Cristo.

E agora podemos considerar como perfeitamente certo o que Jesus, o Senhor, disse de João, o Batista: “Entre os que de mulher

têm nascido, não apareceu alguém maior do que João, o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele”.

Sois chamados para esse reino dos céus, para esse reino que existe no hoje vivente, e todo o auxílio vos é oferecido. O espírito do Paracleto atua em todos os focos e em todo o Corpo Vivo da jovem Gnosis.

*É no hoje vivente,
agora, neste momento!
Vamos, todos mãos à obra,
ao trabalho a que Gnosis nos convoca!*

SEGUNDO LIVRO: PIMANDRO A HERMES

1. *“E agora, ó Hermes Trismegisto, faz silêncio e guarda bem o que vou te dizer. Logo te direi o que me ocorreu.”*
2. *Hermes: “Falou-se muito e sob todos os aspectos sobre o Universo e Deus; mas as opiniões são contraditórias, de maneira que não consegui reconhecer nelas a verdade. Queira esclarecer-me sobre o assunto, Senhor, pois creerei só no que tu me revelares”.*
3. *“Escuta, pois, meu filho, como se relacionam Deus e o todo: Deus, a eternidade, o mundo, o tempo e a gênese.*
4. *Deus faz a eternidade, a eternidade faz o mundo, o mundo faz o tempo, e o tempo faz a gênese.*
5. *O bem, o belo, a bem-aventurança e a sabedoria formam, por assim dizer, a essência de Deus; a essência da eternidade é imutabilidade; a essência do mundo é ordem; a essência do tempo é mutabilidade; e a essência da gênese é vida e morte.*
6. *Espírito e alma são a força ativa e reveladora de Deus; duração e imortalidade são os efeitos da eternidade; o mundo tem como efeitos a volta à perfeição e à desnaturação; o tempo tem como efeitos o crescimento e o decréscimo; e a gênese tem como efeito o atributo.*

7. *Assim, a eternidade está em Deus, o mundo está na eternidade, o tempo no mundo, e a gênese no tempo.*
8. *Enquanto a eternidade repousa ao redor de Deus, o mundo move-se na eternidade, o tempo cumpre-se no mundo, e a gênese revela-se no tempo.*
9. *Deus é a origem de todas as coisas; sua essência é a eternidade; e o mundo, a sua matéria.*
10. *A eternidade é uma força potencial de Deus. A obra da eternidade é o mundo, que não teve princípio, mas está em gênese contínua pelo efeito da eternidade. Por isso, nada do que está no mundo perecerá, porque a eternidade é imperecível, e jamais algo será aniquilado, porque o mundo inteiro está envolvido pela eternidade.”*
11. *“Mas o que é a sabedoria de Deus?”*
12. *“Ela é o bem, e o belo, e a bem-aventurança, e toda a virtude, e a eternidade.*
13. *A eternidade forma o mundo pondo-o numa ordem ao compenetrar a matéria de imortalidade e de duração. O devir da matéria depende da eternidade, como a própria eternidade depende de Deus.*
14. *Existe gênese e tempo tanto no céu como na terra, mas eles são diferentes em natureza: no céu eles não mudam e são imperecíveis, na terra eles mudam e perecem.*
15. *Deus é a alma da eternidade; a eternidade é a alma do mundo; e o céu é a alma da terra.*

16. *Deus está no Noûs; o Noûs está na alma; a alma está na matéria, e tudo isso pela eternidade.*
17. *E esse grande corpo que abrange todos os corpos é interiormente preenchido e exteriormente envolvido por uma alma repleta de consciência espiritual e preenchida por Deus, uma alma que vivifica o Universo:*
18. *No exterior essa vasta e perfeita vida do mundo; no interior, todas as criaturas viventes; e em cima, no céu, ela continua imutável, permanecendo sempre igual a si mesma; enquanto embaixo, na terra, ela opera as mudanças da gênese.*
19. *A eternidade sustenta tudo, seja mediante o assim chamado destino, a providência, a natureza, seja por meio daquilo que se venha a crer agora ou no futuro. Todavia, quem engendra tudo isso por sua atividade é Deus, a força ativa reveladora de Deus;*
20. *Deus, cuja força potencial é insuperável e à qual nada de humano ou divino pode comparar-se.*
21. *Por isso, Hermes, não penses que qualquer coisa daqui debaixo ou de cima seja semelhante a Deus, pois te afastarias da verdade; porque efetivamente nada é igual ao Imperecível, ao Deus único e universal.*
22. *Não penses tampouco que ele partilha a sua força potencial com quem quer que seja. Porque, além dele, quem é criador de vida, de imortalidade e de transformação?*
23. *E o que poderia fazer, além de criar? Deus não é inativo; se fosse, o inteiro cosmo seria inativo, porque tudo está repleto de Deus.*

24. *De fato, não há inatividade em parte alguma, seja no mundo ou em qualquer outro ser. Inatividade é uma palavra vazia, tanto em relação ao Criador como à criatura.*
25. *E tudo tem de vir a ser pela influência própria a cada lugar.*
26. *Porque o Criador vive em todas as suas criaturas. Ele não permanece numa delas em particular e não cria só em uma delas, mas ele cria todas elas.*
27. *Porque sendo ele uma força sempre ativa, não lhe é suficiente ter criado seres; ele os toma também sob sua guarda.*
28. *Contempla agora, por meu intermédio, o mundo que se apresenta à tua visão e, do recôndito de teu ser, reconhece sua beleza: um corpo puro e imperecível, interiormente forte e jovem e sempre crescente em força.*
29. *Vê também os sete mundos fundamentais, formados segundo uma ordem eterna e que, em conjunto, preenchem a eternidade, cada um segundo o seu próprio curso. Vê, tudo é pleno de luz sem que haja fogo em parte alguma.*
30. *Porque o amor e o amálgama dos contrários e dos dessemelhantes tornaram-se luz, irradiando por meio da força reveladora de Deus, o Criador de todo o bem, o soberano e príncipe de toda a ordem dos sete mundos.*
31. *Vê a lua, a predecessora de todos esses mundos, instrumento do crescimento natural que transforma a matéria aqui embaixo.*
32. *Vê a terra no meio do Universo, estabelecida como base deste mundo tão belo, nutriz e provedora de tudo o que nela vive.*

33. *Considera ainda quão numerosa é a multidão dos seres imortais e quão grande a multidão dos mortais, e vê como, entre os imortais e os mortais, a lua descreve a sua trajetória.*
34. *Tudo está preenchido de alma, todos os seres são movidos segundo a sua própria natureza: uns no céu, outros na terra. Os que devem estar à direita não vão para a esquerda; os que devem estar à esquerda não seguem à direita; os que devem estar no alto não estão embaixo; nem os que devem estar embaixo estão no alto.*
35. *Que todos esses seres foram produzidos, já não é preciso afirmar, meu querido Hermes: eles são corpos, possuem uma alma e são movidos.*
36. *Ora, tudo isso de modo algum pode convergir para uma unidade sem que alguém os reúna. É preciso, portanto, que esse alguém exista! E ele tem de ser absolutamente o Uno.*
37. *Porque, como os movimentos são diversos e múltiplos e como os corpos são também dessemelhantes, e uma só velocidade é imposta para todos em conjunto, não podem existir dois ou mais criadores.*
38. *Se houvesse vários, a unidade na ordem não poderia ser mantida, e disso resultaria ciúme do mais poderoso.*
39. *Supondo que existisse um segundo criador para os seres mutáveis e mortais, ele desejaria criar também seres imortais, e o criador dos imortais desejaria também criar seres mortais.*
40. *Além disso, se existissem dois criadores, e se por um lado existe a matéria e por outro a alma, a quem dos dois pertenceria a*

criação? E caso ambos cuidassem dela, quem teria a maior parte dela?

41. *Pois bem, sabe que cada corpo vivo é composto de matéria e alma, tanto o corpo imortal como o mortal, tanto o racional como o irracional.*
42. *Todos os corpos viventes são animados. Tudo o que não tem vida é somente matéria, enquanto somente a alma, a causa da vida, permanece nas mãos do criador. O criador dos imortais é, pois, também o criador absoluto da vida. É ele então também o criador de outros seres viventes, dos mortais?*
43. *Como poderia ser que aquele que é imortal e cria a imortalidade não fizesse também tudo o que se refere aos vivos?*
44. *Está claro, portanto, que existe alguém que cria tudo isso. É evidente que ele é o Uno, porque uma é a alma, uma a vida, e uma a matéria.”*
45. *“Quem é, então, esse criador?”*
46. *“Quem, senão o Deus Único? A quem compete, senão a Deus, criar seres animados, viventes? Por isso há somente um deus.*
47. *É verdadeiramente para se rir: se reconheces que existe um mundo, um sol, uma lua e uma natureza divina, como pensas então que Deus é múltiplo?*
48. *Portanto, é Deus quem cria todas as coisas. Aliás, o que há de admirável em Deus criar a vida, a alma, a imortalidade e a transformação, se tu mesmo também praticas grande variedade de ações?*

49. *Tu vês, falas, ouves, cheiras, saboreias, tocas, andas, respiras. E não acontece que um vê, outro ouve, outro fala, outro saboreia, outro toca, outro anda, outro respira. É um único ser que faz tudo isso.*
50. *Pois bem, do mesmo modo as atividades divinas de Deus não podem ser separadas; porque do mesmo modo que cessarias de ser um ser vivente se cessasses de realizar todas as tuas atividades, Deus já não seria Deus caso já não cumprisse suas atividades.*
51. *Porque se está demonstrado que nenhum ser pode existir em inatividade, quanto mais não vale isso para Deus!*
52. *Caso existisse realmente algo não criado por Deus, ele seria imperfeito. Visto que Deus não é inativo, mas, ao contrário, perfeito, ele é o criador de todas as coisas.*
53. *Se me prestas ainda um pouco de atenção, ó Hermes, certamente compreenderás que Deus tem somente um objetivo, que é fazer vir à existência tudo o que está no processo evolutivo; tudo o que em qualquer momento no passado veio a ser e tudo o que um dia será.*
54. *Eis a vida, meu querido. Isso é o belo, isso é o bem, isso é Deus.*
55. *E se quiseres compreender tudo isso pela tua própria experiência, percebe então o que se passa em ti quando queres engendrar. De fato, quando se trata de Deus, o ato criador não é igual. Com certeza Deus não experimenta alegria perceptível e não há ninguém que colabore com ele.*
56. *Visto que atua inteiramente sozinho, ele é sempre imanente em suas obras, sendo ele mesmo o que ele produz, tanto o criador*

como a criação; porque se as suas criaturas fossem separadas dele, elas desmoronariam e inevitavelmente pereceriam por não ter vida em si mesmas.

57. *Todavia, como tudo é vivente, e a vida é uma, Deus é certamente o Todo-Uno. Por outro lado: uma vez que tudo, tanto no céu como na terra, é vivente e a vida é uma em tudo, a vida é criada por Deus, e a vida mesma é Deus; pois tudo vem a ser pela atividade de Deus, e a vida é a união entre o espírito e a alma.*
58. *Quanto à morte, ela não é o aniquilamento dos elementos reunidos, mas a ruptura da unidade que os liga.*
59. *Assim, a eternidade é a imagem de Deus; o mundo, a imagem da eternidade; o sol, a imagem do mundo; e o homem, a imagem do sol.*
60. *Quanto à transformação, o homem comum fala de morte porque o corpo é dissolvido e a vida se retira para o invisível.*
61. *Porém declaro-te, amado Hermes, que os seres que desse modo desaparecem estão somente sendo transformados; cada dia uma parte do mundo passa para o invisível, mas de nenhum modo para ser dispensada.*
62. *Eis a causa do sofrimento do mundo: a marcha circular e o desaparecer no que se chama morte. Mas uma marcha circular é repetição, giro da roda, e desaparecer é renovação.*
63. *O mundo possui todas as formas. Não que ele as mantenha encerradas em si mesmo, porém ele se transforma nas formas e por meio delas.*

64. *Sendo, pois, o mundo feito tal como o Universo, como será o seu Criador? Não podemos dizer que ele seja destituído de forma! E mesmo que ele fosse como o Universo, seria igual ao mundo. E caso ele tivesse uma forma? Então, sob esse aspecto, ele seria menos que o mundo.*
65. *O que devemos concluir daí? Porque a nossa concepção no tocante a Deus não pode apresentar nenhuma lacuna!*
66. *Existe somente uma imagem que é própria de Deus, uma imagem que os olhos físicos não podem perceber, uma figura incorpórea que manifesta todas as formas mediante os corpos.*
67. *Não te admires que exista uma figura incorpórea: pensa tão-somente numa palavra que proferes. O mesmo acontece com os quadros: vêem-se cumes de montanhas que parecem elevar-se no ar, mas, em realidade, os quadros são planos e lisos.*
68. *Reflete uma vez mais e de modo mais completo e profundo sobre o que te disse. Assim como o homem não pode viver sem a vida, Deus não pode viver sem produzir o bem. Porque isto é o movimento de Deus: dar movimento e vida a tudo.*
69. *É preciso aproximar-se de certas coisas com compreensão particular, como, por exemplo, o seguinte:*
70. *Tudo está em Deus; porém não como em determinado lugar, porque um lugar é corpóreo e imóvel e o que tem seu lugar em algum ponto no espaço não tem movimento; no incorpóreo, as coisas aparecem de modo inteiramente diferente.*
71. *Se pensas nele, naquele que tem tudo encerrado em si, considera então especialmente que nada está em condição de limitar o*

incorpóreo e que nada é mais rápido e mais poderoso do que ele. Ele é o absoluto ilimitado, o mais rápido e o mais poderoso.

72. *Considera-o ainda segundo tu mesmo: ordena à tua alma que vá à Índia, e ela lá estará antes mesmo que lhe ordenes.*
73. *Ordena-lhe que vá para o oceano e logo lá estará; não como se ela tivesse feito uma viagem de um lugar para outro, mas como se já lá se encontrasse.*
74. *Ordena-lhe mesmo que suba ao céu; ela não precisará de asas para isso, nada pode impedi-la, nem o fogo do sol, nem o éter, nem o movimento processual do firmamento, nem os corpos das estrelas: ela cortará todos os espaços e em seu vôo se elevará até o último dos corpos celestiais.*
75. *E se quiseres também romper a abóbada do Universo e ver o que está para além dele — caso exista algo fora do Universo — podes fazê-lo.*
76. *Vê que poder, que velocidade possuis! E se podes fazer tudo isso, Deus não o poderia?*
77. *Por isso deves considerar Deus da seguinte maneira: Tudo o que é ele conserva como pensamentos encerrados em si: o mundo, a si mesmo, o Universo.*
78. *Se não te fizeres igual a Deus, não poderás compreendê-lo: porque apenas o semelhante compreende o semelhante.*
79. *Cresce e eleva-te a uma grandeza incomensurável, ultrapassa todos os corpos, vai além de todo o tempo; torna-te eternidade. Então compreenderás a Deus.*

80. *Compenetra-te do pensamento de que nada é impossível para ti, considera-te imortal e em condição de tudo compreender, toda a arte, toda a ciência, a natureza de tudo que vive.*
81. *Torna-te mais alto que todas as alturas e mais profundo que todas as profundezas.*
82. *Reúne em ti as sensações de tudo o que foi criado: do fogo e da água, do seco e do úmido. Imagina encontrar-te em toda parte: na terra, no mar e no ar; que ainda não foste gerado, que ainda estás no ventre materno, que és jovem, idoso, que estás morto, que te encontras para além da morte. Quando puderes abranger tudo isso simultaneamente em tua consciência, tempos, lugares, acontecimentos, atributos e quantidades, poderás compreender Deus.*
83. *Mas, se manténs a tua alma cativa em teu corpo, se a arrastas para baixo, sempre dizendo: 'Nada compreendo, nada posso, tenho medo do mar, não posso elevar-me até o céu, não sei o que uma vez fui, nem o que serei', o que tens então a ver com Deus?*
84. *Porque nada podes conceber do que é realmente belo e bom enquanto amares o corpo e fores mau. A suprema maldade consiste em não conhecer o divino.*
85. *Todavia, estar em condição de conhecer o divino e possuir a vontade e a grande esperança de alcançar esse conhecimento é o caminho direto para o bem, um caminho fácil! Ao seguires tua senda, em toda parte o bem virá ao teu encontro; em toda parte na senda ele vai revelar-se a ti, mesmo onde e quando menos esperas; seja quando estiveres em vigília ou em repouso, na água ou na terra, de dia ou de noite, se fãlas ou se calas; porque nada existe que ele não seja.*

86. *Dirás agora: 'Deus é invisível?' Quem se manifesta mais do que Deus? Ele criou tudo a fim de que o reconheças em todas as criaturas!*
87. *Isso é o magnífico, o maravilhoso em Deus, que ele se manifesta por meio de todas as suas criaturas.*
88. *Nada é invisível, mesmo entre os incorpóreos: o Noûs revela-se na visão interior, e Deus manifesta-se em sua atividade criadora.*

Eis tudo o que eu tinha para te revelar, ó Trismegisto. Reflete sobre tudo o mais da mesma maneira e não errarás."

O CONHECIMENTO VIVO DE DEUS

O segundo livro do *Corpus Hermeticum* que aqui comentamos, assim como o primeiro, apresenta um diálogo entre Pimandro e Hermes Trismegisto, diálogo esse inteiramente orientado para a essência de Deus, que trata da questão sobre como podemos conhecer e compreender o ser e a atividade de Deus.

Concordareis conosco se considerardes que semelhante conhecimento é da mais alta importância e indispensável para cada ser humano. Com a designação “Deus” entendemos sempre a Fonte de Todas as Coisas, o Ser Supremo, do qual provém toda a existência. Quem deseja trilhar a senda, o caminho de retorno estabelecido pelo Ser Supremo, quem se sente chamado à filiação divina, precisa, pelo menos, conhecer o Pai de todos nós e sondá-lo. O conhecimento de Deus sempre foi, portanto, o objetivo mais elevado dos verdadeiros gnósticos. Desse conhecimento, tudo o mais pode ser deduzido e comprovado.

Todas as comunidades religiosas naturais falam de Deus continuamente. Invocam-no e adoram-no com as mais belas palavras místicas. Diariamente são realizados sermões e celebrados rituais tendo Deus como tema e objetivo. Existem milhares e milhares de pessoas que se dizem teólogos. Mesmo assim, os resultados da vida e as opiniões e concepções totalmente contraditórias das inúmeras correntes mostram que os conhecimentos humanos relativos à Divindade são lamentáveis, pois de modo algum se pode falar de um conhecimento de Deus. Quando examinadas mais

exatamente, todas as palavras e livros piedosos e toda a realidade da religião natural não passam de especulações e repetições irrefletidas e, portanto, são de absoluta insignificância. Quem se orienta desse modo e investiga a literatura universal nessa linha, por fim, nada alcança do que verdadeiramente quer saber. Afoga-se num oceano de palavras: dogmas e teologia sem fundamento.

Inúmeras pessoas como nós averiguaram e verificaram esse fato ao longo dos séculos. E assim desenvolveu-se o ateísmo e a negação de Deus. Negou-se, de maneira consciente e positiva, o que os grupos religiosos supuseram dever afirmar a respeito de Deus. Contestou-se também a presunçosa autoridade com a qual os teólogos disseram e dizem: “É assim, e não de modo diferente”. E insurgiu-se contra os agrupamentos da Igreja que exerceram sua presumida autoridade, usando de coação, crueldade, assassinato, instrumentos de tortura e fogueira, calabouço e outras torturas diabólicas. Verificou-se ainda que os assim chamados pais da Igreja não temeram furtar e ocultar escritos originais a fim de que os que viessem depois deles não pudessem ter nenhum conhecimento do respectivo conteúdo. Em muitas bibliotecas antigas espalhadas pelo mundo encontram-se ocultos preciosos documentos autênticos de inúmeras fraternidades gnósticas. Essas obras são cuidadosamente conservadas a sete chaves para que o seu conteúdo possa permanecer desconhecido. Talvez porque também se espere por ganhos materiais.

Também se descobriu, no decorrer dos tempos, a tática refinada utilizada por certas instituições religiosas pela qual escritos autênticos foram falsificados em seu fundamento, provocando impressões totalmente falsas para violar a verdade e, assim, dar prova aparente ao dogma dos pais da Igreja. Dessa maneira, lamentavelmente, a humanidade encontra muita falsidade em seus mais sagrados documentos. E assim ela acalenta em seu coração uma linguagem sagrada carregada de feridas da falsificação. Desse modo, tudo o que, provindo da verdade, da realidade e da originalidade,

tentava abrir um caminho até a humanidade foi controlado e passado pelo crivo da religião natural, sempre que possível. Estabeleceu-se uma classe de autoridade à qual foram concedidos títulos. Falava-se em doutores em teologia. E até recentemente teólogos exerciam grande poder sobre a massa.

Mas, tudo o que foi e ainda será organizado de maneira tão refinada do ponto de vista dialético para se mostrar perfeitamente legítimo tem o seu fim, de acordo com a lei fundamental da dialética, o fim irrevogável, o auto-aniquilamento, pois, quem escolhe a morte em vez da vida encontrará a morte.

Como foi mencionado, no decorrer dos tempos, inúmeros descobriram a grande traição, a grande falsificação. E, infelizmente, eles passaram para o ateísmo. Converteram-se radicalmente. A consequência foi o aparecimento do materialismo histórico, uma decadência tão terrível, com resultados tão assustadores, que deixou atrás de si um rastro de sangue onde pôs os pés e onde sua vontade triunfou. A humanidade atual ainda sofre as suas consequências.

E quem propõe a questão da responsabilidade chegará aos que, em sua época, apresentaram-se como sacerdotes e autoridades para a massa e afirmaram conhecer a Deus e seguir os seus caminhos, completamente esquecidos de comprová-lo. Pelo contrário, fizeram correr o sangue de muitos. “O ateísmo”, disse certa vez um teólogo em desespero, “é uma das contas não pagas da Igreja”. De fato! Assim, as consequências de todos os erros sempre recaem sobre os que originalmente os causaram. E as gerações subsequentes dos traidores assumiram a terrível herança.

Todavia, os que verificaram, no decorrer dos séculos ou em nossos dias, que não há verdadeiro conhecimento de Deus entre os praticantes oficiais das religiões não precisam cair no ateísmo e no materialismo. Eles podiam e podem libertar-se completamente da ilusão tradicional e da traição procurando o conhecimento de

Deus. Quem verdadeiramente procura encontrará, pois a verdade é imutável e indestrutível.

É um esforço inútil tentar encarcerar a verdade. Quem quer a verdade liberta-la-á. É absolutamente errado, como se faz neste mundo, falar de Deus como o Incognoscível, como o Invisível. Isso é um dogma por trás do qual a teologia costuma entrincheirar-se. Quando Jesus, o Senhor, diz: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito... esse o revelou”, isso não quer dizer que a Gnosis é posse particular de alguns, mas sim, que cada homem que retorna a ela, à base original do gênero humano-divino, à humanidade-alma do mundo da alma, torna-se novamente um filho de Deus. E para um homem como esse, o mistério divino é desvelado. A filosofia hermética, cujo autor foi um filho de Deus em sentido elevado, não nos transmite, no segundo livro do *Corpus Hermeticum*, um dogma vago sobre Deus do modo como se o adora, agradece e reverencia em casas de oração. O teólogo levou o homem a tal ponto que ele agradece a Deus por tudo o que tem de padecer e suportar na dialética. Porque, diz ele, não é verdade que nada acontece sem a vontade do Pai celeste? Desse modo, as coisas mais absurdas são também atribuídas a Deus, à direção celeste, seja como bênção, castigo, recompensa ou expiação.

Não, a sabedoria hermética esclarece-nos a maneira pela qual o homem pode conhecer perfeitamente a Deus, a Fonte de Todas as Coisas, todos os seus atributos e sua atividade. Assim o prólogo do segundo livro hermético diz: *Deus faz a eternidade, a eternidade faz o mundo, o mundo faz o tempo, e o tempo faz a gênese*. Mediante esta obra pode-se chegar à essência de Deus, à própria plenitude divina.

Provavelmente muitos dirão: “Contudo, ainda não entendemos muito a esse respeito. Há séculos e séculos a humanidade já fala, escreve e estuda sobre os vários fenômenos da criação, a eternidade, o mundo, o tempo e a gênese. Porém, todas as ciências nas quais tantas pessoas brilham podem ser resumidas nas rubricas:

eternidade, mundo, tempo e gênese, mas tudo isso ainda não nos concede o conhecimento de Deus, pelo contrário, no máximo, faz o conflito crescer ainda mais”.

O *Corpus Hermeticum* responde, já no versículo 6, a essa possível objeção, que a essência de Deus apenas pode ser compreendida espiritualmente, que o espírito e a alma constituem a reveladora força de Deus. Por isso, esse problema só é abordado no segundo livro hermético depois que no primeiro livro, *Pimandro*, foi exposto de que maneira a Gnosis, o conhecimento que revela Deus, vem ao candidato que trilha a senda e como alma renascida se defronta com sua imagem espiritual, a imagem espiritual dos primórdios.

Apenas o homem que trilha a senda do renascimento e nela encontra seu Pimandro, seu espírito perdido, e com ele novamente se une está maduro e preparado para chegar ao conhecimento de Deus. Quem desse modo se torna um filho de Deus no verdadeiro sentido da palavra tem o direito de conhecer o Pai que está acima de todos e em todos. Por isso, enquanto o espírito faltar ao homem, enquanto ele ainda estiver completamente absorto na natureza da morte, não achará o que é do Espírito.

Todavia, que resultado o mundo obteve de tudo isso? O pensamento dialético, a consciência mortal, o homem-eu, foi considerado ser espiritual! A introdução e a consolidação desse monstruoso ensinamento no homem foi o maior crime jamais perpetrado contra a humanidade. Por isso, acompanhando a Gnosis de todos os tempos, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea mostra a necessidade do renascimento da alma aos homens desviados. Somente o homem-alma renascido encontrará o seu Pimandro. Tão logo, desse modo, o espírito tiver se tornado vivente no homem, ser-lhe-á revelado o conhecimento de Deus.

O AMOR UNIVERSAL DE DEUS

Somente o homem nascido como alma, que está novamente ligado ao campo espiritual e a seu Pimandro, consegue chegar ao verdadeiro conhecimento de Deus. Assim dissemos na exposição precedente. Permitti que tentemos, valendo-nos dessa base, compreender um pouco mais do segundo livro hermético. Como vimos, temos de refletir sobre Deus, eternidade, mundo, tempo e gênese.

Deus faz a eternidade, a eternidade faz o mundo, o mundo faz o tempo, e o tempo faz a gênese. O bem, o belo, a bem-aventurança e a sabedoria formam, por assim dizer, a essência de Deus; a essência da eternidade é imutabilidade; a essência do mundo é ordem; a essência do tempo é mutabilidade; e a essência da gênese é vida e morte.

Existem cinco manifestações na revelação do todo: Deus, eternidade, mundo, tempo e gênese. Deus, sendo a origem, é o espírito, o espírito universal, no qual outra coisa não existe e do qual outra coisa não surge senão o bem, o belo, a bem-aventurança e a sabedoria. O que brota dessa fonte primordial das coisas é eterno, perpétuo, imutável, estático, tanto em força como em poder. Deus e a eternidade, pode-se dizer, são eles próprios.

A eternidade, como manifestação primária de Deus, revela o bem, o belo, a bem-aventurança e a sabedoria. Isso quer dizer: o

amor universal, a mais elevada felicidade, o conhecimento pleno, absoluto, onipresente e oniabarcante. Esses são os valores que não têm fim. Deus gera a eternidade de si mesmo, e esta possui valores que, em conjunto, podem ser entendidos numa unidade como amor.

O amor universal de Deus é onipresente. Na eternidade, que abrange a todos nós, o amor universal existe como plenitude irradiante, como um campo oniabarcante. Não deveis pensar na eternidade como se ela estivesse distante. A eternidade está aqui e, do ponto de vista existencial, deveis entendê-la e abarcá-la — e, por conseguinte, também o amor universal — no presente e ser parte dela. Isso é um estado inteiramente diferente de nosso estado dialético.

O bem, o belo, a bem-aventurança e a sabedoria são onipresentes na eternidade assim como um espaço pode estar cheio de perfume de rosas ou de luz. Nesse espaço não pode existir um ponto onde não haja o perfume de rosas ou a luz. Assim, a manifestação do Universo é plena de Deus, preenchida por Deus. E esse fato, como tal, é a eternidade no sentido de durabilidade, portanto, perpétua, imutável.

Podemos debater a esse respeito, porém, tão logo conquisteis algo da alma, o sentireis de modo absoluto. No mundo da dialética não é assim, de modo algum. Por mais gratificantes que sejam aqui, jamais se deve associar situações e relacionamentos da dialética com o amor universal da eternidade. Ele é algo completamente diverso. Assim que a alma tiver uma abertura, compreenderéis isso imediatamente. E entenderéis, ao mesmo tempo, que semelhante campo espiritual, poderoso e onipresente, com valores tão imensos, tem um objetivo. Por isso, dizemos em uma de nossas orações: “O amor quer ofertar-se, pois essa é sua razão de ser”. O amor universal, que provém de Deus, sempre procura tomar forma. Seu mais elevado objetivo é a gênese. E da gênese, do nascimento, segue-se um elevar-se para si mesmo, para que o

que nasceu em amor desfrute e propague a mais elevada, a mais gloriosa e a mais bela felicidade pela eternidade. E isso se perderá por completo no amor de Deus, entregar-se-á a objetivos que, em nosso estado de ser, não temos capacidade para sondar.

Em razão de o amor de Deus existir para tomar forma de uma maneira ou outra, o mundo evolui com base na eternidade, diz Hermes Trismegisto (no versículo 13):

A eternidade forma o mundo pondo-o numa ordem ao compenetrar a matéria de imortalidade e de duração. O devir da matéria depende da eternidade, como a própria eternidade depende de Deus.

Cada átomo está potencialmente carregado com os eternos valores universais do Logos. Com base na eternidade se desenvolve, assim, o espaço. No espaço está a substância original, e dessa substância original são formados os sistemas estelares e também o mundo.

Porém, não se deve incorrer no erro de pensar, em primeiro lugar, no mundo dialético. O mundo aqui referido não é a terra como a conhecemos, com a sua miséria e sofrimento. Não, aqui se faz referência à Terra Santa, da qual falam os gnósticos, a Terra Santa como parte do Universo divino, cujo esplendor pode ser visto pelos que se elevaram até o mundo do estado de alma vivente. Está claro que um Universo revelado desse modo conhece a sua ordem, a sua regularidade; que essa ordem deve compreender determinadas leis de irradiação, a fim de promover o único grande objetivo e alcançá-lo. Por isso, a essência do mundo é ordem, uma ordem que se conduz em perfeita harmonia com o Logos.

Cada mundo conhece e possui uma ordem como essa, que está sintonizada, de modo absolutamente harmonioso e regular, com o grande todo, para que a lei que os mantém coesos não seja perturbada. Assim compreenderéis que semelhante mundo, assentado em sua própria ordem, também conhece seu próprio

tempo. Cada mundo tem seu próprio tempo. Cada mundo é a expressão de um processo que deve ser cumprido. Uma lei ou uma ordem serve para conduzir a um bom termo certo objetivo, determinada evolução. Em relação a nosso mundo, uma lei serve, muitas vezes, para manter algo dentro dos limites. Mas, na vida universal, uma lei está diretamente ligada a determinado objetivo dirigido para a realização do amor eterno. Se, em virtude de sua essência, o amor de Deus deve entregar-se, por ser essa a razão de sua existência, o mundo e o tempo do mundo servem para alcançar esse objetivo. A essência do tempo é, portanto, transformação.

É provável que pensem conhecer muito bem a essência da transformação. Contudo, não vos enganéis! Porque também é preciso chegar a esse conceito compreendendo-o do ponto de vista espiritual.

Na Bíblia é mencionado que existe um tempo de Deus e existe um tempo do homem. Assim, precisamos distinguir duas espécies de tempo. Quando se fala a respeito do tempo de Deus, o homem religioso crê que podem acontecer coisas em nossas vidas e que, em nossa época, processos podem consumir-se por efeito de forças e poderes exteriores, forças e poderes esses que escapam do nosso controle. Em nossa época, quando de repente ocorrem fatos ou situações impressionantes e imprevisíveis como explosões, fala-se, em círculos religiosos, do “tempo de Deus”. Recorrendo a esse conceito, o teólogo ensina à sua multidão de leigos resignação por um lado e medo por outro. Resignação diante do sofrimento e medo em relação ao castigo, medo do irreparável.

Porém, são leis de radiação que governam o Universo! Elas causam transformações periódicas, para que, por esse meio, finalmente, se realize a única vida que é o amor mesmo, e assim seja alcançado o mais elevado objetivo do amor de Deus. Isso significa: a gênese humana mais elevada, o Verbo fazendo-se carne, no mais elevado sentido. O objetivo da gênese, a essência do nascimento, é vida. Por isso, é preciso haver um tempo divino que tenha como

essência uma transformação processual pela qual um se converte no outro, sempre se elevando, sempre mais sublime, avançando de força em força e de glória em glória.

Portanto, existem duas espécies de dialética. Há a dialética que conhecemos, com a sua transformação, sua dissolução de uma vida insustentável em morte, a dialética que nos é tão conhecida, com seu nascer, florescer e morrer. Mas também existe uma dialética hermética que só pode ser compreendida sob o aspecto espiritual e que se relaciona com o processo da eterna gênese.

Que existe essa dialética, esse tempo que não é morte, porém transformação, pode ser facilmente provado. Quando o sol brilha e emite luz, os raios luminosos que ontem nos tocaram não são os mesmos que os de hoje. Os raios de ontem alcançaram o seu alvo, isto é, o nosso ser, e nele causaram determinado efeito se, de algum modo, estávamos abertos a eles. Os raios de luz de ontem desvaneceram em nós, morreram, desapareceram, dissolveram-se em nós. E hoje novos raios de luz chegaram até nós.

Se usardes esse exemplo como uma imagem gnóstica, sabereis que também a luz da Gnosis morre diariamente em vós após ter alcançado o seu objetivo, a transformação. Com base nessa luz que se sacrifica continuamente, desenvolve-se, portanto, uma vida em contínua transformação, uma eterna gênese, de glória em glória, de força em força. Por isso, diz Pimandro: *A essência da gênese é vida.*

Quem se opõe a esse processo, quem não conhece o caminho da gênese da alma ou não o deseja, sempre será apanhado pela dialética da natureza da morte. Sua parte não será a vida, porém a morte. Esta não é a dialética de que Pimandro fala, não é a dialética divina, porém a dialética da natureza da morte, da extinção.

Por isso o candidato apenas poderá vencer por meio de Cristo, isto é, mediante a luz da natureza de Deus; apenas por meio da luz do estado de alma vivente poderá ser realizada a única vida.

Essa luz da Gnosis sempre irradia. Ela é a luz universal, a luz do sol universal, que se sacrifica ininterruptamente, da mesma maneira como a luz da dialética se sacrifica.

É com esse fundamento que se diz que a morte de Cristo, o seu sacrifício, transforma-se em vida para nós. Quando não levamos em conta as interpretações teológicas, compreendemos isso perfeitamente. A luz de Cristo está na eternidade. Ela se oferece a nós diariamente, ela morre em nós para a transformação de todo o nosso ser. Quem se abre para ela participa da dialética hermética.

O MISTÉRIO DE NOSSA ORIGEM

O bem, o belo, a bem-aventurança e a sabedoria formam, por assim dizer, a essência de Deus; a essência da eternidade é imutabilidade; a essência do mundo é ordem; a essência do tempo é mutabilidade; e a essência da gênese é vida e morte.

Se observardes essa seqüência hermética, como fizemos antes, então compreenderéis os aspectos já comentados. Ora, a intenção do *Corpus Hermeticum* é que também examinemos, num novo sentido, o nexos entre esses aspectos, que é a causa primordial e a verdadeira essência da vida. O propósito muito velado de Hermes Trismegisto é esclarecer o mistério de nossa origem.

Caso se perguntasse a certo número de pessoas o que é vida, não seria impossível que dessem respostas muito divergentes umas das outras. Uma série de filósofos de diversas correntes especulou sobre esse assunto no decorrer dos séculos. No entanto, é certo que nenhuma das respostas e opiniões desses filósofos concorda com a resposta de Pimandro. Em resposta a essa questão, Pimandro diz: *A gênese tem como efeito o atributo.*

Deveras, uma resposta peculiar! Daí se depreende que a Gnosis hermética não considera nosso estado de vida, a manifestação de nossa vida, como um todo, como algo independente, mas apenas como um atributo, um atributo de outra vida, a conseqüência de determinada vida já existente. A essência do nascimento da

personalidade quádrupla nada mais é, assim diz a Gnosis, que um atributo, uma geração, um despertar, uma revelação da verdadeira vida. Deveis ter em mente que, em nossos comentários, não partimos do estado natural, mas do estado de alma vivente, pois unicamente esse estado permite a compreensão espiritual.

Portanto, precisamos considerar que a vida verdadeira, da qual Pimandro faz menção, a vida que, em verdade, merece essa qualificação, é a vida do espírito, a vida de Deus, e que há uma ligação muito íntima entre o atributo, o fenômeno da vida e a vida mesma; por conseguinte, entre Deus e o homem. O estado de personalidade é somente um atributo, um estado, uma revelação da única vida.

Por que a vida do espírito deseja obter semelhantes atributos? Esses atributos devem servir para propagar a vida única, para torná-la mais grandiosa, mais poderosa, mais majestosa. Toda a evolução que leva à revelação de atributos, do bem pela eternidade, da eternidade por uma ordem de espaço-tempo, por meio da transformação ao nascimento, essa gênese gigantesca dos atributos não tem outro objetivo senão uma propagação, um abrir-se do espírito em recursos para a revelação da glória do estado divino.

Eis por que também se lê no versículo 6 do segundo livro: *Espírito e alma são a força ativa e reveladora de Deus*. Pimandro, o Noûs, a alma-espírito, é o verdadeiro núcleo de vida, é a flama do espírito, a centelha do espírito. E esse núcleo de vida é a vida em virtude de sua natureza essencial; ele é ou se torna animado. Noûs e alma são, portanto, *um*. Pimandro e Hermes, espírito e alma, são ou formam Deus. A alma é a luz, o aspecto formal do espírito. Quem renasceu perfeitamente segundo a alma pode falar do Cristo-em-si, do Deus que se tornou luz em si. Espírito e alma, Pai e Filho, Pimandro e Hermes, são *um*. A alma de luz, junto com Pimandro, forma o Filho de Deus. Unida a Pimandro, a alma é chamada de Mercúrio, o Três Vezes Grande, Hermes Trismegisto, designação que se relaciona com o irrompimento

do novo estado de consciência em sua suprema magnificência. Tudo isso diz respeito ao homem-alma do princípio. Eis por que o efeito da eternidade é a subsistência eterna, a imortalidade.

É provável que sejais instigados a perguntar: “Como é possível, então, que o homem-alma tenha caído em semelhante condição mortal, em semelhante estado infernal?”

A resposta a essa questão é relativamente simples. O efeito da eternidade é a subsistência eterna, a imortalidade; porém, o homem-alma deve prosseguir com a sua manifestação. Quando o espírito se torna luz, portanto, torna-se alma, quando o Pai gerou o Filho, o homem-alma deve prosseguir para tornar-se espírito vivificante. Algo que é vivificado *deve* continuar a manifestar-se. Por isso também dizemos: “Algo arde em nossa alma”. Quem está animado por algo deve manifestá-lo. E assim também, logo que o espírito se torna luz, logo que o Pai gera o Filho, ele, o Filho, a alma, a força de luz, deve continuar a manifestar-se. Então existe aí um fogo que deve irromper. Ser vivificado por algo nunca é, pois, um fim em si mesmo. A alma anseia por expressar-se, por agir. A constituição anímica é uma possibilidade, uma concentração de forças para a revelação, meramente um ponto de concentração, um intermediário, um meio para um fim.

Logo que o espírito se torna luz, algo acontece. Por isso, uma constituição anímica, na verdade, é contínuo anelo. Quando a centelha espiritual possui o atributo da alma, o processo deve prosseguir, já não pode ser detido. Certamente conheceis a seguinte passagem de Coríntios 2, capítulo 3, versículo 17: “... onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”. A vida do Espírito, seu princípio, é liberdade. Nele nunca há coação. Eis por que a alma deve prosseguir expressando-se em liberdade, para demonstrar o que a anima. O que está sob coação nunca pode ser considerado genuíno, porque a coação nunca vem do interior e jamais pode ser Espírito, porque “onde está o Espírito, aí há liberdade!”

Por isso, na inteira revelação universal, o princípio da liberdade vigora de modo fundamental e prático. Do ponto de vista do microcosmo, tudo o que padeceis em sofrimento e dor foi e é desencadeado e mantido por vós mesmos. Sofrimento e dor são as conseqüências das inúmeras tolices que vós mesmos cometestes nesta vida ou causadas por personalidades que anteriormente viveram em vosso microcosmo. É essa enorme carga de dívidas, denominada carma, que, de acordo com o princípio da liberdade, deve ser neutralizada pelo próprio homem atado à roda.

Eis por que é tão magnífico o fato de vos ter sido dada a possibilidade de aniquilar o carma na irradiante luz da graça da Gnosis. Se tivésseis de permanecer pessoalmente atados a essa carga e devésseis expiar tudo o que se acumulou em vosso microcosmo como carga pecaminosa no decorrer dos éons, vosso estado seria praticamente sem esperança. Por isso a Gnosis, o amor de Deus, corre para prestar-vos socorro. Não é maravilhoso saber que podeis livrar-vos de toda a carga cármica se verdadeiramente ousardes trilhar a senda gnóstica? Portanto, que fique claro para vós o que o segundo livro diz a seguir:

O mundo tem como efeitos a volta à perfeição e à desnaturação; o tempo tem como efeitos o crescimento e o decrescimento; e a gênese tem como efeito o atributo.

A alma-espírito que se formou é enviada, em liberdade, para a sétima região cósmica, o Jardim dos Deuses, a oficina alquímica, para levar à manifestação o que a alma, conduzida, compelida e sustentada pela centelha espiritual. No Universo da sétima região cósmica existe a absoluta liberdade para a edificação ou para o aniquilamento. Aí é possível fazer cada processo crescer ou diminuir. Assim, cada alma-espírito pode testemunhar sua autonomia, pode revelar sua condição superior. E, no espírito está o plano divino, a onisciência, a fórmula completa. Portanto, quando

a alma se liga ao espírito em seu ímpeto dinâmico, tudo pode ser realizado em liberdade; a auto-realização é absolutamente possível.

Equipar-se com o atributo que denominamos instrumentária é uma das qualidades da alma-espírito. Esta é enviada para a sétima região cósmica para conseguir para si mesma, antes de qualquer coisa, uma personalidade ideal; portanto, para conseguir uma instrumentária perfeita para manifestar e divulgar o grande plano de Deus. Por isso é mencionado na lenda de Adão que ele estava no paraíso dos deuses e lhe foi atribuído o encargo de dar um nome, isto é, uma força, a todas as criaturas, pois um nome é uma força, uma característica. Compreendeis o quanto o plano de Deus para o mundo e a humanidade é poderoso? Pode-se, portanto, julgar a personalidade de cada ser humano como atributo da alma-espírito e verificar se o atributo do nascimento demonstra que houve incidentes durante o processo e que, portanto, algo não vai bem com esse homem, ou se a grande obra alquímica foi bem sucedida.

Nesse contexto, é útil, mais uma vez, considerar de maneira concisa o estado de ser comum na natureza da morte. O homem, enquanto personalidade, é uma instrumentária, mas, em virtude de seu estado natural, não é possível afirmar que ele seja um atributo da alma-espírito original. Em verdade, existe alma nele; uma alma atua em sua personalidade, mas essa alma não se origina do espírito. São forças completamente diferentes as que o animam, e o que o anima, o que o impele à ação, traz como resultado a matéria, a linha horizontal, a dialética, a natureza da morte. Por força de seu estado natural, o homem, como atributo, não realiza absolutamente o objetivo da alma original.

A alma que originalmente envolveu a centelha do espírito no microcosmo abusou de sua liberdade, o que resultou no rompimento da ligação pimândrica, a ligação com o espírito. O espírito é eterno, ele é perfeito. Se a alma do espírito está na imperfeição, se ela, considerando o ideal máximo, o grande objetivo, tem uma

conduta incorreta, rompe-se a ligação. A alma sem o espírito é mortal: “A alma que pecar, essa morrerá”, adverte a Bíblia.

Pode-se dizer que, a partir de determinado momento, já não havia almas viventes. Para remediar, há o processo dialético de conservação. A alma sempre possui o poder de dividir-se, de multiplicar-se. O processo natural de conservação sempre dá a possibilidade de que uma alma, agora uma alma mortal, mediante a endura, possa invocar o renascimento da alma original e, assim, o restabelecimento da ligação com o espírito, com Pimandro. Isso é o que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea chama de plano divino de emergência.

A alma original abusou de sua liberdade e morreu enquanto expressão do espírito. Contudo, tendo provindo de Deus, sendo, portanto, um atributo vivente, ela prosseguiu e providenciou uma personalidade para si mesma como desígnio da alma. À medida que as primeiras almas se desviavam da senda, a relação entre e espírito e alma se desfez pouco a pouco. A alma de então tinha uma vida inimaginavelmente mais longa do que a atual alma mortal. Assim, sob a influência dos cosmocratas,* ela teve a oportunidade de formar, para si, uma personalidade que gradativamente se desnaturou até o estado atual. E a centelha espiritual permanece emudecida no coração do microcosmo.

Percebe-se, então, como é lógico que nossa personalidade seja mortal e que a alma pecaminosa, o eu, declinando mediante a endura, pelo renascimento da alma original, possibilite o restabelecimento da ligação com o espírito, uma ligação renovada com Pimandro. Ele então voltará a luzir no coração do microcosmo e, como Noûs, falará à alma hermética. Desse modo, a falha original, o extravio, será reparada.

Por esse motivo não queremos ater-nos à condição pecaminosa do homem atual, mas apontar o caminho do retorno, a senda da transfiguração. Nesse caminho a falha é anulada, o extravio é

corrigido. E quando o homem estiver no ponto fundamental de outrora, o mundo da alma, o estado de homem-alma, provará de novo que: “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”.

E assim, finalmente, o deslize torna-se apenas um incidente no quadro da eternidade. Por isso não deveis fixar-vos em vossos hábitos primitivos e em vossas inclinações pecaminosas, mas seguir vigorosa e resolutamente o caminho da transfiguração e, assim, cancelareis todos os erros. Por conseguinte, tereis de aprender que quem quer penetrar a Gnosis, no conhecimento de Deus, deve transformar-se num atributo da alma-espírito no caminho da transfiguração. Então o conhecimento que daí resulta fará que reconheçais e percebais que cada atributo da alma-espírito tem sua origem no espírito, na fonte original, e que o conjunto formado pelo espírito, pela alma e pelo corpo, verdadeiramente, é Deus manifestado na carne.

Cada alma renascida deve descobrir Deus em si mesma, encontrá-lo e segui-lo. E quem pode adquirir essa Gnosis pode pedir com Hermes: *Fala-me, agora, da sabedoria divina! Que é a sabedoria divina?*

TORNEMO-NOS SILENCIOSOS!

E agora, ó Hermes Trismegisto, faz silêncio e guarda bem o que vou te dizer.

É o que diz Pimandro no início do segundo livro. E Hermes responde:

Falou-se muito e sob todos os aspectos sobre o Universo e Deus; mas as opiniões são contraditórias, de maneira que não consegui reconhecer nelas a verdade. Queira esclarecer-me sobre o assunto, Senhor, pois creerei só no que tu me revelares.

Nos capítulos anteriores aprofundamo-nos nos esclarecimentos dados por Pimandro às questões de Hermes. Como se trata, enfim, de que cada candidato, assim como Hermes, passe a compreender as palavras de Pimandro inteiramente a partir do íntimo, julgamos oportuno dar-vos um conselho, o mesmo com o qual Pimandro agora introduz suas palavras a Hermes.

Pimandro começa dizendo: *Faz silêncio!* Na Bíblia, esse silêncio muito especial é mencionado várias vezes. Consideremos o Salmo 4, versículo 4: “Falai com vosso coração... e calai-vos”, e no Salmo 62, versículo 5: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa”; em seguida, nas palavras de Isaías 18, versículo 4: “Estarei quieto, olhando desde a minha morada”. E na

Primeira Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 4, versículo 11, Paulo recomenda a seus discípulos: "... e procureis viver quietos".

Esse ser silencioso refere-se a determinado estado do coração. O coração da personalidade coincide, aproximadamente, com o centro do microcosmo. Nesse centro encontramos a rosa, o átomo-centelha-do-espírito, o ponto de encontro original da Gnosis com o aluno, do espírito com a alma, de Pimandro com Hermes. Contudo, no estado humano natural, o coração é o lugar onde se agitam os mais diversos e ardentes desejos, medos e paixões. No estado de ser comum, o coração do homem é tudo, menos silencioso!

Se quereis tornar-vos um homem hermético, um homem que pode ser chamado um Hermes, um Mercúrio, é preciso silenciar no coração. O conceito "Hermes" ou "Mercúrio" designa o homem em quem a nova consciência anímica despertou, o homem para quem a sabedoria divina se abre e que, portanto, eleva o santuário da cabeça à sua mais sublime vocação. Mas essa vocação não pode ser realizada se o aluno não aprender antes a abrir em silêncio o seu coração ao espírito. A realização do silêncio do coração é uma tarefa dada a todos os que verdadeiramente buscam a Gnosis. Ela mostrará, conseqüentemente, que o coração deve ser purificado, totalmente serenado, equilibrado e aberto.

Provavelmente já ouvistes falar da pequena circulação sangüínea. Ela estabelece uma relação sangüínea particular entre o coração e a cabeça. O coração e a cabeça formam perfeita *unidade*; conseqüentemente também sempre precisamos considerá-los em sua inter-relação. Por isso, para o aluno na senda, o equilíbrio entre o coração e a cabeça quanto ao pensar, querer, sentir e agir, como também quanto à reação e à compreensão, é uma exigência imprescindível.

Se, porém, o coração está inquieto, é impossível que possais pensar bem e livremente. Se o coração está cheio de medo e dividido, o organismo sensorial trabalha de modo absolutamente

impreciso e desregrado. Então será impossível que vejais e avaleis pessoas e coisas com clareza, ocorrendo freqüentemente a crítica com todas as respectivas conseqüências. Quando o coração permanece em seu estado comum de impureza natural — e isso ocorre quando todo o vosso ser está e permanece sintonizado com a natureza da morte — não podeis escutar nem compreender bem, pois a essência da natureza da morte é sempre o caos. Assim, no sistema cabeça-coração do homem dirigido à natureza sempre irrompem grandes tensões, que o levam a ações incorretas.

No sistema cabeça-coração existe uma válvula de segurança, a laringe, que está em ligação com o chacra laríngeo.

Acerca desse chacra e de sua verdadeira função até agora nunca foi falado na Escola, pois ainda não havia chegado o momento. Por isso, nesta oportunidade, é suficiente dizer que o homem dialético abusa da laringe para reagir às tensões acumuladas. A laringe é um órgão criador. A contínua tagarelice e as intermináveis conversas sem conteúdo essencial ou de conteúdo extremamente duvidoso constituem o meio pelo qual o homem procura liberar seu excesso de tensões. Essa reação sempre se dá às custas e em prejuízo de outrem.

Por conseguinte, é importante que a necessidade de se tornar silencioso, de purificar o coração, possa tornar-se, mais uma vez, clara para vós. Quando o coração for silencioso e puro, a cabeça também estará livre para as funções para as quais está destinada e os órgãos sensoriais funcionarão de modo totalmente diferente. Apenas então podereis escutar. Os irmãos e as irmãs da Gnosis original tinham o hábito de sempre apontar reciprocamente essa absoluta necessidade. Por isso, sempre diziam ao início de suas reuniões:

*Silenciemos diante do Senhor,
para que possamos verdadeiramente escutar,
para que possamos verdadeiramente compreender.*

Como dissemos, a personalidade do homem, à luz da filosofia hermética, é um atributo do microcosmo, um resultado da alma-espírito. Por conseguinte, o atributo é a corporificação do plano que está no espírito e que se faz valer como pressão do espírito na alma. No atributo ou corporalidade, o espírito e a alma formam com o corpo uma tríade.

No espírito, além de sua própria natureza, estão contidas também a natureza da alma, do atributo e do corpo. Na alma, reflete-se o espírito, e o atributo, o corpo, projeta-se para o exterior. No corpo os três se tornam *um*. São, portanto, três vezes três ou nove aspectos, o homem nônio clássico. Por essa razão o número nove sempre é chamado o número do homem.

No corpo encontramos também três santuários destinados a honrar a verdadeira trindade humana: a cabeça deve ser o santuário do espírito, o coração, o santuário da alma, e o sistema fígado-baço, que chamamos de templo biológico, deve ser o santuário do corpo. Esses três templos devem cooperar de maneira harmoniosa, cada um segundo seu estado e sua determinação. O templo biológico deve regular e suprir todos os processos naturais da personalidade, de acordo com a natureza da alma e do espírito. Se o centro de gravidade da orientação é transferido para o que é biológico, dialético, da linha horizontal, como se dá na maioria dos homens, o coração e a cabeça ficam submetidos a ele. Nesse caso ocorre um processo de cristalização na personalidade, o coração torna-se um caos de agitação astral, e a inteligência cerebral é ativa e útil apenas para a vida comum, natural, animal. Em consequência, o coração não pode silenciar perante a Gnosis, perante o Senhor, mas reflete a luta pela existência, e esse processo sempre findará na morte.

Visto que o coração biológico coincide aproximadamente com o coração do microcosmo, e *nesse* coração o vigilante silencioso, a rosa, o homem divino em nós, encontra-se aprisionado; visto

que essa rosa envia para todo o ser um chamado ininterrupto para libertar a verdadeira e silenciosa esfinge das areias do deserto, então é claro que a Escola sempre recomenda a seus alunos que transfiram o centro de gravidade de sua vida biológica, do templo biológico, para o templo do coração, pois o templo do coração é o templo da alma, e esta deve ser a luz de Cristo. A alma deve tornar-se o Filho do Pai. Por isso, o coração deve festejar novamente sua Belém, seu renascimento.

Isso de modo algum significa que o templo biológico seja roubado em sua glória, ao contrário! Quando o templo da alma se tornar novamente luz, todos os processos biológicos serão beneficiados. E ao mesmo tempo será aberta para vós a porta do Santo dos Santos, o templo mais elevado, o da cabeça, o do espírito, o da sabedoria.

Assim vereis que a chave dos mistérios gnósticos está no coração. O rei, o espírito, deve ser liberto no coração e, conduzido pela luz da alma, novamente assentar-se em seu trono, no santuário mais elevado. Por isso, também para vós, devem ressoar continuamente, no sentido mais profundo, as palavras:

*Silenciemos perante o Senhor!
Convertamos assim o coração.
Abramos o altar e aqueçamos
na luz do Sol universal
o Santo que ali está oculto.
Façamos cessar o trabalho no santuário biológico
e transfirmos o serviço de altar positivo para o coração.*

Se fordes bem sucedidos as correntes de luz da salvação fluirão em vós. Elas preencherão todo o vosso ser e vos envolverão com uma veste de luz, como um campo de respiração, uma veste áurea nupcial. E na quietude dessa imensa esfera de luz, a personalidade inteira será levada à transfiguração. Após o restabelecimento da

alma, a ligação com o espírito vivente, a confrontação com Pimandro, será o resultado. E, por fim, perfeita regeneração do atributo, da instrumentária, da personalidade.

Sobre esse processo, diz um dos nossos rituais: “Este é o único e exclusivo mistério que a Gnosis nos dá. Para nós, nascidos da natureza, surgirá um rebento do tronco cortado da árvore da vida, e a ligação será restabelecida. E só então poderá ter início a obra da grande recriação”.

Esse início deve ser festejado no coração. Abri, pois, o coração, tendo antes nele ancorado o centro de gravidade de vossa vida. Purificai o coração para que a luz possa nele penetrar. E nessa pureza, nessa harmonia, nessa clareza serena, pode ser consumada a grande obra.

Silenciemos, assim, perante o Senhor, para que o homem nuplo do princípio ressuscite do túmulo da natureza.

QUE É SABEDORIA?

Que é sabedoria? Deveras, uma pergunta clássica! Hermes, com sua questão, tem em vista a sabedoria que está na base de toda a existência. E a Gnosis hermética dá uma resposta. E com ela também aparece em nossa consciência a figura de Apolônio de Tiana, de quem, assim como de Jesus, o Senhor, se pode ser dizer: “Do Egito chamei o meu filho”.

Mas o que é a sabedoria de Deus?

*Ela é o bem, e o belo, e a bem-aventurança,
e toda a virtude, e a eternidade.*

*A eternidade forma o mundo pondo-o numa ordem
ao compenetrar a matéria de imortalidade e de duração.*

Nos versículos 12 e 13 há uma referência ao fato de que também a sabedoria divina está indissolivelmente ligada à substância primordial, à matéria, a cada átomo. Abraxas* com suas quatro emanções, o sol universal onde têm origem o amor, a vontade, a sabedoria e a ação, está presente em cada átomo. Os atributos — que em Hermes são as personalidades — são extraídos e estruturados a partir da matéria primordial, na qual Deus mesmo está oculto. Nesse processo de estruturação ocorre um intercâmbio entre forças e elementos; matérias e forças são continuamente transmutadas. A consequência disso é que a personalidade está sempre submetida a mudança contínua até chegar finalmente

ao perfeito equilíbrio com o Noûs e a alma, com Pimandro e Hermes, com a alma-espírito. E então, a inteira entidade está na imutabilidade.

Assim, Deus, eternidade, mundo, tempo e gênese confluem para uma *unidade*. Deus e criatura, nesse estado de ser, estão unificados no sentido mais verdadeiro da palavra. Então, Deus está no Noûs, o Noûs na alma, a alma na matéria, e isso tudo pela eternidade.

O fato de que, na visão hermética da onimanifestação, Deus e criatura constituem *uma* entidade, esclarece por que, na Escola Espiritual gnóstica, falamos de “unidade* de grupo”. Procurai compreender essa concepção com mais profundidade. Se reconhecerdes que o campo do espírito, o da alma e o da substância primordial são inseparáveis, logo tomareis consciência de que, à luz da Gnosis, a existência separada é um paradoxo. Existência separada, individualismo aguçado, o “eu sou”, que caracteriza especialmente os europeus ocidentais, opõem-se de modo absoluto à natureza do Logos. Lemos no versículo 17:

E esse grande corpo que abrange todos os corpos é interiormente preenchido e exteriormente envolvido por uma alma repleta de consciência espiritual e preenchida por Deus, uma alma que vivifica o Universo.

O Universo manifestado é uma unidade de grupo magnífica. Não um grupo semelhante a um rebanho, como pretendem os sistemas totalitários da Igreja e do Estado e como a Grande Farsa que descrevemos na primeira parte do livro *Desmascaramento: À sombra dos próximos acontecimentos*. Não é uma unidade de grupo forçada, mas uma unidade da verdadeira inteligência em perfeita liberdade, o mosaico áureo de almas livres; a unidade da luz, da realidade divina do assim chamado sétimo raio, a unidade e a realidade da perfeita luz sétupla.

Sabeis que existem leis cósmicas de radiação. A lei de radiação, a plenitude radiante que agora tem poder sobre a humanidade, plenitude radiante à qual a jovem Gnosis quer reagir de modo perfeito, é a lei do sétimo raio, que quer conduzir-vos à verdadeira unidade de grupo.

Vede, a luz é tudo em todos. Nessa luz, todos os antagonismos e desigualdades tornaram-se um, reunidos em amor por meio da ação de Deus, o criador de todo o bem, o Senhor e regente de toda a ordem das sete regiões cósmicas, assim diz o versículo 30.

Por isso, não nos esforçamos por uma fraternidade em sentido burguês, que neste mundo é chamada de democrática, porém esforçamo-nos pelo grande amor do qual fala Jesus Cristo. Ao candidato aos mistérios gnósticos é dada a possibilidade de ter uma visão desse novo e poderoso quadro mundial e, sobretudo, de reconhecer que tudo tem um alento. Ele percebe que todos são movimentados pelo ritmo das leis de radiação segundo sua própria natureza, todavia, em elevada e absoluta unidade. Para cada aluno da Escola Espiritual gnóstica, a unidade de tudo em todos e com todos precisa tornar-se uma idéia absoluta da qual agora talvez ainda seja difícil para vós formar uma imagem correta.

O homem gnóstico liberto sabe que essa unidade existe, tanto com os do lado direito como com os do lado esquerdo, assim diz o versículo 34. Talvez saibais o que isso significa. A senda da direita é o caminho da vida que busca Deus de maneira positiva e consciente, o caminho da extinção do eu, do nascimento da alma e da libertação definitiva. A senda da esquerda é o caminho da vida que se afasta de Deus, o caminho do engano, da cegueira e da ilusão.

Nós nos afastamos, em princípio, de todos os que são da senda da esquerda, uma vez que nos submetemos à única lei universal que governa o estado de alma vivente. Mas, na prática, não podemos considerar-nos separados de nada e de ninguém, pois todos e tudo formam uma unidade. Por isso, o amor de Deus também

se dirige incessantemente a tudo o que está em desarmonia, a tudo o que se desvia da lei universal. Ele acompanha o homem em qualquer situação, até que ele se regenere em sua força.

Como atua o amor de Deus? Os vários aspectos da lei das radiações formam, em conjunto, uma lei única, uma ordem de radiação mais elevada. Essa lei de radiação é Abraxas, o amor, o sol universal, que está oculto em todos e em tudo. Quem se conduz de maneira harmoniosa com essa lei de amor eterno experimentará sua bem-aventurança. Mas, quem com ela se comporta de maneira desarmoniosa queimar-se-á nessa mesma luz que, então, se converte em fogo. Quem prejudica a coesão fundamental será apanhado pelas conseqüências desse dano. Ele próprio sempre se inclui nessa situação, pois existe uma única lei de coesão, a lei do sétimo raio, a lei da verdadeira unidade de grupo, lei também do Corpo Vivo da jovem Gnosis.

A filosofia hermética distingue, portanto, luz e fogo. A luz é o calor do amor de Deus, o fogo é a tribulação desse amor. Assim lemos no versículo 29. Porém, no fogo, ou seja, pela tribulação, o amor todo-poderoso prova sua presença e sua atuação para que todos e tudo, por fim, possam irromper no calor da luz. O versículo 41 diz:

Pois bem, sabe que cada corpo vivo é composto de matéria e alma, tanto o corpo imortal como o mortal, tanto o racional como o irracional.

E agora pode-se perguntar: o desvelo de Deus atingiu tudo e todos? Sim, em sentido absoluto, atingiu toda a natureza vivente, todos os reinos naturais, até as conseqüências mais extremas, portanto, com a inclusão de todas as esferas infernais e tudo o que é horrível e venenoso. Porque, enfim, é preciso ponderar que tudo, por mais degenerado que seja, proveio das possibilidades e das forças do grande reino anímico sétuplo. E o que nele está

em desarmonia somente pode ser transformado, corrigido e sanado pela lei universal do amor, que não desampara nada nem ninguém.

Considerai tudo o que acontece em nosso mundo, todos os problemas, os muitos medos, ódios e terríveis ameaças. Acreditais que só pode haver uma solução mediante força, assassínio, sangue e lágrimas? Só existe esta solução: a força do amor, o fogo do amor de Deus. E, portanto, o amor deve descer até a mais profunda perdição para, no momento oportuno, poder auxiliar os interessados. As conseqüências desse amor universal que tudo sustenta foram reconhecidas e abordadas na literatura mundial por vários autores como, por exemplo, Jakob Wassermann em sua primorosa obra *Christian Wahnschaffe*.⁶ Pensai em figuras como Buda, que se recusava a matar o mais insignificante ser.

A salvação de tudo que soçobrou, o restabelecimento da harmonia da onimanifestação, apenas é possível pelo emprego do amor. Por isso, Siegfried combate o dragão e Hermes domina a serpente sibilante. Contudo, a espada, que tanto Siegfried como Hermes usam, não é a espada da violência, do ódio, da ameaça e do assassínio; é a espada do fogo do amor de Deus, que os torna invencíveis.

Se tiverdes reconhecido isso do imo, sabereis que também a ordem da natureza, por nós denominada “natureza da morte”, não é sem esperança. Na Escola Espiritual da Rosacruz, distinguiamos a natureza da morte e a natureza da vida. *Devemos* fazer isso porque devemos estar atentos à situação real, porque devemos ensinar-vos a sair do lado do fogo e ir para o lado da luz. Deveis primeiro imergir na luz para, depois, a partir dela, a serviço do mundo e da humanidade, transformar o fogo em luz.

⁶Romance em dois tomos (*Eva e Ruth*) publicado em 1919 (N. E.).

Em essência, porém, apenas existe *uma* natureza, *um* único reino. Como homens-alma não podemos provocar separação interiormente. Fundamentados na prática, para delimitação do nosso caminho, para determinação mais precisa do nosso objetivo, devemos realmente fazer a distinção e dizer: “Voltamo-nos para a luz!” Mas, assim que conseguirmos elevar-nos na luz, assumiremos imediatamente a maravilhosa tarefa de servir a humanidade com todas as conseqüências.

Se nos fixamos na separação, diz o versículo 60 do segundo livro de Hermes, somos como o homem comum:

Quanto à transformação, o homem comum fala de morte porque o corpo é dissolvido e a vida se retira para o invisível.

Todavia, como é magnífico que a luz se torne fogo para que o que queima se torne luz! Não temos todos experimentado o ardor em nossa vida? O ardor na queima da purificação, da tribulação, do aperfeiçoamento, da consumação de tudo que é inferior, a fim de que, desse fogo consumidor, possam desenvolver-se as asas do novo pássaro de fogo?

Vamos prosseguir com comentários mais explícitos sobre todos os aspectos do conceito de onipresença colhidos do conhecimento divino.

Sabeis agora que “tudo está em Deus” e, portanto, também vossa alma renascida, se já a possuí. Pimandro no versículo 70 diz: *Tudo está em Deus; porém não como num determinado lugar, porque um lugar é corpóreo e imóvel.*

E vimos que o corpo anímico e a personalidade liberta são atributos da alma-espírito. Espírito, alma e corpo formam uma tríade. Por isso, é preciso considerar que o microcosmo, renascido como unidade perdida em Deus, é também onipresente, onibarcante. Todo o Universo, onde espírito, alma e corpo existem em unidade, está pleno de consciência anímica e espiritual. Todo esse

conjunto é uma unidade de grupo, o que significa que a consciência de cada alma também é uma consciência onipresente. Por isso o microcosmo renascido é onipresente, oniabarcante.

Partindo desse ponto de vista, considerai que não há ninguém que mais compreenda, mais abarque, que nada existe que seja mais rápido e mais poderoso do que quem venceu a natureza da morte; que a alma-espírito renascida é mais inteligente, mais rápida, mais poderosa do que tudo, diz o versículo 71. Pimandro diz a Hermes com júbilo nos versículos 72 a 74:

Ordena à tua alma que vá à Índia, e ela lá estará antes mesmo que lhe ordenes. Ordena-lhe que vá para o oceano e logo lá estará; não como se ela tivesse feito uma viagem de um lugar para outro, mas como se já lá se encontrasse. Ordena-lhe mesmo que suba ao céu; ela não precisará de asas para isso, nada pode impedi-la, nem o fogo do sol, nem o éter, nem o movimento processual do firmamento, nem os corpos das estrelas: ela cortará todos os espaços e em seu vôo se elevará até o último dos corpos celestiais.

Quem anela por essa liberdade absoluta, a esse ela será concedida. Nada poderá impedi-lo de obtê-la se ele seguir esse caminho, evidentemente.

Reconhecei agora o poder de que dispodes! Já possuíis o poder da integridade. Esse poder já repousa em vós, mas ainda não o utilizastes. Ainda vos agarrais em demasia às coisas comuns, ainda vos prendeis muito às imagens ilusórias do plano horizontal. Vós mesmos vos refreais.

Contemplai a onipresença! Libertai vossa alma, e a onipotência de Deus tornar-se-á realidade em vós. Libertai em vós o poder da integridade, percorrendo a senda da luz, a senda da Gnosis da luz. Então, em relação a vós, um dia, também se dirá:

Do Egito chamei o meu filho.

BIOGRAFIA DO AUTOR

Jan van Rijckenborgh, pseudônimo de Jan Leene, foi um rosacruz moderno e um gnóstico hermético — duas qualificações que marcaram toda sua vida.

Ele nasceu em Haarlem, na Holanda, em 1896, numa família de orientação cristã. Ainda jovem, aprofundou-se em questões religiosas e principalmente na aplicação conscienciosa destas na vida cotidiana. Devido a isso, afastou-se do cristianismo superficial bem como da mentalidade teológica sem nenhuma profundidade. Seu grande senso de justiça levou-o a ligar-se ao movimento trabalhista que já tomava fortes contornos em sua juventude. Esse foi um período bastante agitado no qual o professor dr. A.H. de Hartog (1869-1938) atraía multidões à igreja com sua *Teologia Realista*. Jan Leene era um de seus ouvintes. Com de Hartog ele aprendeu o profundo significado das palavras da Epístola aos Romanos, onde é dito que *a nova vida é o verdadeiro sacrifício*.

Jan Leene e seu irmão Zwier Willem Leene, ambos ardorosos buscadores, foram aos poucos se conscientizando da direção que deviam tomar a fim de poder aplacar sua fome da única realidade. Em 24 de agosto de 1924 eles lançaram a primeira e ainda modesta base para a construção do verdadeiro Lar da Libertação para a nova era: o *Lar Sancti Spiritus*. Durante essa primeira fase construíram a Escola de Mistérios da Rosacruz, inspirados pelos Manifestos dos rosacruzes da Idade Média. A fim de ter acesso aos textos originais, Jan Leene visitou a *British Library* em Londres. *Esses documentos encontram-se provavelmente há duzentos anos nas estantes desta biblioteca sem que ninguém sequer*

tenha olhado para eles! Em janeiro de 1937 apareceram suas traduções em holandês dos Manifestos: a *Fama Fraternitatis R.C.*, a *Confessio Fraternitatis R.C.* e *As núpcias químicas de Cristiano Rosacruz Anno 1459*, num único volume, com o título: *O testamento espiritual da Ordem da Rosacruz.*

Ele queria, assim, tornar conhecidos a essência e o chamado da Escola de Mistérios do Ocidente, conforme é dito no frontispício da primeira edição. O objetivo era a reforma geral, o deslocamento da ênfase da vida para o desenvolvimento da alma, de maneira que pelo renascimento ela se preparasse para encontrar o espírito de Deus.

Para elucidar o ideal rosacruz o mais amplamente possível, ele serviu-se dos escritos do “filósofo teutônico” Jacob Boehme, do sábio chinês Lao Tsé e do poeta silesiano Johannes Scheffler (1624–1677), que passou a ser conhecido como Ângelo Silésio. Principalmente alguns versos deste último, também citados com frequência pelo professor de Hartog, formaram a base para o desenvolvimento de um ensinamento gnóstico-transfigurístico inteiramente novo para a era atual. Antes da Segunda Guerra Mundial, Jan Leene continuou a publicar ainda com o pseudônimo *John Twine*. Mais tarde, escolheu o pseudônimo *Jan van Rijckenborgh*, como símbolo da riqueza gnóstica que lhe era permitido transmitir a seus alunos e ouvintes interessados.

Em todas as suas obras ele fez uma ligação com aspectos gnósticos na literatura mundial, mostrando desse modo muitos pontos em comum no hermetismo, na Bíblia e, principalmente, nos Manifestos rosacruzes da Idade Média. Além disso, ele elucidou os *insights* e pensamentos de Paracelso, Comênio e Fludd. Embora rejeitasse o Cristo histórico das igrejas, sua escola era e é puramente cristocêntrica, ou seja: totalmente baseada na força universal de Cristo e em sua atividade onipenetrante.

A obra de J. van Rijckenborgh consiste em milhares de alocações nas quais a doutrina gnóstica de libertação é o ponto central.

Em 1935/36 ele publicava o semanário *Aquarius*, no qual punha abaixo muitos “valores sagrados” e descrevia os acontecimentos vindouros. Através do mensário *Het Rozekruis* ele fez soar a voz da Escola em desenvolvimento. A cruz foi plantada no mundo. No “mensário esotérico” *De Hoeksteen* ele explicou a base sobre a qual o trabalho de renovação do espírito, da alma e do corpo devia ser realizado. Após sua morte, em 1968, o mensário *De Topsteen* (1969–1978) anunciava o período da colheita. Muitas de suas explicações e alocações encontram-se registradas na forma de quarenta livros de sua autoria. Estes livros são publicados pela Rozekruis Pers em Haarlem; muitos deles já se encontram disponíveis em dezessete idiomas.

A Escola de Mistérios da Rosacruz desenvolveu-se, transformando-se na Escola Espiritual Internacional da Rosacruz Áurea, que atua em todo o mundo ocidental, possuindo no momento 175 instituições em 36 países.

J. van Rijckenborgh, que sempre considerava o futuro com justificado otimismo, disse em 1968, no final de sua existência: *Espero que minha vida possa ter acrescentado um pequeno golpe de martelo na eternidade.*

GLOSSÁRIO

Para que o leitor tenha uma melhor compreensão da terminologia que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea emprega, figuram neste glossário as palavras que no texto foram acompanhadas de um asterisco (*). O número entre colchetes corresponde à página onde o termo foi mencionado pela primeira vez.

Abraxas: Designação gnóstica para o caráter universal do amor de Deus, por exemplo, na doutrina de Apolônio de Tiana. [235]

Alma-espírito: O caminho da endura, caminho do discipulado numa escola espiritual gnóstica, tem por objetivo despertar a alma imperecível de seu estado latente. Assim que ela acorda de seu sono mortal, é restabelecido o vínculo com o Espírito universal, com Deus. Esse vínculo restaurado entre o espírito e a alma, entre Deus e o homem, comprova-se na gloriosa ressurreição do Outro, no retorno do verdadeiro homem à casa do Pai. A alma que consegue festejar essa ligação, essa unificação com o “Pimandro”, a Gnosis original egípcia, é a alma-espírito. É a unidade Osíris — Ísis, Cristo — Jesus, Pai — Filho, o casamento alquímico de Cristiano Rosacruz dos rosacruzes clássicos, o casamento do noivo celeste com sua noiva celeste. [184]

Atar a rosa à cruz: Fase do discipulado em que o aluno, orientado por um entendimento claro e por um autêntico desejo de salvação,

leva o homem-eu, o seu ser nascido na matéria, a declinar num “morrer diário” para que o verdadeiro homem-Deus, o homem-Pimandro, possa ressuscitar. [19]

Átomo-centelha-do-espírito: Ver **Rosa do coração**. [53]

Átomo original: Ver **Rosa do coração**.

Authades: A força com cabeça de leão: a vontade ímpia do homem nascido da matéria; a vida ímpia do homem-eu em sentido geral. Nome tirado do evangelho gnóstico *Pistis Sophia*, de Valentino. [112]

Auto-rendição: Ver **Gnosis universal quántupla**. [19]

Campo de respiração: Campo de força imediato da personalidade no qual sua vida é possível. É a área de conexão entre o ser aural e a personalidade e está em perfeita concordância com esta em sua ação de atração e repulsão de forças e substâncias para a sua vida e sustentação. [87]

Cátaros: (do gr. *katharos*: puros) Movimento iniciático cristão que se desenvolveu na Europa entre os séculos XI e XIV, sobretudo no Sul da França, na região montanhosa dos Pirineus, conhecida como Sabartez, ou Languedoc. Ali, ao redor de Sabart-Tarascon e das aldeias vizinhas de Ussat-Ornolac, nas muitas grutas existentes desde a pré-história e transformadas em santuários naturais, se constituiu o lugar de longa, severa e dura iniciação dos cátaros. Eles, a exemplo dos essênios e dos primeiros cristãos, levavam uma vida ascética de alta espiritualidade, vivenciando na prática um cristianismo puro, numa total auto-renúncia a tudo o que era deste mundo. Não possuíam bens nem dinheiro, dedicando-se inteiramente à comunidade, pregando o Evangelho e curando

os enfermos, pois também eram terapeutas. Contudo, foram acusados de heresia pelo Papa Inocêncio III, que enviou a histórica Cruzada contra os albigeneses, em 1209. Durante o tempo que ela durou, numa seqüência trágica de mortes e torturas, cidades inteiras da região e os castelos de quem os defendia foram saqueados, com as populações, incluindo mulheres e crianças, sendo passados a fio de espada.

Após a queda de Montségur em 16 de março de 1244, duzentos e cinco cátaros foram queimados vivos numa imensa fogueira. Os poucos remanescentes abrigaram-se, então, na grande gruta subterrânea de Lombrives, chamada a Catedral do Catarismo, onde mais tarde, em 1328, quinhentos e dez cátaros foram emparedados vivos, encerrando assim a epopéia medieval desse movimento mártir. Os cátaros eram também denominados “os puros, os perfeitos, os bons homens”, porque, seguindo o caminho dos mistérios cristãos, haviam operado em seu ser a reformação, e assim, tal como verdadeiros discípulos de Cristo, a serviço do mundo e da humanidade, galgavam o “caminho das estrelas”, o caminho da transformação (ou transfiguração, na linguagem da jovem Fraternidade gnóstica). Fazendo alusão a esse estado de puro, a Escola Espiritual fala de alma renascida, a alma-espírito que, por sua ligação restabelecida com o espírito, obteve outra vez a participação na sabedoria divina, a Gnosis. Maiores informações sobre a vida dos cátaros podem ser encontradas no livro *O caminho do Santo Graal*, de Antonin Gadal. [61]

Corrente gnóstica universal: Ver **Fraternidade Universal**. [110]

Cosmocratas: Sete seres naturais poderosos, também chamados deuses, que estão muito estreitamente ligados à origem da criação e aplicam as leis cósmicas fundamentais. Juntos formam o Espírito sétuplo da onimanifestação. No livro *Pimandro* são denominados regentes. [226]

Demiurgo: Ser espiritual emanado de Deus, o Pai; o Demiurgo é o criador do mundo a partir da substância primordial, que não foi criada por ele, mas por Deus, o Pai. Ele é uno com o Verbo, com a alma do mundo. [40]

Demônio: Literalmente: “força natural”. Quando o homem se unifica com essas forças, ao fazer a vontade divina em obediência espontânea, elas se manifestam em seu caminho como poderosos auxiliares para a divinização. Caso contrário, o homem as sente como reações hostis, como demônios vingativos, as forças do destino. Então elas correspondem às conseqüências cármicas que determinam o destino humano no caminho da experiência. Os éons naturais criados pela vida natural cega do homem decaído também são chamados éons, mas em sentido negativo acentuado. [45]

Dialética: Nosso atual campo de vida onde tudo se manifesta em pares de opostos. Dia e noite, luz e trevas, alegria e tristeza, juventude e velhice, bem e mal, vida e morte, etc., são binômios inseparáveis. Um sucede o outro de maneira inevitável e, assim, um comprova o outro. Em virtude dessa lei fundamental, tudo o que existe nesta ordem de natureza está sujeito a contínua mudança e desintegração, ao surgir, brilhar e fenecer. Por isso, nosso campo de existência é um domínio do fim, da dor, da angústia, da destruição, da doença e da morte. Por outro lado, de um ponto de vista superior, a lei da dialética é, ao mesmo tempo, a lei da graça divina. Por meio da destruição e da renovação constantes, essa lei impede a cristalização definitiva do homem, ou seja, seu declínio inexorável. Ela sempre lhe oferece uma nova possibilidade de manifestação e, com isso, uma nova chance de reconhecer o objetivo de sua existência e percorrer a senda do retorno mediante a transfiguração, mediante a renascimento pela água e pelo Espírito. [20]

Doutrina Universal: Não é “doutrina” no sentido comum da palavra, tampouco se encontra em livros. Em sua essência, é a realidade vivente de Deus pela qual a consciência enobrecida para tanto aprende a ler e compreender a onisciência do criador. [64]

Endura: Caminho da demolição do eu, senda da última morte por meio da entrega do eu ao Outro, ao homem imortal, o Cristo em nós. É a vereda do homem joanino, o “endireitar as veredas para seu Senhor”. É a concretização do aforismo: “Ele” — o Outro celeste — “deve crescer, e eu devo diminuir”; eu devo declinar para que o Outro celeste possa viver em mim. A endura é o caminho clássico de todos os tempos. Nesse caminho o homem decaído, mediante uma transformação completa de sua vida, pode tomar consciência de sua natureza verdadeira e imortal e retornar ao lar do Pai. O caminho do homem no mundo da dialética é uma vida para morrer. A endura é uma morte voluntária para viver: “Quem deseja perder sua vida por minha causa, esse a encontrará”. [18]

Éons: 1. Enormes períodos de tempo. 2. Grupo dirigente hierárquico de espaço e tempo, às vezes indicado como *aons* ou *archontes*. Monstruosa formação de potestades da natureza, antídivas, criadas pelo homem decaído no decorrer dos tempos, em consequência de sua vida contrária a Deus, ou seja, pelo pensar, querer e desejar da humanidade decaída, pois todos os seus impulsos, inclusive os pretensos bons, os criam e alimentam. Essas potestades manipulam abusivamente todas as forças naturais da dialética e da humanidade terrena, impulsionando-as a uma atividade ímpia em prol do próprio e tenebroso objetivo desse grupo: a automanutenção. Esse agrupamento hierárquico conseguiu livrar-se da roda da dialética, às custas, porém, de terrível sofrimento humano, mas tal “libertação” só poderá ser mantida com incalculável egoísmo, enquanto a humanidade, apesar de ser sua criadora, permanecer como sua presa e acorrentada à roda do nascimento e da morte,

umentando assim e conservando a dor neste mundo. Tais potestades, em seu conjunto, são às vezes denominadas hierarquia dialética ou “príncipe deste mundo”. [55]

Escola Espiritual: Escola de Mistérios dos Hierofantes de Cristo. (ver **Fraternidade Universal**). [17]

Esfera material/esfera refletora: As duas metades que compõem o campo de existência da ordem de natureza dialética. A esfera material é o domínio em que vivemos quando em nosso corpo material. A esfera refletora é a região onde se desenvolve, entre outras coisas, o processo de morte e reencarnação. Abrange, além das esferas do Inferno e do Purgatório (a esfera da purificação), também a que é chamada “Céu” e “vida eterna”, na religião natural e no ocultismo. Essas esferas celestes, a existência nessas esferas bem como na esfera material, estão sujeitas a um fim, à temporalidade. Portanto, a esfera refletora é a morada transitória dos mortos, o que não quer dizer que a personalidade do falecido venha novamente a nascer, pois a personalidade quádrupla não subsiste. Somente o núcleo mais profundo da consciência, o raio espiritual ou centelha dialética, é temporariamente recolhido no ser aural, formando a base da consciência de nova personalidade terrena, que é construída pelo ser aural em colaboração com as forças ativas na gestante. [179, 32]

Farsa, Grande: Intenso e refinado plano da esfera refletora visando a imitar a volta do Senhor, e que utilizará todo o ocultismo do Além, manifestando-se por meio de extraordinários fenômenos físicos. Mais detalhes sobre os fenômenos do declínio intensivamente preparados que acompanharão o fim deste dia cósmico e tentarão aprisionar a humanidade inteira e cegá-la numa ilusão irresistível o leitor encontrará no livro *Desmascaramento*, de J. van Rijckenborgh, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1983. [34]

Fraternidade Universal: Hierarquia do divino reino imutável que constitui o corpo universal do Senhor. Há também muitas outras denominações como: Igreja invisível de Cristo, Hierarquia de Cristo, Corrente gnóstica universal, Gnosis. Em sua atuação em prol da humanidade decaída apresenta-se como Fraternidade de Shamballa, Escola de Mistérios dos Hierofantes de Cristo ou Escola Espiritual dos Hierofantes, configurando-se na jovem Fraternidade gnóstica. [110]

Gnosis: a) O Alento de Deus; Deus, o Logos, a Fonte de Todas as Coisas, manifestando-se como espírito, amor, luz, força e sabedoria universal; b) A Fraternidade Universal como portadora e manifestação do campo de radiação de Cristo; c) o conhecimento vivo que está em Deus e que se torna parte dos que, mediante o renascimento da alma, entraram no nascimento da luz de Deus, isto é, no estado de consciência de Pimandro. [17]

Gnosis original de Hermes: Indicação de que todo o conhecimento gnóstico verdadeiro do atual período da humanidade tem sua origem na fonte da Gnosis egípcia, de que todo trabalho gnóstico de salvação tem suas raízes no conhecimento primordial de que, para o homem, a libertação somente é possível por meio da ressurreição do homem hermético ou homem-Mercúrio, o verdadeiro homem divino que vive com a consciência iluminada por Deus. E também, por esta razão, quando a Bíblia testemunha: “Do Egito chamei meu Filho”, isto aponta para a origem de todo trabalho de libertação. [24]

Gnosis universal quádrupla: Designação conjunta das cinco fases de desenvolvimento pelas quais o caminho para a vida se revela no aluno: 1) discernimento libertador; 2) desejo de salvação; 3) auto-rendição; 4) nova atitude de vida; 5) ressurreição no novo campo de vida.

Hierofante: Ver Fraternidade Universal. [32]

Homem natural: O homem nascido da matéria e sujeito à lei da ordem natural da dialética. [27]

Lípica: O firmamento aural, conjunto dos centros sensoriais, centros de força e focos nos quais todo o carma da humanidade está gravado. Nosso ser terrestre e mortal é projeção desse firmamento e inteiramente determinado por ele quanto às suas possibilidades, limitações e seu caráter. A lípica representa toda a carga de pecados do microcosmo decaído. [155]

Logos: O Verbo criador, a Fonte de Todas as Coisas. [32]

Lúcifer: O fogo-alma ímpio, o gás hidrogênio não-divino, queimando tanto no eu inferior como na alma dialética em manifestação, assim como no eu superior, o deus ígneo aural, que sempre irradia esse fogo ímpio como alma numa nova personalidade mortal. [59]

Maniqueus: Movimento surgido no século III d.C., fundado por Mani, que foi perseguido, acusado de procurar juntar numa vasta síntese o ensinamento dos primeiros gnósticos, o cristianismo e o budismo. O maniqueísmo ressurgiu nos ensinamentos dos cátaros ou albigenses. [59]

Microcosmo: O ser humano como *minutus mundus*, pequeno mundo, constitui um sistema de vida de forma esférica. Do centro para a periferia se pode distinguir: a personalidade, o ser aural e um campo espiritual magnético sétuplo. O verdadeiro homem é um microcosmo. O que neste mundo se denomina “homem” é apenas a personalidade mutilada de um microcosmo degenerado. Nossa consciência atual é uma consciência da personalidade e,

por conseguinte, consciente apenas do campo de existência a que pertence. O *firmamento* ou *ser aural* representa a totalidade de forças, valores e ligações resultantes das vidas das diversas manifestações de personalidades no campo de manifestação. Todas essas forças, valores e ligações formam, em conjunto, as luzes, a constelação de nosso firmamento microcósmico. Essas luzes são focos magnéticos que, em concordância com a sua natureza, determinam a natureza das forças e substâncias que são atraídas da atmosfera e introduzidas no sistema microcósmico e, portanto, também na personalidade. Conseqüentemente, assim como é a natureza dessas luzes, assim é a personalidade! Para mudar a natureza da personalidade é preciso antes mudar a natureza do firmamento aural, o que só é possível pela oblação do ser-eu, da total demolição do eu. O *campo de manifestação* (ou *campo de respiração*) é o campo de força imediato no interior do qual se torna possível a vida da personalidade. Ele é o campo de ligação entre o ser aural e a personalidade. Em seu trabalho de atração e repulsão das forças e substâncias em benefício da vida e da conservação da personalidade, ele é inteiramente *uno* com esta última. [68]

Noûs: Santuário do coração do homem dialético completamente purificado e livre de toda influência e atividade da natureza e que vibra de modo inteiramente harmonioso com o átomo-centelha-do-espírito. Apenas em tal coração purificado é que pode ocorrer o encontro com Deus, a conscientização de Pimandro. [37]

Perfeitos: (*parfaits*) Os “bons hommes” e “bonnes femmes” entre os cátaros, os que realizaram a alma renascida, a qual encontrou o seu Pimandro. [82]

Pineal: (ou epífise) Quando, junto com o cundalini, que reage somente ao impulso da verdadeira luz espiritual, a glândula pineal é inflamada pela luz da Gnosis via átomo-centelha-do-espírito,

glândula timo e hormônio crístico, então o conjunto passa a constituir o trono do raio crístico, da iluminação interior, a porta aberta pela qual a sabedoria de Deus é transmitida diretamente ao homem. [169]

Pistis Sophia: a) Evangelho gnóstico do século II, atribuído a Valentino. Narra com impressionante pureza e em todos os pormenores o caminho único de libertação em Cristo, a senda da transmutação e da transfiguração; b) também o verdadeiro aluno, que persevera até atingir a meta. [92]

Porta de Belém: Denominação para o estado do coração de quem realiza a reversão total de sua vida com verdadeiro desejo de salvação. Tal pessoa abre o coração para a entrada da luz gnóstica e assim prepara o “estábulo”, o coração desvirtuado e impuro, para o nascimento do Cristo interior. Em cada verdadeiro aluno, Belém torna-se o início do antiqüíssimo caminho que encontra seu glorioso termo no Gólgota, o lugar do crânio, pela ressurreição do verdadeiro filho de Deus no microcosmo. [19]

Renova: Foco central da Escola de Mistérios da jovem Fraternidade gnóstica, localizado em Lage Vuursche, Holanda. [15]

Roda do nascimento e da morte: Ciclo do nascer, viver e morrer da personalidade conforme a lei da dialética seguido da revivificação do microcosmo mediante nova personalidade. [77]

Rosa do coração: Designação mística para o átomo-centelha-do-espírito, localizado no centro matemático do microcosmo, que coincide aproximadamente com a parte superior do ventrículo direito do coração. Também chamada semente áurea de Jesus, jóia maravilhosa na flor de lótus, átomo original ou átomo de Cristo, ela é resquício da vida divina, é o germe de um microcosmo novo,

a semente divina preservada no homem decaído como uma promessa da graça, até chegar o momento em que ele se lembre de sua origem e seja preenchido pelo anseio de retornar à casa paterna. Então é criada a possibilidade para que a luz do sol espiritual, a luz da Gnosis, possa despertar o botão de rosa retraído e, no caso de uma perseverante reação positiva do aluno, possa iniciar-se o processo da completa regeneração do ser humano, segundo o plano divino de salvação. [19]

Rosacruz clássica: Escola de mistérios de Johann Valentim Andreae, manifestação da Fraternidade Universal em fins do século XVI e XVII. Andreae publicou importantes obras, entre elas *As núpcias químicas de Cristiano Rosacruz*, considerada o mais importante testamento da Ordem da Rosacruz clássica, um dos pilares luminosos em que está alicerçado o trabalho da Rosacruz Áurea.

Semente-Jesus: Designação na *Fama Fraternitatis Rosæ Crucis*, o testamento clássico dos rosacruzes, para o átomo-centelha-do-espírito. Ver **Rosa do coração**. [65]

Ser aural: O conjunto das forças, valores e restrições como resultado da vida das diferentes manifestações da personalidade no campo de manifestação, os quais formam as luzes, as estrelas do firmamento microcósmico. Essas luzes são focos magnéticos e determinam a natureza do campo magnético espiritual, portanto, determinam a espécie de forças e substâncias que são extraídas da atmosfera e acolhidas pelo sistema microcósmico e também pela personalidade, que corresponde à natureza dessas luzes. Uma transformação do caráter da personalidade deve ser precedida pela transformação da natureza do firmamento, que só é possível pelo sacrifício do eu, a aniquilação total do ego. [91]

Sistema: Sistema de vida, microcosmo. [18]

Tao: A fonte única de todas as coisas (Tao é uma designação utilizada por Lao Tsé no *Tao Te King*). [126]

Unidade de grupo: A unidade de grupo requerida pela natureza da Escola Espiritual não é uma manifestação exterior de solidariedade bem intencionada, mas a unidade interior da nova vida anímica que cresce na Gnosis e se prova em nova atitude de vida conforme o espírito do Sermão do Monte. [236]

LIVROS PUBLICADOS PELA EDITORA ROSACRUZ

OBRAS DE

J. VAN RIJCKENBORGH

-
- O advento do novo homem
 - A Gnosis original egípcia – tomos 1, 2, 3 e 4
 - Christianópolis
 - Análise esotérica do testamento espiritual da Ordem da Rosacruz:
 - Vol. I: O chamado da Fraternidade da Rosacruz
 - Vol. II: Confissão da Fraternidade da Rosacruz
 - Vol. III: As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz - t. 1
 - Vol. IV: As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz - t. 2
 - O mistério iniciático cristão: Dei Gloria Intacta
 - Filosofia elementar da Rosacruz moderna
 - Um novo chamado
 - O Nuctemeron de Apolônio de Tiana
 - O remédio universal
 - A luz do mundo
-

CATHAROSE DE PETRI

- 24 de dezembro
 - A Rosacruz Áurea
 - Sete vozes falam
 - Transfiguração
-

CATHAROSE DE PETRI E

J. VAN RIJCKENBORGH

- A Gnosis chinesa
 - O caminho universal
 - A Gnosis universal
 - A grande revolução
 - O novo sinal
 - Reveille!
-

A. GADAL

- No caminho do Santo Graal
-

ECKARTSHAUSEN

- Algumas palavras do mais profundo do ser
-

MIKHAIL NAIMY

- O livro de Mirdad
-

OUTROS TÍTULOS

- O evangelho dos doze santos
 - Trabalho a serviço da humanidade
 - O caminho da Rosacruz no dias atuais
-

SÉRIE CRISTAL

- 1- Do castigo da alma
 - 2- Os animais dos mistérios
 - 3- O conhecimento que ilumina
 - 4- O livro secreto de João
-

INFANTO-JUVENIL

- Histórias do roseiral
 - João Ultim nascido
-

REVISTA PENTAGRAMA

Uma edição bimestral que se propõe a atrair a atenção dos leitores para o desenvolvimento da humanidade



EDITORA ROSACRUZ

Caixa Postal 39 – 13.240 000 – Jarinu – SP – Brasil

Tel (11) 4016.1718; fax 4016.5638

www.editorarosacruz.com.br

info@editorarosacruz.com.br

IMPRESSO PELA GEOGRÁFICA
A PEDIDO DA EDITORA ROSACRUZ EM AGOSTO DE 2006

A GNOSIS ORIGINAL EGÍPCIA

O CORPUS HERMETICUM

COMENTADO POR

J. VAN RIJCKENBORGH

No Egito antigo, Hermes Trismegisto revelou o conhecimento sobre a verdade eterna, a Gnosis, em textos como o *Corpus Hermeticum* e a *Tabula Smaragdina*, que influenciaram de forma determinante toda a história espiritual do Ocidente.

J. van Rijckenborgh, nos quatro tomos da *Gnosis original egípcia*, torna acessível ao leitor moderno esse conhecimento hermético. Ele mostra que todo o conhecimento gnóstico verdadeiro do período atual da humanidade pode ser encontrado na Gnosis original egípcia e que a única libertação possível é a ressurreição do verdadeiro homem divino, que vive com a consciência iluminada por Deus, razão por que a Bíblia testemunha: “Do Egito chamei meu filho”.

ISBN: 85-88950-35-9



9 788588 950351

TOMO

1

